









# NOTICIAS ARCHEOLOGICAS

DE

## PORTUGAL

PELO

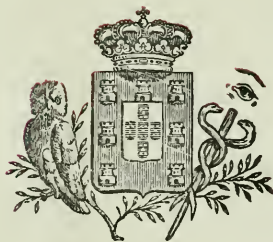
DR. EMILIO HÜBNER

PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE BERLIN

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

TRADUZIDAS E PUBLICADAS

POR ORDEM DA MESMA ACADEMIA



LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA

1871



O doutor Emilio Hübner veio á Hespanha e a Portugal em 1861 encarregado pela Academia Real das Sciencias de Berlin d'uma missão archeologica. Os relatorios da sua viagem dirigidos á Academia, contendo noticias circumstanciadas de tudo quanto digno de menção se lhe offerecia em relação ao objecto principal das suas investigações, formam um grosso volume in 8.º. A leitura das paginas consagradas a Portugal determinou a Segunda Classe da Academia a fazel-as traduzir e publicar.

Ao conhecimento dos auctores portuguezes, embora de pouca auctoridade, que em trabalhos especiaes, ou de passagem se occuparam de antiguidades romanas, reúne o nosso consocio de Berlin o das fontes estrangeiras e, o que é mais ainda, dos escriptos ineditos e conservados nas bibliothecas da Hespanha, da Italia, da França e da Allemanha. Mas isto, que era indispensavel para o exame dos monumentos existentes e para a noticia dos que a nossa incuria tem deixado destruir ou perder, não é tudo. Era preciso que o homem encarregado de colligir todas as inscrições romanas da Peninsula fosse um epigraphista consummado.

O doutor Emilio Hübner fôra escolhido pela Academia de Berlin. A critica lapidar, sciencia difficillima e que requer, além d'uma somma enorme de conhecimentos archeologicos, uma longa pratica e um sentimento apurado da antiguidade classica, possui-a o nosso auctor em summo grau; e é isso o que, sobretudo, dá importancia aos seus escriptos. N'um paiz, como o nosso, onde escriptores de auctoridade suspeita gozam ainda de credito, onde, por consequencia, os estudos archeologicos e as verdadeiras noções da critica estão completamente abafados n'uma pesada atmospheria de erros, que tem atravessado trez seculos, é um bom serviço

a publicação d'estas paginas, nas quaes aprenderão todos, se não a discernir o verdadeiro do falso, pelo menos a precaver-se, em beneficio das letras patrias, contra a demasiada confiança prestada, em taes materias, aos escriptores nacionaes.

A esta parte, incontestavelmente a mais util, ajuntam-se as noticias, agora pela primeira vez reunidas n'um só volume, de quanto existe ainda em Portugal digno de menção e de estudo em assumpto de antiguidade romana.

O auctor não quiz compor um livro: escreveu um relatorio n'aquella aprazivel fórma, que tão interessantes torna os escriptos d'este genero no estrangeiro; e isso concorre para dar a este trabalho, porventura, mais interesse. Ha ahi particularidades, minudencias, e ás vezes digressões, talvez condemnaveis n'um livro de fórmas severas e escripto ex professo e para os eruditos, mas que, n'este caso, satisfazem plenamente os fins que a Academia teve em vista vulgarizando este trabalho.

Pouco ha de mão estranha n'essas paginas, além das notas do sr. Theodoro Mommsen, da transcripção das inscripções, que o auctor apenas indicava, e d'alguma rara nota necessaria para melhor intelligencia d'um ou d'outro ponto. Os trez appendices que seguem o trabalho do doutor Hübner, julgou-os a Academia não só uteis aos estudiosos, mas necessarios para completar uma parte dos trabalhos do auctor ácerca de Portugal.

A. S.

---



# NOTICIAS ARCHEOLOGICAS DE PORTUGAL

---

O principal objecto da minha estada em Lisboa, foi inteiramente semelhante, pela identidade do assumpto, embora n'uma área mais circumscripta, ao que me occupou em Madrid. Verdade é que a propria cidade e os seus arrabaldes possuem uma quantidade importante de inscrições, o que não acontece na capital de Hespanha, onde quasi absolutamente se não encontram.

Do seculo XVI, cuja segunda metade, tambem em relação a Portugal, se pôde assignalar como a época do renascimento dos estudos classicos, poucos documentos originaes, que eu saiba, se conservam aqui ácerca de antiguidades romanas. Assim é que não ha noticia de um *caderno* de André de Rezende, com inscrições, de que no seculo seguinte estava de posse o licenciado Jorge Cardoso, como assevera Marinho d'Azevedo <sup>1</sup>; e tão pouco de algumas antiguidades interessantes, que tambem existiam em poder do mencionado Cardoso. Apenas no manuscrito do conde Guimerá <sup>2</sup> se leem algumas communições autographas feitas por André de Rezende a Florian Do Campo, ácerca da maior parte das inscrições encontradas nos arrabaldes de Lisboa, as quaes contem muitas coisas ineditas não aproveitadas por Diogo Mendes de Vasconcellos, quando, em 1593, depois da morte de Rezende, deu á luz em Evora a obra incompleta do mesmo intitulada *Libri quatuor de antiquitatibus Lusitaniae*. O proprio Do Campo, no manuscrito de que tratei no ultimo relatorio de Madrid <sup>3</sup>, dá noticia de algumas inscrições verdadeiramente notaveis, de que elle extrahiu copia durante as excursões que parece haver feito, fóra da Extremadura hespanhola, á fronteira portugueza; inscrições estas que ficaram totalmente igno-

<sup>1</sup> *Fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa*, 2.ª edição, 1753, III, p. 19 e 21.

<sup>2</sup> *Inscripciones de Memorias Romanas*, etc. Ms. de Madrid.

<sup>3</sup> *Antiquae inscriptiones et epitaphia*. Bibl. nac. de Madrid, Q 130.

radas pelos escriptores que lhe succederam, tanto em Portugal, como em Hespanha.

Seria baldado empenho querer descobrir o «promptuario de lettreiros» ou *promptuarius inscriptionum*, que frei Bernardo de Brito menciona frequentemente como manuscrito que possuia<sup>1</sup>; auctorisando com tal documento as visíveis falsidades de que está inçada a sua Chronica. Este *promptuarius* corre parelhas com o *Laymundus de antiquitatibus Lusitanorum* do anno 868, com *Mestre Menegaldo*, *Pedro Alladio* e outros manuscritos que Brito tão amiude cita, não obstante haverem de certo existido unicamente na sua imaginação. Os numerosos testemunhos com que elle tentou justificar, no principio do seu livro, a existencia d'estas obras na bibliotheca do mosteiro de Alcoçaba, serviram provavelmente de pretexto a um monge do referido mosteiro para addicionar a uma chronica manuscripta anonyma, existente n'aquella bibliotheca, o nome de Laymundus<sup>2</sup>; mas o arcebispo d'Evora frei Fortunato de S. Boaventura demonstrou<sup>3</sup> que o supposto Laymundus era a chronica de Martinus Polonus. O dr. João de Barros conservou algumas inscrições nas suas noticias d'Entre Douro e Minho<sup>4</sup>, das quaes Argote mais tarde se aproveitou. Além d'isto só restam do seculo XVI algumas inscrições no 3.º Dialogo de Amador Arraes, ou Arraiz<sup>5</sup>.

No seculo XVII, principalmente durante o governo dos dois reinos sob Philippe II e seus successores, as falsidades da chronica do padre Roman de la Higuera operaram damnosa influencia nas investigações historicas portuguezas. Parece que elle escrevera tambem ácerca da antiga Lusitania uma obra nomeadamente citada por Cardoso<sup>6</sup>, bem como uma historia de Braga<sup>7</sup>. Nem d'uma, nem de outra pude encontrar vestigio nas bibliothecas de Hespanha, e tão pouco, até hoje, nas bibliothecas portuguezas. Passa por um dos seus discipulos e correspondentes Gaspar Alvares de Louzada, secretario do arcebispo de Braga D. Agostinho de Castro, e tambem citado por Cardoso<sup>8</sup>. D'elle só vi dois

<sup>1</sup> *Monarchia Lusitana*, v. I, f. 218 da 1.ª edição, 1597.

<sup>2</sup> Veja-se o *Index codicum bibliothecae Alcobatiae*, Lisboa, 1755, p. 119, n. 353.

<sup>3</sup> *Commentariorum de Alcobacensi mstorum bibliotheca libri tres*, Coimbra, 1827, p. 70 f.

<sup>4</sup> *Libro das antiguidades e cousas notaveis de antre Douro e Minho e de outras muitas de Hespanha e Portugal*, escripto em 1549, ms. *Bibliotheca nacional*, A 4. 27. (Tambem existe na Bibliot. publ. do Porto e na do exc. visconde de Azevedo, etc.)

<sup>5</sup> *Da gloria e triumpho dos lusitanos*, edição de 1589.

<sup>6</sup> *Agiologio lusitano*, II, p. 162 e 749.

<sup>7</sup> Fr. Manuel do Bom Jesus, no *Jornal de Coimbra*, IV, 1813, p. 142.

<sup>8</sup> *Agiologio lusitano*, I, p. 184.

manuscriptos nada importantes em referencia a antiguidades romanas: um, original, em poder de sua magestade el-rei D. Pedro V; o outro, em copia, na Bibliotheca Nacional <sup>1</sup>. D'entre os escriptores d'este seculo, a quem mereceram consideração as inscripções, devem mencionar-se: frei Luiz dos Anjos <sup>2</sup>; o arcebispo D. Rodrigo da Cunha <sup>3</sup>; frei Antonio da Purificação <sup>4</sup>, e finalmente o já mencionado Jorge Cardoso <sup>5</sup>, que se propunha a escrever uma obra intitulada *Monumentos de Portugal* <sup>6</sup>. As obras d'estes escriptores, as quaes se não encontram em Berlim, em Paris e em Madrid, foram por mim consultadas, parte na bibliotheca da Academia Real das Sciencias, onde me franquearam com a maior promptidão e boa vontade livros e manuscriptos, e parte na Bibliotheca Nacional, onde me lisongeio de haver obtido não menos benevolo acolhimento.

No seculo XVIII a *Academia real de historia portugueza*, fundada em 1720 por D. João V, apresentou, pela primeira vez, investigações propriamente historicas em substituição á litteratura, por assim dizer, monastica em que se haviam baseado até então todas as indagações historicas e archeologicas <sup>7</sup>. Os trabalhos da referida Academia acham-se consignados nos quatorze volumes de folio grande e nos dois de quarto que compoem a *Collecção de documentos e memorias* (1721 a 1736), que eu já havia consultado em Paris na bibliotheca do Instituto de França, e n'um volume contendo a sua historia escripta pelo marquez d'Abrantes (1727). N'esta collecção se encontram insertos, afóra algumas pequenas memorias ácerca de assumptos epigraphicos, os trabalhos do padre Jeronymo Contador d'Argote, que, além dos de Resende, são, até esta época, a principal fonte a consultar com referencia a inscripções em Portugal. No oitavo volume (1728) da *Collecção* vem publicada a sua Memoria em quatro livros, que se intitula *Antiquitates conventus Bracaraugustani*, escripta em latim e portuguez. Foi impressa á parte em 1738, augmentada com um quinto livro. N'outra obra do mesmo auctor, *Memorias para a historia ecclesiastica de Braga* <sup>8</sup>, conteem-se

<sup>1</sup> A 2, 29.

<sup>2</sup> *Jardim de Portugal em que se dá noticia de algumas santas e outras mulheres illustres em virtude etc.* Coimbra, 1626.

<sup>3</sup> *Historia ecclesiastica dos arcebispos de Braga*, 1634 e 1635; e *Historia ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, 1642.

<sup>4</sup> *Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho*, Lisboa, 1642 e 1656.

<sup>5</sup> *Agiologio lusitano*, Lisboa 1652 a 1666, continuado por Antonio Caetano de Sousa, 1744.

<sup>6</sup> *Agiologio lusitano*, III, p. 726.

<sup>7</sup> Sejam exemplo os dez tomos do *Santuário Marianno e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora*, de frei Agostinho de Santa Maria, Lisboa, 1707 a 1723.

<sup>8</sup> Quatro volumes, 1732 a 1747.

exactamente as mesmas inscripções. Como eram as communicações feitas á Academia pelos correspondentes d'esta que serviam a Argote de base para os seus trabalhos, era para desejar que se podessem comparar estes com as ditas informações para determinar o grau de auctoridade que merece. Grande parte d'estas memorias se encontram na Bibliotheca Nacional e não na collecção da actual Academia. Taes são a de Luiz Alvares de Figueiredo, bispo de Uranopolis e depois arcebispo da Bahia, a qual tem por título *Noticias do arcebispado de Braga*<sup>1</sup>; as *Memorias resuscitadas da provincia de Entre Doiro e Minho*<sup>2</sup> de Francisco Xavier da Serra Craesbeck; as *Noticias relativas á villa de Chaves*<sup>3</sup> de Thomé de Tavora e Abreu, e a *Lista das inscripções de Chaves*, de João de Moraes e Castro<sup>4</sup>. Não encontrei, porém, as relações de Pedro da Cunha e Sottomayor, do qual apenas existem algumas cartas na Bibliotheca Nacional<sup>5</sup>.

Confrontando estes documentos com os livros de Argote, infere-se que elle, preocupado com a idéa de encher os seus in-folios, reproduziu quasi na integra as memorias que lhe vieram ás mãos, sem lhes addicionar coisa alguma essencial; mas tambem sem lhes fugir aos erros no texto das inscripções e na designação dos logares. Não pôde, por isso, imputar-se-lhe falsificação manifesta, nem sequer apparente.

Sob a influencia directa da Academia, foi tambem começado o Diccionario Geographico do padre Luiz Cardoso, obra de que só se publicaram os primeiros dois livros que comprehendem as letras A-C. A continuação foi interrompida, como tantas outras coisas, pelo grande terremoto de 1755.

Este acontecimento assignala uma época memoravel para o progressô da litteratura em Portugal, em cuja capital estava quasi completamente concentrada toda a actividade litteraria. Nos quinze a vinte annos subsequentes a esta catastrophe nada se fez importante respectivamente a esta ordem de estudos. Mesmo a collecção de inscripções, que, com o título de *Lithologia Lusitana*, Joseph Antonio da Cunha, aliás desconhecido para mim, remetteu, provavelmente no anno de 1760, á Academia de Historia de Madrid<sup>6</sup>, poucas informações contém que eu não haja encontrado com mais exactidão em outras fontes.

Comtudo, poucos annos depois do terremoto (em 1758), o marquez de Pombal, cujo vasto plano de reorganização tambem não deixava no olvido estes es-

<sup>1</sup> A 1, 25 e 26.

<sup>2</sup> A 4, 28.

<sup>3</sup> A 4, 32, f. 94.

<sup>4</sup> Citado por Argote nas *Memorias*, I, p. 280, e em outros logares.

<sup>5</sup> O 5, 24.

<sup>6</sup> Ms. da bibliotheca da mesma Academia, C 466.

tudos, mandou proceder em todos os logares do reino a informações estatísticas, cujos documentos originaes, compilados em um *Diccionario geographico*, de quarenta e tres volumes de folio, se conservam no archivo nacional chamado *Torre do Tombo*. Mandou-se ás differentes auctoridades, aos parochos etc. um questionario impresso, á semelhança do que Philippe II já em parte havia feito nos seus estados. As respostas foram, nã verdade, muito desconnexas, e pequena a colheita de inscrições novas. Não obstante isto, quem tiver tempo para ler com vagar estes relatorios ha de, com certeza, encontrar ali muitas noticias valiosas ácerca de ruínas de antigas povoações, de tradições de nomes antiquados e do descobrimento de antiguidades, etc.

Póde verdadeiramente considerar-se como o restaurador dos estudos de humanidades em Portugal D. frei Manuel do Cenaculo Villas Boas, da ordem terceira de S. Francisco, mestre do neto d'el-rei D. José, depois bispo de Beja (bispado que o marquez de Pombal restabeleceu unicamente por causa d'elle) e por ultimo arcebispo d'Evora, cargo que exercia quando falleceu em 1814 na idade de noventa annos<sup>1</sup>. Tendo estado em Roma no anno de 1750, e depois algum tempo lendo philosophia e theologia em Coimbra, onde se iniciou com o seu concurso a criação da *Academia liturgica pontificia*, que só mais tarde se estabeleceu, foi chamado a Lisboa para presidir á educação do principe e para outros altos encargos. Aqui, no convento da sua ordem, de Santa Maria de Jesus (hoje séde da Academia), começou a reunir uma collecção de inscrições, parte da qual levou para Beja, quando em 1777 assumiu o bispado d'esta diocese, para que estava nomeado desde 1770. Além do incessante cuidado que punha na fundação de escólas, como já em Lisboa havia activamente trabalhado na instituição de cadeiras destinadas ao ensino das linguas classicas orientaes, proseguiu então com singular zelo em colligir as antiguidades dispersas e esquecidas, principalmente na parte de todo descurada do sul de Portugal. Frequentes vezes terei de me referir a este diligente indagador. Não publicou coisa alguma sobre epigraphia; deixou, porém, nos seus *Cuidados litterarios*<sup>2</sup> algumas informações dos estudos que a tal respeito fizera. Nas notas á vida de S. Sizenando, visigodo de Beja, que morreu martyr dos moiros de Cordova<sup>3</sup>, tencionava elle dar conta de todos os monumentos encontrados n'aquella cidade.

Deve considerar-se como discipulo d'este, frei Vicente Salgado, da mesma ordem religiosa, o qual em 1796 compoz uma *Collecção dos monumentos romanos descobertos em Portugal*, que se encontra manuscrito na bibliotheca de

<sup>1</sup> Veja-se o seu *Elogio historico* nas *Memorias* da Academia, IV 1, 1815, p. LXIII, ff.

<sup>2</sup> *Cuidados litterarios do prelado de Beja em graça do seu bispado*, 1791.

<sup>3</sup> Ms. da bibliotheca d'Evora.

Santa Maria de Jesus<sup>1</sup>, ainda hoje no antigo local fazendo parte da bibliotheca da Academia, a que foi incorporada. Como a maior parte dos escriptores hespanhóes d'aquelle tempo, occupou elle a sua vida escrevendo pouco proveitosamente sobre toda a sorte de assumptos. As suas obras ineditas comprehendem mais de duzentos maços. Ácerca de antiguidades só publicou as *Conjecturas sobre huma medalha etc.* (1784) destituídas de todo o fundamento, porque attribue sem razão ao povo dos vetões uma medalha que, ha muito, se reconheceu pertencer a Sagunto.

Tambem são muito insignificantes os trabalhos, pouco mais ou menos da mesma época, do padre Thomaz Caetano do Bem, a que terei de me referir quando tratar das inscripções de Lisboa.

A Academia Real das Sciencias (fundada em 1778 pelo Duque de Lafões, porque a antiga *Academia de historia portugueza* havia cessado de existir) tem publicado algumas communicacões ácerca de inscripções nos quinze volumes da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> serie das suas memorias (1780 a 1856).

Aconteceu-me aqui o mesmo que em Madrid; em vão procurei nos relatorios manuscriptos dos correspondentes das provincias noticia de monumentos ineditos. Ha n'elles certamente grande copia de descripções, já extensas, já resumidas, relativas aos diversos districtos e cidades; mas nem uma communicacão epigraphica, não obstante varias instrucções impressas darem causa a tal supposiçãõ.

São superficiaes e pouco aproveitaveis as numerosas dissertações ácerca do estado do reino, durante o dominio romano e anteriormente a elle, do academico Antonio Ribeiro dos Santos, as quaes, juntamente com grande quantidade de manuscriptos seus, se conservam na Bibliotheca nacional. A obra do architetto inglez Murphy, *Travels in Portugal* (London, 1795), gosa no tocante a antiguidades e inscripções romanas de um conceito immerecido, por quanto não sabe absolutamente discernir o falso do verdadeiro, o antigo do moderno. Devemos, porém, mencionar aqui tres viajantes hespanhóes, que por este tempo vieram a Portugal. Foi o primeiro, em 1772, o franciscano frei Sebastian Sanchez Sobrino<sup>2</sup>. Foi elle só que nos deixou informações ácerca da primeira collecção de inscripções feita em Lisboa por Cenaculo, e que juntamente com Salgado começou o catalogo do monetario, então ainda pequeno, do dito bispo<sup>3</sup>. O segundo foi o celebre Perez Bayer, que, em 1782, visitou em Beja a Cenaculo e tambem copiou depois, em Lisboa, as inscripções que por este ha-

<sup>1</sup> Gab. 5.<sup>o</sup>, est. 13.<sup>a</sup>, num. 23.

<sup>2</sup> *Viaje topografico desde Granada a Lisboa*, por Anastasio Franco y Bebrinsaez (anagramma de Sebastian Sanchez Sobrino), Granada, 1774.

<sup>3</sup> Bibliotheca da Academia, E 8, 42 e 54.

viam sido deixadas no convento de Jesus, e as que, entretanto, lhes foram adicionadas, provavelmente por intervenção de Salgado. O ultimo, finalmente, foi D. José Cornide, que se demorou em Portugal durante os annos de 1794 e 1795, encarregado pela academia hespanhola de estudar as antiguidades d'este reino. Teve elle ainda occasião de examinar muita coisa que eu tenho em vão procurado, principalmente noticias manuscriptas em poder de particulares. A maior parte dos seus papeis encontram-se em Madrid; de alguns, porém, existem copias na Bibliotheca nacional de Lisboa. Resta por ultimo mencionar, do seculo em que estamos fallando, frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, que algumas inscrições conservou tambem nos dois volumes do seu *Elucidario*<sup>1</sup>, obra que eu já tinha consultado em Paris.

No principio d'este seculo, foi João Pedro Ribeiro, a quem muito deve a historia patria, que, principalmente para fins diplomaticos, primeiro se occupou de inscrições romanas<sup>2</sup>. Afóra este, o unico académico que me consta escreveu ácerca de inscrições, foi o bibliothecario-mór José Barboza Canaes de Figueiredo Castello Branco, fallecido ha alguns annos, que nas *Actas* da Academia e n'alguns logares das *Memorias* apresentou algumas novas, a maior parte extrahidas das colleções de um empregado da Academia, o sr. Antonio Joaquim Moreira, acompanhando-as de observações na verdade em extremo desapropriadas. Devo tambem á benevolencia do sr. Manuel Bernardo Lopes Fernandes, numismatico da Academia, algumas valiosas informações. De grande utilidade me foi nas investigações bibliographicas o pequeno livro do sr. Jorge Cesar de Fignière<sup>3</sup>, além da antiga *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa (1781), a qual em breve se tornará inutil com o *Diccionario bibliographico portuguez* do sr. Innocencio Francisco da Silva, obra mais circumstanciada, a que o seu auctor modestamente chama *estudos applicaveis a Portugal e ao Brazil*. Tem-se publicado desde 1858 até hoje cinco volumes.

As *schedae* de Accursio, o mais antigo e o melhor subsidio em relação ás inscrições descobertas na Peninsula, só apresentam cinco da cidade de Lisboa; essas, porém, com a exacção costumada. O que cita das *schedis* de Schottus basea-se muito provavelmente nas communicações feitas por André de Resende a Do Campo; pelo contrario, o que elle cita de Strada encontra-se tambem no *Cod. Regin*, do Vaticano, 949 (p. 97). A fonte immediata a estas são as *Antiguidades da mui nobre cidade de Lisboa, emporio do mundo e princeza do mar Oceano*, de Antonio Coello Gasco (escriptas posteriormente a 1625), de que se

<sup>1</sup> *Elucidario das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram, 1798-1799.*

<sup>2</sup> *Dissertações chronologicas e criticas sobre a historia de Portugal*, 5 vol., 1810-1836.

<sup>3</sup> *Bibliographia historica portugueza*, Lisboa, 1850.

conserva copia na *Torre do Tombo*. Seguem-se-lhe, com pequenos intervallos, a *Historia ecclesiastica*, já mencionada, de D. Rodrigo da Cunha (1642) e o livro de Luiz Marinho de Azevedo, também acima citado, cuja primeira edição appareceu em 1652. As copias que se leem n'estes tres auctores são de pouca importancia. Thomaz Caetano de Bem aproveitou-se da obra de Gasco na sua *Carta a um seu amigo acerca de uns monumentos romanos descobertos no sitio das Pedras Negras*<sup>1</sup>. De mais de oitenta inscrições que pude colligir de todas estas fontes, cinco unicamente se encontram ainda n'esta vasta cidade.

São importantes a maior parte das inscrições de Lisboa, e mostram que Olisipo era a segunda cidade da provincia, ou, antes, estava para Emerita, capital official, na mesma relação em que, na provincia Baetica adjacente, Hispallis estava para Corduba. Isto é facil de explicar attendendo-se ás incomparaveis vantagens da posição de Lisboa em referencia a Merida, as quaes desde tempos immemoriaes a destinaram para ser o emporio commercial da Peninsula.

Entre as dedicações aos deuses ha duas a Esculapio, uma consagrada por um collegio de *cultores Larum*<sup>2</sup>, e a outra por dois augustaes. Esta ultima foi achada em 1770, na rua dos Retrozeiros, n'umas grandes thermas provavelmente de aguas mineraes, e ainda ali existe. É do theor seguinte:

SACRVM  
AESCVLAPŌ  
M · AFRANIVS · EVPORIO  
ET  
L · FABIVS · DAPINVS  
A V G  
MVNICIPIO · D

É assim que ella foi communicada por Oderici a Marini. Murphy<sup>3</sup> fecha a inscrição por MVNICIP·ODI... , que Borghesi lia OLI(*siponensis*). Só pôde completar-se bem DE(*derunt*), ou D(*onum*) D(*ant*), suppondo que os augustaes houvessem consagrado uma capella a Esculapio no interior das thermas publicas da cidade. Perdeu-se a seguinte dedicação, provavelmente bastante antiga, que vem inexacta em Grutero<sup>4</sup>:

<sup>1</sup> Inserta na 2.<sup>a</sup> edição do *Summario . . . de Lisboa, de Christovão Rodrigues de Oliveira*, 1755, p. 153 a 176.

<sup>2</sup> Grut. 69. 12. AESCVLAPIO || AVG || SACRVM. CVL || TORES LARVM || MALIAE. MALIOLI || M. COSSVTIVS || MACRINVS || DONAVIT.

<sup>3</sup> P. 186, taboa VIII, 8.

<sup>4</sup> 100, 9.



CONCORDIAE  
SACRVM  
M·BAEBIVS·M·F  
M·M·FEL·IVL  
DAT

Isto é: um M(*uniceps*) M(*unicipi*) FEL(*icitatis*) IVL(*iae*). Perto d'aquellas thermas devia haver um sanctuario consagrado á MATER DEVM, porque a muito pouca distancia se encontraram duas inscripções a elle relativas, as quaes Henzen<sup>1</sup> transcreveu de Murphy<sup>2</sup>, e ainda hoje se conservam. A leitura da segunda convenceu-me da exacção das rectificações, ainda as menos essenciaes, propostas por Mommsen a Henzen<sup>3</sup>; d'accordo com as quaes é a dita inscripção consagrada MATRI DEVM MAG(*nae*) IDEAE por uma CERNOPHOR(a) FL(*avia*) TYCHE, e pertence ao anno 108. Esta data determina tambem a época das outras inscripções achadas n'este logar, as quaes se assemelham completamente no caracter da letra e na qualidade das lapides. São ellas: a outra inscripção de Cybelle, a de Esculapio, a de L. Caecilius L. f. Celer Rectus, questor da provincia bética, tribuno popular e pretor<sup>4</sup>, e a seguinte de Mercurio:

M E R C V R  
C A E S A  
A V G V S T  
C · I V L I V S · P I I *ladespotus*  
P E R M I S S V  $\nabla$  D E C *urionum*  
D E D I T            D *edicavit*

No principio lia-se talvez MERCVR[*io et numini*, ou *pro salute*] CAESA[*ris*] AVGVST[*i p. p.*]. Estas quatro inscripções, actualmente collocadas na parede de

<sup>1</sup> Henzen, num. 5839. DEVM. MATR. || T. LICINIVS || AMARANTHVS || V. S. L. M. Ibidem, num. 5840. MATRI DE || VM. MAG. IDE || AI. PHRYG. FL || IYCHE CERNO || PHOR. PER. N. LIVI || CASS. FE. CASS. SEV. || M. AT. ET. ANN. COSS. CAL.

<sup>2</sup> *Travels in Portugal*, tab. VIII, in C. D.

<sup>3</sup> A'cerca d'esta inscripção, que o sr. Henzen chamára «titulus nimis corruptus», e das rectificações do sr. Mommsen, veja-se a carta do sr. Renier, que vae no appendice A. — (S.)

<sup>4</sup> Henzen, n. 5199. L. CAECILIO. L. F. CELERI RECTO || QVAEST. PROVINC. BAET. || TRIB PLEB. PRAETORI || FEL. IVL. OLISIPO.

uma casa fronteira á egreja da Magdalena, que pertenceu ao marquez de Pom- bal, e a de Esculapio, são as unicas que ainda existem. A inscripção de Mer- curio não deve confundir-se com outra consagrada ao mesmo deus pelo au- gustal C. Julius. . . ., a qual, segundo affirmam Cunha<sup>1</sup> e Azevedo<sup>2</sup>, foi achada junto á Porta do Sol. A dedicação feita por dois augustaes *divo Augusto*<sup>3</sup> prova que Olisipo estabelecera o culto de Augusto, se não antes, pelo menos logo de- pois da morte d'este.

No anno de 1798 descobriram-se na rua de S. Mamede umas notaveis rui- nas de um theatro, de que hoje não resta vestigio algum. Em redor das pilas- tras e dos nichos do proscenio estava escripta a seguinte inscripção, que vem transcripta por diverso modo em tres differentes logares da dissertação, que, ácerca do mesmo theatro, publicou Luiz Antonio d'Azevedo<sup>4</sup>. Só tenho noticia de outra copia nos manuscritos de Cenaculo. A inscripção devia continuar na mesma linha pela superficie das differentes pilastras e nichos; deixo, porém, de notar a parte comprehendida por cada uma d'ellas, tanto mais que n'este ponto as copias divergem.

NERONI · CLAVDIO · DIVI · CLAVDI · F · GERM · n · AVG · GERMANICO · PONT ·  
 MAX · TRIB · POT · III · IMP · III · COS · II · DESIGNATO · III · PROSCAENIUM ·  
 ET · ORCHESTRAM · CVM · ORNAMENTIS · AVGVSTALIS · PERPETVVS · C ·  
 HEIVS ♠ PRIMVS ♠ CATO · HEIA . . . *dedit dedicavit* <sup>5</sup>

É portanto do anno 57. O dedicador tinha tambem no theatro uma esta- tua que em sua honra mandára erigir por dois libertos seus e pelos filhos d'es- tes. A respectiva inscripção vem por duas vezes transcripta na monographia já citada de Azevedo<sup>6</sup>.

É do seguinte modo :

<sup>1</sup> P. II, c. 9. MERCVRIO AVG. SACRVM. C. IVLIVS || C. IVLII. FIL. AVGVSTALIS. D D.

<sup>2</sup> III, p. 38.

<sup>3</sup> Grut. 227, 8. DIVO. AVGVSTO || C. ARRIVS. OPTATVS || C. IVLIVS. EPTYCHVS || AVGVS- TALES.

<sup>4</sup> *Dissert. critico-filologico-historica, etc.* 1815, p. 41 e 42, taboa III, VI e X.

<sup>5</sup> A lacuna entre GER e AVG era provavelmente muito maior; completava-se bem GER[manici Caes. n. Ti. Caes. pron. divi Aug. abn. Caes.] AVG. Parece errado tambem IMP · III, porque duas lapides do anno 58 designam o imperador por *imp. iterum*; talvez deva escrever-se IMP · P · P · . — (Th. M.)

<sup>6</sup> P. 13, taboa VI e X, X.

a u g u S T A L i

PERPETWO

C · HEIO · C · L ·

PRIMO

5 C · HEIVS · PRIMI · LIB ·  
 NOTHVS · ET · HEIA ·  
 PRIMI · Lib · ELPIS ·  
 HEIA · NOTHA · SECVNDA  
 C · HEIVS · NOTHI · F · GAL  
 10 P R I M V S · C A T O  
 HEIA · NOTHI · F · CHELID  
 c · h E I V S · N O T H I · F · G A L  
 GLAPHYRVS · NOTHIAN

Na linha 8.<sup>a</sup> junto a NOTHA SECVNDA deve subentender-se PRIMI LIB., não querendo alterar NOTHI. *f.* e considerar aquella como filha mais velha de Nothus e Elpis.

Além d'estas inscripções ha tambem outras de Claudio<sup>1</sup>, de Vespasiano<sup>2</sup>, de Sabina<sup>3</sup>, de Commodo<sup>4</sup> e de Filippe<sup>5</sup>, dedicadas pelo *Municipium Felicitas Julia Olisipo*, a maior parte d'ellas por intermedio dos duumviros. Consta, unicamente por asserção de Rezende<sup>6</sup>, visto que Brito<sup>7</sup>, Azevedo<sup>8</sup> e todos os outros auctores d'elle a transcreveram, que, n'um dos degraus por onde se subia para os antigos paços do castello de S. Jorge, se lia a seguinte inscripção<sup>9</sup>:

M · PORCIVS · M · F · M · N · CATO · . . . .

<sup>1</sup> Gasco, p. 308; Cunha, f. 16 e Azevedo, III, p. 77. CLAVDIO. DIVI || CLAVDI. F. SARMAT... || .....SARMAT... || DIVI. AVG. ABN.... || ..... ||

<sup>2</sup> Ibidem. IMP. CAESARI. VESPASIANO || AVG. PONT. MAX. TRIB. POT... || III. IMP. X. P. P. CON. III. DIC || V. CENSOR. DESIG. ANN. IIII || IMPERII. EIVS. FELICITAS. IVL. ||

<sup>3</sup> Grut. 252, 5. SABINAE. AVG. || IMP. CAES. TRAI. || NI. HADRIANI. AVGVSTI || DIVI. NERVAE. NEPOTI || DIVI. TRAIANI. DAC. PAR || FIL. DD. FELICITAS. IVLIA || OLISIPO. PER || M. GELIVM RVTILIVM. ET || L. IVLIVM. AVITVM.

<sup>4</sup> Grut. 261, 6. IMP. CAES. IMPER || M. AVREL. ANTONIN. || AVG. F. D. PII. NEP. DIV. || HADR. PRO. DIVI || TRAI. PARTHIC. ABNEP || L. AVRELIO. COMMOD || ÁVG. GERMAN. SARM || FEL. IVL. OLIS. PER. Q. COE || LIVM. CASSIANVM. ET. M. FA || BRICIVM. TVSCVM ||. VIR.

<sup>5</sup> Grut. 273, 2. IMP. CAES. M. || IVL. PHILIPPO || PIO. FEL. AVG. PONTIF || TRIB. POT. II. P. P. COS. || V. FEL. IVL. OLISIPO.

<sup>6</sup> P. 93 da edição de 1593.

<sup>7</sup> I, f. 175 da 1.<sup>a</sup> edição.

<sup>8</sup> II, p. 95

<sup>9</sup> Grut. 192, 7.

Egualmente affirma Rezende que n'um logarejo chamado Fayão, perto de Cintra, houvera um pedestal com a inscripção mencionada por Grutero<sup>1</sup>:

M·PORCIO·M·F·CATONI  
OB·SINGVL·EI· . . . . .  
. . . . .

Do seu livro a copiaram tambem Brito, Azevedo e outros auctores. Esta foi vista ainda em 1675 por Pereira de Sotto Mayor, testemunha insuspeita, a quem terei de me referir depois. Brito, que não merece credito algum, diz ter visto em Coimbra a copia de uma lapide, encontrada em 1589 no castello de Lisboa por occasião da invasão ingleza; e transcreve por este modo a inscripção:

M·PORTIO·M·F·C· . . . . .  
OB·SING·EIV· . . . . . OS  
. . . . M·VL· . . N· . . . . .

Talvez este CATO seja o legado de Claudio, que figura n'uma inscripção de Metellinum, colonia lusitana<sup>2</sup>. Encontra-se menção de outro legado da provincia . . . *tius Quadratus* em um fragmento citado em Muratori<sup>3</sup>, e confirmado pelas *schedae* de Accursio e todos os outros antigos auctores.

As *thermas* já mencionadas, existiam, ainda no tempo de Constantino, com o nome de *thermae Cassianae*, derivado certamente do seu fundador. É o que se infere de uma inscripção achada no anno de 1772 em um dos compartimentos, escripta em letras vermelhas sobre reboco:

THERMAE CASSIORVM  
RENOVATAE A SOLO IVXTA IVSSIONEM  
NVMERI ALBANI VCPPL  
CVRANTE AVR FIRMO  
NEPOTIANO ET FACVNDI COSS (an. 336 p. Ch.)

<sup>1</sup> 458, 3.

<sup>2</sup> Pelo que adiante se diz acerca da auctoridade de Rezende, sinto-me mais propenso a julgar falsificadas todas estas inscripções, admitindo, quando muito, em attenção ao testemunho de Pereira, que esta falsificação, quer fosse feita por André de Rezende, quer posteriormente, se effectuasse na lapide. — (Th. M.) A inscripção de Metellinum é: *ti. claudio. CAESARI. Aug. germanico. pont. max. TRIB. POTEST. VI. COS. DES. III. imp. XI. p. p. . . porcius . . . F. CATO. LEG. CAES . . . d. d.* (Monatber. abr. 1861, p. 405). — (S.)

<sup>3</sup> 763, 8. . . TIVS. QVADRATVS. LEG. AVG. PR. PR. ||

Vem nas *dissertações* de Ribeiro<sup>1</sup> e no livro intitulado *aguas mineraes de Portugal*<sup>2</sup>; mas a transcripção mais exacta é a que se encontra nos manuscritos de Cenaculo. Todas as copias dão a *Numerius Albanus* o titulo de *v(ir) c(larissimus) p(raeses) p(rovinciae) l(usitaniae)*, e não o de *v(ir) p(erfectissimus)*, como era de suppor em presença do tratamento dado aos dois *praesides* já conhecidos<sup>3</sup>. Talvez, pelos fins do seu reinado, Constantino concedesse o titulo de *clarissimi* aos *praesides* da Lusitania, ou a algum d'elles por excepção<sup>4</sup>.

Quando em 1782 (exactamente quando Bayer veio a Lisboa) foi demolido o arco da Consolação junto á igreja de Santo Antonio da Sé, encontraram-se mais de vinte inscripções romanas. Foram todas para Santa Maria de Jesus; mas desapareceram sem que d'ellas ficasse vestigio. Entre outras havia as seguintes:

Q · IVLIO · Q · F · GAL · PLOTTO  
AED · II VIR · FLAMINI  
GERM · CAESARIS · FLA  
MINI · IVLIAE · AUG · INPERPETVM

Esta inscripção vem impressa unicamente na *Viagem* de Sanchez Sobrino<sup>5</sup>, do que se infere ser ella visivel pelo anno de 1770. N'uma lapida havia as duas seguintes:

FLAMINICAE  
PROVINCIAE  
LVSITANIAE  
SERVILIAE · L · F  
ALBINI · D · D

5

<sup>1</sup> IV, p. 51.

<sup>2</sup> 1810, I, p. 130 segundo uma copia de T. C. de Bem.

<sup>3</sup> São estes: *svlpicius v(ir) p(erfectissimus) p(raeses) p(rovinciae) l(usitaniae)* d'uma inscripção de Merida, e *caecilianus p(erfectissimus) v(ir) praes. lvsitaniae*, d'uma outra de Modena (Orell. 3764). Esta ultima é, na opinião do sr. Mommsen, posterior a Constantino, advertindo que os *praesides* com a designação de *viri perfectissimi* só apparecem depois da segunda metade do III seculo. — (S.)

<sup>4</sup> O sr. Mommsen é d'opinião que este magistrado deve considerar-se o mesmo que n'uma inscripção do anno 387 p. Ch. (Grutero. 1102, 2; Orell. 2354) se denomina *consularis lvsitaniae*, e que *praeses* se deve aqui tomar na accepção mais geralmente conhecida, isto é, como designação generica de governador de provincia, como affirma *Æ. Macer*: «*nomen generale est.*» (Dig. I. *de offi. praes.*) Assim, realmente, se concilia tudo; pois que, gosando o *consularis* do clarissimado, nada mais natural que, com quanto designado aqui com o termo generico de *praeses*, conservar-lhe o titulo honorifico de *clarissimus*, devido á sua dignidade. — (S.)

<sup>5</sup> P. 31, 1.

L V C C E I A E  
 Q · F · ALBINAЕ  
 T E R E N T I A N I  
 D · D

Nota-se aqui tambem que a dignidade de *flaminica* precede o nome, como já vimos nas inscripções do *augustalis perpetuus c. HEIVS PRIMVS*<sup>1</sup>. Entre as restantes contam-se as lapides sepulchraes de varios edis e alguns padrões commemorativos consagrados D(*ecurionum*) D(*ecreto*). Clunia é designada por patria de um dos fallecidos.

Não ha inscripção alguma da época dos visigodos. — São insignificantes as falsificações que se referem a Lisboa. N'este caso está a inscripção de um supposto templo de Thetis consagrado aos *dis maris* por *nautae et remig. Ocea(ni)*<sup>2</sup>, a qual Cunha<sup>3</sup> e Azevedo<sup>4</sup> apresentam como transcripta dos papeis de certo licenciado, para mim desconhecido, por nome João Baptista Grafião; bem como outras duas, que pouca attenção tem suscitado.

Ainda quando não fosse indicada pelos geographos antigos, nem demonstrada por inscripções a existencia de logares importantes nas circumvisinhanças de Lisboa, e na fertil peninsula que se estende entre a foz do Tejo e o Oceano, devia forçosamente ter existido n'este trato de terra uma vasta povoação romana; por isso que, tomando como limite, pelo lado do norte, a linha de Alemquer a Torres Vedras, conto, em mais de vinte localidades diferentes, para cima de setenta inscripções. A maior parte d'ellas são de Cintra e dos logarejos immediatos. As fontes principaes para o conhecimento d'estas inscripções são, além das communicações de Rezende a Do Campo, já mencionadas, o *Catalogo dos priores da igreja de S. Miguel de Cintra, em que se contem algumas antiguidades da mesma villa*, do padre Manuel Pereira de Sottomayor, escripto em 1675, e que se encontra manuscrito na Bibliotheca Nacional<sup>5</sup>. Alguma coisa se colhe tambem, posto que sejam muito imperfeitas as copias, das *Antiguida-*

<sup>1</sup> Cumpre observar que esta precedencia da designação do cargo apparece não só nas lapides da Lusitania, mas tambem e frequentemente nas inscripções de Narbonna (Grut. 445, 6. 496, 3) e Nimes (Grut. 372, 2 e 451, 9. 427, 7. 432, 4. 455, 7. 475, 8. 480, 1. 483, 6; Reines. 6, 65. 75. 83; Mur. 169, 3. 199, 1. 709, 2. 749, 2. 754, 4. 1112, 8; Donat. 91, 3; Millin 4 a, 244. 257. 258.) — (Th. M.)

<sup>2</sup> DIS. MAR. SACR. NAVTAE || ET. REMIG. OCCEA . . . NVS || IN. TEMP. THET . . . OB || TVLERVNT PRO TVENDIS . . . || . . . . . EVD. D.

<sup>3</sup> F. 9.

<sup>4</sup> III, p. 32.

<sup>5</sup> A 4, 14.

*des de Cintra*, do padre Antonio Gomes Barreto, manuscripto que possui o sr. Lopes Fernandes. As inscrições que se leem na *Cintra pinturesca*, do sr. Visconde de Juromenha<sup>1</sup> são textualmente copiadas das obras d'estes dois auctores. É provavel que muito poucas se conservem ainda. Seria trabalho inutil procurar a maior parte d'ellas; em vão o fiz em referencia às mais importantes, as dedicações ao Sol e á Lua, mencionadas em Grutero<sup>2</sup>, as quaes são inquestionavelmente verdadeiras. A primeira d'estas foi encontrada, segundo diz Rezende, «*na foz de Collares*» junto ao Cabo da Roca, e levada para o convento da Pena, em Cintra, hoje transformado em palacio. Era assim:

SOLI · ET · LVNAE  
 CESTIVS · ACIDIVS  
 PERENNIS  
 LEG ᚦ AVG ᚦ PR ᚦ PR ᚦ  
 5  
 PROVINCIAE · LVSITANAĒ

Em vez de CESTIVS, lê-se no texto da obra impressa de Rezende<sup>3</sup> *Cest.*, no do manuscripto de Guimerá<sup>4</sup> *Cesrus*, em Gasco<sup>5</sup> *Caetius*, em quasi todos os auctores de mais moderna data *Cestacidius* n'uma palavra só. Parece que Sottomayor tambem já não viu esta inscrição. Não sei que seja conhecido este legado, nem tenho certeza de ler o nome como elle na realidade deve ser. A segunda inscrição affirma Rezende<sup>6</sup> que existia «*em Nossa Senhora de Melide junto de Collares e foi trazida do templo do Sol onde stava.*» — A ultima parte devia, na verdade, ter-se por duvidosa. Esta inscrição vem nas *schedae* de Metellus, por communicação de Antonio Augustin<sup>7</sup>, e nas de Pighius, em Berlin<sup>8</sup>. Todas as copias impressas emanaram d'estas fontes. D'accordo com estas póde, pois, a inscrição restabelecer-se, pouco mais ou menos, do modo seguinte:

<sup>1</sup> Lisboa, 1838.

<sup>2</sup> 31, 13 e 32, 10.

<sup>3</sup> P. 39.

<sup>4</sup> F. 46 v.

<sup>5</sup> P. 43.

<sup>6</sup> Em Guimerá, f. 46 v.

<sup>7</sup> *Cod. Vat.* 6039, 190 e 6037, 123.

<sup>8</sup> 1220, f. 6.

S O L I · A E T E R N O  
L V N A E

5 P R O · A E T E R N I T A T E · I M  
P E R I · E T · S A L V T E · I M P · C A E S · l  
S E P T I M I · S E V E R I · A V G · P I I · E T  
*imp. CAES. M. AVRELI. ANTONINI*  
AUG · P I I · *et. p. septimii. getae. nob.*  
C A E S · E T · I U L I A E · A V G · M A T R S · C A S  
*tror. et. sen. VALER. COELIANVS*  
10 V · C · *legatvs. AVGVSTORVM. pr. pr.*  
C V R A N T I B U S . . . V A L E R I O Q V A D R A T O  
Q · I V L · S A T V R O · Q · V A L E R I O . . . . .  
T · A N T O N I O . . . . .

É superfluo dar conta de todas as variantes: em parte são ellas o resultado do mau habito, que tinha Rezende, de explicar as palavras e nomes abbreviados por modo differente em cada uma das communicacões que fazia aos seus diversos correspondentes. No fim da linha 8.<sup>a</sup> e principio da 9.<sup>a</sup> lê Rezende CAES || DRVSVS, tendo elle proprio apresentado como duvidoso CAES. Não é talvez grande ousadia substituir-lhe o titulo usual de Julia Domna, que Rezende não percebeu. Na linha 10.<sup>a</sup> escreve elle: *an...usi...augustorum*, e na linha 11.<sup>a</sup> *cumu...s.vale...ni...sua et*. Finalmente considera Rezende em nominativo os nomes *Jul(ius)* e *Anton(ius)*, o que é inadmissivel. Brito extrahе do seu *promptuarium* uma inscripcão falsa, modelada por esta <sup>1</sup>; começa *Phaebo Dianeq. Ulixbonenses* etc. (No seu tempo escrevia-se Lixboa). N'um logarejo chamado Armez viu tambem Rezende em uma grande lapide, proximo da fonte, a seguinte inscripcão escripta em letras de meio palmo de altura:

L · I V L I V S · M A E L O · C A V D C · F L A · D V I · A V G <sup>2</sup>

Quasi pelo mesmo modo a apresenta Sottomayor <sup>3</sup>. Refere-se, visivelmente, a um barqueiro (*caudicarius*).

De todas as restantes inscripcões nenhuma merece menção especial. Os muitos nomes de Julios recordam, decerto, actos de clemencia de Cesar e de

<sup>1</sup> II, f. 410.

<sup>2</sup> Gruter. 321, 7.

<sup>3</sup> F. 10 v.



Augusto. Os nomes apparecem quasi completamente em lingua romance; acham-se inteiramente isolados os sobrenomes celtas, taes como *Tancinus* e *Tongeta*. Entre as inscrições dos restantes logares d'aquella península devem mencionar-se as que foram applicadas na construcção do mosteiro de Chellas. Uma d'ellas vem em Azevedo <sup>1</sup> por esta fórma:

GRAVIO CIGALO	}	isto é, pouco mais ou menos:	{	C. gAVIO (OU C. /flAVIO) C. F. GAL ♀
REG. . . .				RECto
AEDIL. . . .				AEDILi
ANN. XXVIII				ANN. XXVIII

Os edis e augustaes, que, por exemplo, se encontram tambem em inscrições de Torres Vedras <sup>2</sup>, ou pertencem a Olisipo ou a Scalabis. Em Chellas ainda se conserva a lapide de um tumulo christão, do anno 644 <sup>3</sup>. Fronteiro á ermida de Santo Antonio, que fica caminho de Laveiro, a duas leguas de Lisboa, encontrou-se em 1773 o tumulo de um . . . FLAVIUS M. F. GAL. QUADRATUS AQUILIFER LEG II, de que só conservou noticia a collecção de Joseph Antonio da Cunha, em Madrid <sup>4</sup>.

O conhecimento das cidades romanas situadas no sul de Portugal está ainda muito atrazado. Se, por occasião de se proceder a estudos topographicos para a construcção de novas estradas e caminhos, de ferro, se conseguir a indicação exacta de todos os restos, aliás importantes, das vias romanas, hão de, como em Hespanha tem acontecido mais de uma vez, solver-se a maior parte das questões que subsistem a tal respeito. Por em quanto, a falta de plantas das estradas romanas é absoluta; e as indicações do Itinerario pouco esclarecem por si só. Para se fazer uma idéa das difficuldades que a tal respeito apparecem, basta recorrer á apreciavel classificação que fez Bellermann nas suas Antiquidades Romanas em Portugal <sup>5</sup>.

Das tres estradas, que havia entre Olisipo e Emerita, a que se dirigia mais

<sup>1</sup> I, p. 99.

<sup>2</sup> Azevedo, III, p. 82. DIS. MANIBVS || Q. GAI. C. III. Q. I. GAL. CAL. C. III || AN. I. AEDILIS. AN. XXXX || M. GAI. C. III. Q. I. GAI (?) AVIII (?) AN. XVIII || IVLIA. M. F. MARCILIA. MARITO || OPTVMO. III. O (?) PISSIMO. DE. SVO. FECIT.

<sup>3</sup> Azevedo, III, p. 167 e 225.

<sup>4</sup> Biblioth. da Acad. de Hist. 3, 23.

<sup>5</sup> *Die Römische alterthumer in Portugal*, pag. 214 e seguintes das suas *Erinnerungen aus Südeuropa*, Berlin, 1851. A cerca das estradas romanas da Lusitania veja-se o Appendix B.

pelo norte passava por Scalabis, e corria, por algum espaço, ao norte do Tejo. Até Alemquer ha d'ella vestigios determinados. Existia no mosteiro de Chellas um marco milliario d'esta estrada, provavelmente de Caro ou Carino<sup>1</sup>. Francisco de Olanda viu em 1670 junto a Sacavem restos de uma ponte que elle suppoz romana. Gasco<sup>2</sup> cita um marco milliario de Constancio, encontrado em Alverca, a respeito do qual Th. C. de Bem recebeu informação da propria localidade<sup>3</sup>. Em Alemquer existe ainda um marco de Adriano, sem numero de milhas<sup>4</sup>. Colloca-se geralmente n'esta localidade ou perto de Villa Franca a primeira estação, chamada Ierabriga, ou melhor talvez Lerabriga (segundo o *Cod. Vaticanus* N, que segue quasi sempre o Vindobonense) ou Terabriga, como escreve o geographo de Ravenna, (IV, 43, 4)<sup>5</sup>. Em Alemquer encontraram-se tambem quatro lapidas sepulchraes sem importancia. D'aqui até Scalabis parece não se haverem seguido os vestigios da estrada. A colonia Scalabis, chamada Praesidium Julium<sup>6</sup>, cabeça de um dos tres *conventus juridici* da Lusitania, colloca-se em Santarem. Além de que a distancia concorda em geral, tambem a posição elevada que occupa, junto ao rio, defendida pela propria natureza, bem como a existencia de restos numerosos de columnas e outros signaes de povoação romana, tornam provavel que esta localidade corresponda á colonia que devia dominar todo o norte da Lusitania. A pouca valia relativa dos vestigios que ali se encontram do tempo dos romanos provêm, decerto, da importancia que teve a cidade sob o dominio dos arabes e na edade media. Não sei que se tenham ali descoberto senão seis lapides sepulchraes sem importancia alguma; nas duas, que ainda existem, dá-se Olisipo por patria dos fallecidos, que n'ellas se commemoram. É por emquanto ponto não averiguado se a ponte de Terraja (que eu não vi) e a igreja de S. João de Alporão teem alicerces romanos. Apenas merece ser citada uma pequena inscripção que Th. C. de Bem recebeu de Santarem (como elle expressamente declara, B, 32, 4, f. 99) e mandou collocar na parede da sua casa. Bayer transcreve-a assim:

<sup>1</sup> Azevedo, III, p. 102.

<sup>2</sup> P. 317.

<sup>3</sup> V. os seus papeis na Bibliotheca nacional, B, 2, 34, f. 114.

<sup>4</sup> IMP. CAES. || DIVI. TRAIANI. PARTHI || CI. F. DIVI. NERVAE. NEPOS || TRAIANVS. HADRIANVS || AVG. PONT. MAX. TRIB || POT. XVIII. COS. III. P. P. || REFECIT.

<sup>5</sup> As variantes de Ierabriga, segundo Wessling, Parthey e Pinder, são: Ierabrica, Gerabrica, Lerabrica, Lerabriga, Hierabrica.

<sup>6</sup> «Quinta (se. colonia) est Scalabis, quae Praesidium Julium vocatur.» Plinius, IV, 22, ed. Hackiana.

DIEVS  
SVOCESSIS  
RVBERIA  
SABINA

A posição da cidade só pôde com certeza inferir-se do seguimento da estrada, que com toda a probabilidade atravessava, n'este ponto, o rio; visto terem-se descoberto nos logares de Almeirim e Alpiarça, que estão na margem opposta, varios marcos miliarios, que Rezende conservou, de Trajano<sup>1</sup>, de Maximino<sup>2</sup>, de Tacito<sup>3</sup>, e alguns fragmentos. Depois cessam de todo os vestigios da estrada, sendo completamente impossivel determinar o local das estações de Tabucci e (*ad*) *fraxinum*. A segunda, em todo o caso, era uma simples *mansio*. Os restos de uma via romana, mencionados por Luiz Cardoso<sup>4</sup>, junto a Alter do Chão e Alter Pedroso, podem attribuir-se tanto a esta como á segunda estrada que ia de Lisboa a Merida. Em Niza, Crato, Portalegre e Marvão, povoações situadas na região que devia, pouco mais ou menos, atravessar a estrada de que fallamos, tem apparecido varias inscripções. Mencionarei a seguinte de uma lapide sepulchral de Niza, que transcrevo do *Dicc. geogr. ms.*, XXV, pag. 482, por causa do nome celta que n'ella se lê:

MAXVIVS  
TALABARL-F  
ANORUM  
XII . h . s . e  
S . T . T . L

<sup>1</sup> Grut. 158, 8. IMP. CAES. . . . . || . . . . || . . . . || TRAIANVS. AVG. || GER. PONT. MAX. || TRIB. POTEST || IS. II. RESTITV || IT || X. || 1.

<sup>2</sup> Grut. 155, 6; Res., p. 492. IMP. CAES. CAIVS IVLIVS || VERVS. MAXIMIVS. PIVS. FE || LIX. INVICTVS. AVG. PONT. || MAX. PATER. PATRIAE. TRI || BVNICIAE. POTESTATIS. TER. COS. || GERMANICVS. MAX. DACIVS. || MAX. SARMATICVS. MAX. ET || C. IVLIVS. VERVS. MAXIMIVS. || NOBILISSI. CAESAR. PRINCEPS || IVVENTVTIS. GERMANICVS. MAX. || DACIVS. MAX. SARMATICVS. MAX. || IMP. CAES. CAL. IVLI. VERI. MAXI || MINI. PH. FEL. AVG. GERMANICI || MAX. DACICI. MAX. SARMATI || MAX. FORTISSIMI. CAESA || RIS. FILIVS || III. — Ibid. 7; Res., p. 469. IMP || CAES. CAIVS || IVL. VER. . . . || NOB. IMPERA || TOR. V. TRIBVNI || CIAE. PO || TEST. COS. PRO. P. || PATRIAE. . . . || . . .

<sup>3</sup> Grut. 277, 4. IMP. || CAESARI || M. CLAVDIO || TACITO || PIO. F. IN || VICTO || AVG. PONTIF || M. TRIB || POTESTA || TIS. II. COS. || P. P. || . — Ibid. 2. IMP. CAESARI || CLAVDI || O. TACITO || PIO. F. IN || VICTO. || AVG || PONT. M || TRIB. PO || TESTA || TIS. II || COS. PRO || . . . . ||

<sup>4</sup> I, p. 368.

A lapide sepulchral de Capinha, citada por Muratori<sup>1</sup>, menciona tambem uma Talabara. — Frei Lucas de Santa Catharina, na sua *Malta portugueza*<sup>2</sup>, traz a seguinte inscripção:

IOVI  
OPTVMO  
MAXVMO  
VICANI  
CAMALO  
C.....IN

Ácerca d'ella escreveu o napolitano Hieronymo Jordano uma *schediasma* especial<sup>3</sup>, d'onde a transcreveu Donati. Não é possível restabelecer com certeza o nome de *vicus camaloc*..., de que erradamente Jordano quiz fazer uma cidade Camala.

De Portalegre ha a dedicação de *municip(es) Ammai(enses)* a L. Verus<sup>4</sup>; Ptolomeu menciona a cidade *Ἀμμαία*<sup>5</sup>.

Junto a Marvão, ao norte de Portalegre, na fronteira hespanhola ha um lugar chamado Aramenha ou Aremenha, onde se tem encontrado extensas ruinas de uma cidade romana. Em 1797 descobriram-se ali varias inscripções que foram communicadas à Academia pelo seu presidente o duque de Lafões. São interessantes duas d'ellas, posto que nos não digam o nome da cidade. A primeira è a seguinte:

P · CORNELIO  
Q · MACRO  
VIRITIM · A DIVO  
CLAUDIO · CIVITATE  
DONATO  
QVAESTORI · II VIR  
EXTESTAMENTO · IPSIVS  
· · QVINTIVS · CAPITO  
C V M Q · F · H · P

<sup>1</sup> Murat. 1083, 9. H. S. E. S. T. T. L. || MEILO. CAMILLI. F. T. D. V. TALABARA || FACTVM. CVRAVIT. PROCILLA. METONI. F. || ET. DAVVS. ARATONI. F. ||

<sup>2</sup> 1734, p. 251.

<sup>3</sup> Napoles, 1752.

<sup>4</sup> Grut. 257, 11. IMP. CAES. L. AVRE || LIO. VERO. AVG. || DIVI. ANTONINI. F || PONT. MAX. TRIB. POT. || COS. H. P. P. || MVNICIP. AMMAI. ||

<sup>5</sup> E Plinio (IV, 22) menciona, entre as cidades stipendiarias, na Lusitania os povos Ammienses. Referir-se-hia a Ammaia? — (S.)

A lacuna que se vê na linha 8.<sup>a</sup> foi indicada por mim. Deve notar-se a abreviatura de TRIBUS QUIRINA só com Q; no fim deve ler-se cum Q(uinto) r(ilio) H(EREDE) P(OSUIT). A segunda é assim:

C · IVL · VEGETO  
 FLAMINI · PRO  
 VINCIAE · LVSITA  
 NIAE · PROCILIA  
 S · f · AFRA · MARI  
 TO · OPTIMO

A copia diz *Vegefo, provinciae Lusitaniae e Propinia Staфра*. Assevera Pereira de Sottomayor (no lugar citado, f. 231 v.) que no mesmo sitio se encontrou uma lapide sepulchral christã, do anno de 523. Geralmente considera-se este lugar como correspondendo á estação Montobriga ou Mundobrica, que no Itinerario se segue á de *ad fraxinum*, e julga-se ser o mesmo a que se refere o *Medubricenses qui plumbarii* de Plinio <sup>1</sup>. Não sei se na vizinhança ha minas de chumbo; em todo o caso os *Medubricenses* de Plinio não são diferentes dos *Meidubrigenses* da inscripção da ponte d'Alcantara. Não ha comtudo razões irresistiveis, nem para collocar Medubriga, nem tão pouco Montobriga, em Arenenha.

Tambem são inteiramente desconhecidas as duas estações seguintes Ad septem aras e Plagiaria, já pertencentes ao territorio hespanhol. Os portuguezes querem encontrar a primeira nas sete collinas junto a Campo Maior, os hespanhoes nas sete aras com inscripções junto a S. Vicente ao norte de Valencia de Alcantara. Os antigos logares, á que se referem varias inscripções descobertas em Montemór-o-Novo, em Arrayolos e Extremoz, assim como em Elvas e Badajoz, eram situados provavelmente sobre uma estrada, que é indispensavel suppor, não obstante o Itinerario não a mencionar, a fim de ligar pelo caminho mais curto, por um lado Ehora e Olisipo, por outro Ehora e Emerita. É provavel que fosse uma estrada meramente vicinal, de que não conheço marco milliarium algum. É difficil tambem suppor que seja puro acaso o encontrarem-se todas as povoações mencionadas na estrada, que hoje liga directamente Lisboa e Merida, deixando Evora só a algumas legoas ao sul. Junto a Montemór-o-Novo encontrou-se a lapide sepulchral de uma *flaminica provinciae Lusitaniae* (muito erradamente copiada no *Dicc. geogr. ms.*, XXIV, pag. 1429, e em varios auctores portuguezes). Existe ainda em Evora outra lapide sepulchral achada no mesmo lugar. Em Elvas descobriram-se uma dedicação a um deus que não se menciona <sup>2</sup>, cinco lapides sepulchraes (uma d'ellas de um soldado da 20.<sup>a</sup> legião

<sup>1</sup> *Hist. Nat.* IV, 22.

<sup>2</sup> *Grut.* 129, 17. ANTHYMVS. REB. . . || SCIENTINI. ET. CE. . . || LERIS. SVR. . . || V. S. L. M.

de Firmum in Picenum<sup>1</sup>, de certo do tempo de Augusto, porque não tem cognome), e duas inscripções christãs do 6.º seculo. Comtudo pôde ser que todas ellas para ali fossem levadas dos arredores. Quando fallar de Beja tratarei tambem de Badajoz.

A segunda estrada, que se dirigia mais pelo sul do que a primeira, era certamente o caminho mais curto entre Lisboa e Merida<sup>2</sup>; comtudo nem uma unica estação d'ella se tem conseguido fixar sequer com probabilidade. Nem o numero das milhas concorda na extensão total, nem se colhe resultado algum procurando ajustar as distancias entre as estações com as povoações modernas, partindo d'uma idéa grandemente falsa de que cada estação antiga corresponde, forçosamente, a um lugar moderno. Nem ao menos se sabe onde esta estrada atravessava o Tejo. Acreditando o testemunho verosimil e circunstanciado de Jorge Cardoso<sup>3</sup>, descobriu-se em 1659, n'uma aldêa chamada Alvega, a duas legoas ao sul de Abrantes, e entre as ruinas de uma cidade antiga, a lamina de bronze em que estava escripta a memoravel formula do juramento, com que no anno de 790/37 os habitantes da *oppidum vetus Aritiense*, com os seus *magistri*, prestaram obediencia, na pessoa do legado C. Ummidius Durmius Quadratus ao imperador Caligula por occasião da sua elevação ao throno. Todos os auctores portuguezes seguem a copia algum tanto incorrecta de Cardoso. Tinha este a lamina na sua casa em Lisboa, onde a devia posteriormente ter visto Didaco Vincenzio di Vindania, de quem Fabretti<sup>4</sup> obteve uma copia muito mais exacta. O destino da lamina ignora-se. Cardoso lia *jusjurandum Aritientium* e *Aritiense oppido*, o informador de Fabretti lê *Ariliensium* e *Ariliense*. Considera-se

<sup>1</sup> Grut. 533, 4. C. AXONIVS. Q. F. PAP || LEG. XX. NAT. COL. || FIR. PICENO. SE. VIVO || MONIMENT. FECIT. SIBI. ET. || FR. Q. AX. Q. F.

<sup>2</sup> ITINERARIO: Estrada de Lisboa a Merida. 2.ª via. Append. B.

<sup>3</sup> *Agiologio*, III, p. 371.

<sup>4</sup> 673, 13. C. UMMIDIO. DVRMIO. QVADRATO || LEG. C. CAESARIS. GERMANICI. IMP || PRO. PRAET. || IVSIVRANDVM. ARIILIENSIVM || EX. MEL. ANIMI. SENTENTIAE. VT. EGO. HS. INIMICVS || ERO. QVOS. C. CAESARI. GERMANICO. INIMICOS. ESSE || COGNOVERO. ET. SI. QVIS. PERICVLVM. EI. SALVTIQ || EYVS. INTVLERITQVE. ARMIS. BELLO || INTERNECINO. TERRA. MARIQVE. PERSEQVI. NON || DESINAM. QVOAD. POENAS. EI. PERSOLVERIT. NEQVE || ME. LIBEROS. MEOS. EIVS. SALVTE. CARIORES. HABEBO. EOS || QVE. QVI. IN. EVM. HOSTILI. ANIMO. FVERINT. MIHI. HOSTES. || ESSE. DVCAM. SI. SCIENS. FALLO. FEFELLEROVE. TVM. ME || LIBEROSQVE. MEOS. IVPITER. OPTIMVS. MAXIMVS. AC || DIVVS. AVGVSTVS. CAETERIQVE. OMNES. DI. IMMORTALES || . . . . EM. PATRIA. INCOLVMITATE. FORTVNSQVE. OM || NIBVS. FAXINT. . . . DIE. V. IDVS. MAI. IN ARIILIENSE || OPPIDO. VITURI. || CN. ACERRONIO. PROCVLO. C. PETRONIO. PONTIO. NIGRI || NO. COS. || VEGETO. TALLICI — MAG — IBIONARIONI. . . .

Vindania na linha 16 lê *exulem*, e Fabretti substitue *expertem*, assim como lê *Ariliensium*, seguindo a Plinio, e não *Ariliensium* como Vindania.

este logar como sendo a estação, *Aritium praetorium*, da estrada de Merida (Ptolomeu diz tambem 'Αρίτιον, II, 5, 7), que se procura a 38 milhas de Lisboa entre Benavente e Salvaterra: Alvega está, pelo menos, ao dobro da distancia. É possível, porém, que a *oppidum Aritiense vetus* fosse differente do *Aritium Praetorium*.

São completamente desconhecidas as outras duas estações, em territorio portuguez, Abelterium e Matusaro. Esta estrada entronca no territorio hespanhol, na estação de *Ad septem aras*, com a que passa por Scalabis; entre aquella estação e a de Plagiaria só se menciona a chamada Budua, á qual se quer corresponda hoje Nuestra Señora de Bedoya ou Botua, onde a distancia combina. Não se conhecem marcos milliaris d'esta estrada: os dois, que Rezende<sup>1</sup> diz haverem sido encontrados entre Extremoz e Barbacena, pertencem provavelmente á estrada, não designada no Itinerario, que ligava Evora e Merida, pois que em um d'elles se lia (*ab Eybora m. p. . . XXII*). É duvidosa a existencia da columna de Commodo com o numero 86, a qual Brito<sup>2</sup> diz ter visto, mas com os caracteres tão apagados, que a transcreveu de uma supposta copia de Rezende, que em parte alguma se encontra.

A terceira estrada, que o Itinerario<sup>3</sup> marca entre Lisboa e Merida, é visivelmente o complexo de duas estradas differentes: a saber, a de Olisipo a Ehora passando por Salacia, e a de Ehora até Emerita atravessando algumas povoações ao sul do Guadiana. Além d'isso é grande a confusão em referencia ao numero das milhas. Não se sabe se a contagem começava immediatamente em Olisipo, ou n'alguma estação d'além do rio, o que causa grandes differenças para o computo das milhas, por quanto o rio tem aqui larguras muito diversas, sendo a distancia entre as margens, no logar mais estreito, tres quartos de legoa, e, n'outros, tres legoas. A situação d'Equabona (ou Abona, segundo o geographo de Ravenna)<sup>4</sup>, é completamente incerta, assim como o da primeira estação, não obstante designar-se unanimemente como correspondendo a Coina, valendo para isso uma remota semelhança de palavras e a circumstancia de haver perto um logar chamado Coina-a-Velha. Nunca se encontraram vestigios d'esta estrada, nem ha d'ella marcos milliaris.

Na pequena lingua de terra ao sul da foz do Sado, fronteira a Setubal, existia ainda no seculo passado um logar de pescadores chamado Troya: hoje só ali se vêem as ruinas da capella de Nossa Senhora de Troya. Acham-se, porém, ali continuamente debaixo da arêa das dunas restos de edificações

<sup>1</sup> P. 153 e 154.

<sup>2</sup> II, f. 63 v.

<sup>3</sup> ITINERARIO: Estrada de Lisboa a Merida. I.<sup>a</sup> via.

<sup>4</sup> 306-19.

romanas e pequenas antiguidades, que indicam ter ali existido uma povoação nada insignificante. Só tem sido descobertas cinco inscrições sepulchraes des-tituídas de importancia. Uma d'ellas vem em Grutero<sup>1</sup>. Troya corresponde, na opinião de Rezende, á estação d'esta estrada, chamada Catobriga no Itinerario, Cetobriga no geographo de Ravenna, Κατιτόβριξ em Ptolomeu, II, 5, 2 e Καττόβριξ em Mariano de Heraclea. O numero das milhas é tambem n'este caso de pequeno auxilio; por quanto a foz do Sado é, n'este logar, quasi tão larga como a do Tejo, podendo por isso a estação correspondente a Catobriga ter sido situada na margem do norte. O que, pelo menos, é muito temerario é collocar a cidade na margem do norte, admittindo para isso uma alteração na corrente do rio. Tambem são completamente desconhecidas as duas estações seguintes, Caeciliana e Malececa (assim se lê nos manuscriptos), as quaes, só tambem por uma remota semelhança, tem sido referidas ao rio Marteca e ao logar de Seixola. Um padrão levantado a Commodo *D(ecurionum) D(ecreto)*, que Rezende viu em Pinheiro<sup>2</sup>, pertence a uma d'estas duas estações ou então a Salacia. A situação e as ruínas de Troya, principalmente os restos distinctos de apparelhos de salmoura, assim como o apparecimento de moedas de quilate e cunho de Cadix, em caracteres desconhecidos, fazem suppor que teria havido ali uma antiga cidade, que se subverteu talvez no tempo dos romanos, como aconteceu ás outras colonias do sul da peninsula. Concorda com isto o haver o grego Marcianus tido noticia de Kaitobrix ou Ca(e)tobriga. A estação seguinte, ou, antes, o termo da estrada, Salacia, cognominada *urbs imperatoria* (como se lê nas suas moedas), é mencionada por Ptolomeu entre a foz do Kallipus (pelo qual geralmente se toma o Sado) e Kaitobrix. É por isto que se tem procurado achala na costa; até porque Plinio<sup>3</sup> a nomeia entre as cidades propriamente costeiras até Myrtilis. Estas e outras razões determinaram Mannert a situar-a junto a Setubal, e com razão por isso em Troya, não obstante desde Rezende ter esta estação sido collocada, em geral, junto a Alcacer do Sal. Salacia significa certamente salinas; mas os arabes podiam com propriedade chamar Alcacer do Sal a uma serie de logares da costa<sup>4</sup>. Tres legoas, porém, pouco mais ou menos a sudoeste de Alcacer, na direcção de Beja, no termo de Ferreira e ao sul do lo-

<sup>1</sup> Grut. 943, 7.

<sup>2</sup> Grut. 262, 1. L. AEL. AVRELI || O. COMMODO || IMP. ANTONI || NI. AVG. PII. P. P. || FILIO. COS. DE || SIGNATO. P. M. || D. D.

<sup>3</sup> IV, 21, 116.

<sup>4</sup> A denominação de Alcacer do Sal é moderna. Os arabes designaram-na simplesmente com o nome de Cacer, Alcacer, (القصر, قصر) que Edrisi diz estar situada na margem esquerda do Chatuir (شطوير); e na idade media, pelo menos até 1516, se lhe chamou sempre Alcacer. — (S.)



gar do Torrão, entre os rios Sado e Xarama, ha uma antiga egreja, chamada de Santa Margarida de Sadão, onde existiam, no tempo de Rezende, seis inscripções, uma d'ellas christã, do anno 682<sup>1</sup>, a julgar pela qual a egreja foi originariamente consagrada aos martyres Justo e Pastor muito reverenciados em toda a península. O bispo Cenaculo mandou levar outra para Beja, onde existe ainda uma, que menciona Grutero<sup>2</sup>, e que, conforme a minha copia, é do theor seguinte :

IOVI · O · M ·  
 FLAVIA · L · F · RVFINA  
 EMERITENSIS · FLA  
 MINICA · PROVINC  
 5 LVSITANIAE · ITEM · COL  
 EMERITENSIS · PERPET ·  
 ET MVNICIPI · SALACIEN  
 D ·            D ·

Não sei se ainda existe a terceira : transcrevo-a tambem :

FORTVNAE · OBSEQVEN  
 TI · SACRVM  
 FLAVIA · MODESTINA  
 PERP · EIVS · ANTISTES  
 5 EX · VOLVNTATE · TERE  
 TI · AEMILIANI · VIRI  
 SVI · IN · PRAEDIO  
 A · PATRE · FL · MODESTO  
 SALACIENSI · SIBI  
 10 RELICTO · A · L · F

Não ha, no meu entender, que duvidar da sua authenticidade. É, porém, duvidosa a quarta<sup>3</sup>, da lapide sepulchral de um CENTVR(io) EME(*ritus*) ou EMERITENSIS e ORDIN(*um*) DVX SVB L. POSTVMIO; pelo menos foi interpolada por André de Rezende. A quinta<sup>4</sup> é uma lapide sepulchral insignificante; da sexta fal-

<sup>1</sup> Grut. 1053, 11. † HVNC. DENIQVE. EDIFI || CIVM. SANCTORVM. NO || MINE. CEPTVM. IVS-  
 TI. ET || PASTORIS. MARTIRVM || QVORVM. CONSTAT. ESSE || SACRATVM. CONSV || MATVM. EST. OC.  
 OPVS || ERA DCCXX

<sup>2</sup> 13, 16.

<sup>3</sup> Grut. 563, 4. D. M. S. || SERGIVS. TERENTIVS || SERG. F. AEMILIANVS || CENTVR. EMER.  
 VIX. . N. LXX || ORDIN. DVX. SVB || L. POSTVMIO. MODES || TINA. MARITO || MERENTISSIMO || P. H.  
 S. E. S. T. T. L.

<sup>4</sup> Grut. 921, 17. L. RVBRIVS || PRISCINVS || ANN. XXVI || H. S. E

larei quando tratar de Evora. Em Alcacer ha ou havia varias inscripções. Uma d'ellas vem transcripta duas vezes em Muratori<sup>1</sup>, extrahida dos escriptos da antiga Academia<sup>2</sup>: mas a copia mais exacta encontra-se nos papeis de Cornide na Bibliotheca Nacional d'esta cidade<sup>3</sup>, não se lembrando este d'onde a houvera. Esta inscripção existe ainda:

L · PORCIO · L · F  
 GAL · HIMERO  
 II VIR · PRAEF · PRO  
 II VIR · FLAMINI  
 5 DIVORVM · BIS  
 O B M E R I T A  
 PLEPS · AERE · CONLATO  
 HVIVS · TITVLI · HONORE  
 CONTENTVS · IMPESAM  
 10 REMISIT

Em Muratori falta a linha 4.<sup>a</sup>. Até hoje só pelos papeis já citados de Cornide conheço a seguinte:

ISIDI · DOMINAE  
 M · OCTAVIVS · OCTAVIAE  
 M · F · MARCELLAE · MODE  
 RATILLAE · LIB · THEOPHILVS  
 V · S · L · A

Esta OCTAVIA M. F. MARCELLA MODERATILLA parece pertencer a uma familia distincta. Finalmente a seguinte foi communicada por Clusius a Saxius<sup>4</sup> e transcreveu-a Muratori<sup>5</sup> das *schedae* do P. Cattany. Em ambos, porém, vem ella por modo quasi inintelligivel. É ainda Cornide que apresenta uma boa copia:

<sup>1</sup> 737, 4 e 1077, 8. L. PORCIO. L. F || GAL. HIMERO || II. VIR. PRAEP. PRO || DIVORVM. RIS || PIEPSALRE . . . || . . . HONORE || . . . IMPENSAM || REMISIT.

<sup>2</sup> 1, 1721.

<sup>3</sup> B, 3, 41.

<sup>4</sup> *Peric. animadv.*, p. 95.

<sup>5</sup> 1117, 4. C. MELIO . . . CLOC . . . CHAN || PRO. M. IN. MIL || COLONIA . . . SCALABITA. || OB. MERITA. IN. COLONIA.

L . C O R N E L I O . C . F  
 B O C C H O <sup>1</sup>  
 F L A M . P R O V I N . T R . M I L .  
 C O L O N I A . S C A L A B I T A N A  
 O B . M E R I T A . I N C O L O N

É esta a unica vez que a *colonia Scalabitana* figura n'uma inscripção encontrada em Portugal, ao passo que apparece nos marcos militares de Africa: o que ainda é, porém, mais singular é ter sido achada no logar em que se esperava o *municipium Salaciense*.

São estas as razões archeologicas que podem levar á determinação do sitio de Salacia. Fallam em favor da opinião, que colloca esta cidade nas visinhanças da igreja de Santa Margarida, principalmente o altar consagrado por uma *flaminica* da cidade *D(ecurionum) D(ecreto)*, e depois d'este a inscripção á Fortuna, que inquestionavelmente pertenceu a um sanctuario particular situado em predio pertencente aos dedicadores. É verdade que as muralhas de Alcacer apresentam o triplice vestigio da construcção romana, arabe e da idade media, como m'o affirmou (pois que eu não pude verificá-lo) uma testemunha irrecusavel, o sr. Alexandre Herculano, historiador portuguez tão justamente nomeado. Contudo esta razão só não é sufficiente para que Alcacer deva corresponder a Salacia. Sem investigar os restos da estrada não se pôde adiantar mais a este respeito.

A distancia marcada pelo Itinerario entre Salacia e Ebora não confere tambem; para Alcacer ha 12 milhas a mais, para Santa Margarida 24<sup>2</sup>. O que isto significa provavelmente é uma lacuna do Itinerario; pois que, de certo, de Salacia não partiam estradas só para Ebora, mas tambem para Beja, e talvez igualmente em redor da costa. No proprio Itinerario parece haver d'isto vestigio, quando se marca a estrada de Salacia até Ossonoba sem mais estação alguma, occupando um espaço de 16 milhas, ao passo que a verdadeira distancia sóbe, pelo menos, ao sextuplo. Este numero de milhas refere-se talvez á primeira es-

<sup>1</sup> Este CORNELIVS BOCCIVS, é sem duvida, o celebre auctor de uma obra desconhecida ácerca da Peninsula Iberica, citada por Plinio na sua *Historia Naturalis*, XVI, 40, XXXVII, 2, 7, 9, etc., bem como, talvez, de uma Chronica do Mundo de que Solinus se serviu juntamente com a obra de Plinio. Consultem-se as observações do sr. Mommsen no prefacio da recente edição de Solinus, Berlin, 1864, 8, e as minhas no jornal de philologia *Hermes*, vol. I, 1866, pag. 397. — (E. H.)

<sup>2</sup> V. *Itiner.* App. B.

tação de alguma das outras estradas que partissem de Salacia. Entre Alcacer e Ehora encontraram-se marcos milliarios<sup>1</sup>. O ultimo, que marca as milhas a contar d'Ehora, foi, por manifesto engano, attribuido por Muratori<sup>2</sup> a Cordova, o que induziu em erro todos os antiquarios hespanhoes.

Santiago de Cacem, villa situada na costa, ao sul de Troya, é tida por Merobriga, em consequencia da inscripção apontada por Grutero<sup>3</sup>, a qual se apoia unicamente na auctoridade de Rezende<sup>4</sup>. D'elle a transcrevem quasi todos os auctores portuguezes e hespanhoes. O marquez de Abrantes diz<sup>5</sup> tel-a embalde procurado no anno de 1720; Muratori<sup>6</sup> segue o texto apresentado por aquelle. A inscripção é do theor seguinte :

C · NVMISIO · C · F · FVSCO  
 VI · VIRO · SEN<sup>7</sup>  
 T A T I N I A · Q · F  
 F V L V I A N I L L A  
 V C X O R  
 P E R M I T T E N T E · O R D  
 M E R O B R I G

É evidentemente falsa. Ukert<sup>8</sup> julgou que a esta Merobriga se refeririam os *Mirobricenses qui Celtici cognominantur* de Plinio<sup>9</sup>; provavelmente para a differençar da Merobriga junto a Capilla na Extremadura hespanhola. Porém

<sup>1</sup> Grut. 191, 6. IMP. CAES. DIVI || SEPTIMI. SEVERI. PII || ARAB. ADIAB. PARTHI || CI. MAX. BRIT. MAX. F || DIVI. AVR. ANTONINI || GERM. SARM. NEP || DIVI. ANTON. PII. PRONEP || DIVI. HADRIANI. ABNEP || M. AVR. ANTONINVS || P. F. AVG. PARTH. MAX || BRITAN. MAX. GERM. MAX || PATER. MILITVM. TRIB || POT. XX. IMP. III. COS. IIII || P. P. PROC. RESTITVT... — Ibid., 158, 10. IMP. CAES || MAXI || MIANO || PIO. FELI || CI. AVG. EBO || RA. M. P || XII

<sup>2</sup> 461, 6.

<sup>3</sup> 442, 9.

<sup>4</sup> P. 190.

<sup>5</sup> *Historia da Academia*, p. 300.

<sup>6</sup> 1058, 7.

<sup>7</sup> A' semelhança d'este *sevir senior*, livre por nascimento, encontra-se mais adiante n'uma lapide d'Evora um *sevir junior*, tambem livre por nascimento; comtudo, isto, em geral, só apparece nas inscripções de Milão. — (Th. M.) Mas Rezende conhecia perfeitamente as inscripções de Milão, que desde 1534 se achavam publicadas no livro de Apianus.

<sup>8</sup> P. 390.

<sup>9</sup> IV, 21, 118.

como Plinio<sup>1</sup> menciona ainda uma Merobrica entre Salacia e o Promontorium Sacrum, não é possível identificar esta com Mirobriga, muito mais por que Plinio classifica também como Celtici uma parte dos Beturios que demoravam entre o Baetis e o Anas. Aqui, na Lusitania propriamente dita, não se pôde esperar epitheto algum distinctivo. Rezende só conhece mais uma inscrição, sem valia, de Santiago de Cacem<sup>2</sup>; cita, porém, de Sines, povoação vizinha, além de outras lapides sepulchraes<sup>3</sup>, a de uma RVBRIA Q. F. SERGILLA MEROBR(*igensis*)<sup>4</sup>, de cuja veracidade não pôde suspeitar-se, e que serviu de fundamento para se collocar ainda a antiga cidade perto do referido logar de Sines. No anno de 1808, porém, por instigação de Cenaculo, fez o prior de S. Thiago, Bonifacio Gomes de Carvalho, proceder a uma excavação no sitio chamado *o castello velho*, junto á capella de S. Braz, e ali encontrou uma serie de inscrições ácerca das quaes informou o arcebispo em uma minuciosa memoria (que existe na bibliotheca de Evora) relativa á situação de Morobriga, como elle lhe chama. Uma d'ellas é assim:

VENERI · VICTRI  
 CI · AVG · SACR ·  
 IN HONOREM · LV  
 CILIAE · LEPIDINAE  
 FLAVIA · TITIA · FILIAE  
 PIENTISSIMAE

<sup>1</sup> § 116.

<sup>2</sup> Grut. 726, 9. G. COCILICIO. FVSCO || PATRI || EX. TEST. COCILICI || A. PASTOS

<sup>3</sup> 771, 7. AN. L. CLAVD || THALASSINVS || MARITE. ME || RENTISSIME || H. S. E. S. T. T. L.  
 —Ibid. 915, 9. D. M. S. || IVLIA. C. F. || MARCELLIN || A. A. XXX || H. S. E. S. T. T. L.

<sup>4</sup> Grut. 642, 6. D. M. S || FVLVIVS. L. F. QVIN || TIANVS. FABER || MATERIARIVS || PIVS. IN. SVOS || VIXIT. ANN. XLVI || RVBRIA. Q. F. SER || GILLA. MEROBR || MARITO. B. M. FEC || H. S. E. S. T. T. L. —Depois de novas reflexões ácerca das fontes impuras de que Rezende se servia, é para mim fóra de duvida, actualmente, que esta inscrição é tão falsa como a de NUMISIVS FVSCVS. —(E. H.)

A outra:

M A R T I  
S A C R V M  
I N H O N O  
R E M . G <sup>o</sup> P A G  
M A R I N I <sup>o</sup>  
P A G . M A R I  
A N E . F R A T R I  
P I E N T I S S I M <sup>o</sup>

O nome aqui abreviado encontra-se por extenso em varias lapides sepulchraes achadas na mesma occasião: G. PAGVICVS VALERIANVS e PAGVICA T. F. FVNDANA. A seguinte inscripção é formada por dois fragmentos, um achado em 1811, outro em 1808, que elle assevera pertencerem visivelmente ao mesmo todo. Comtudo a ligação não é clara.

M . I V L I O . M A R  
C E L L O . A E D <sup>i</sup>  
L I . <sup>II</sup> V I R O m .  
M . F . M . . . . .  
5 C O D . . . . .  
I . . . . .  
I S V I S  
.. I U L I V S . A T I  
L I A N V S . H E R .  
10 p e r . S V C C E S S I  
o N E M . P . C .

No fim da linha 2.<sup>a</sup> põe elle um ponto, e no principio da linha 3.<sup>a</sup> escreve EI; seria talvez antes AED(*ili*) <sup>II</sup>. Na linha 4.<sup>a</sup> diz bem M(*unicipum*( M(*unicipi*) F(*lavi*) M(*erobrigensium*)). Na linha 8.<sup>a</sup> escreve elle ILLIVS. Tambem o Marquez d'Abrantes viu em Santiago uma inscripção<sup>1</sup>, a qual transcreve muito inaccuradamente Muratori<sup>2</sup>; mas que Cornide<sup>3</sup> copia com mais exactidão. É a seguinte:

<sup>1</sup> Collecção da Academia, I, 1721.

<sup>2</sup> 48, 5.

<sup>3</sup> Madrid, na Bibliotheca da Academia, estante 18, 10.

AESCULAPIO  
DEO

C · ATTIVS · IANVARIVS  
MEDICVS · PACENSIS  
5 TESTAMENTO · LEGAVIT  
OBMERITA · SPLENDI  
DISSIMI · ORDINIS  
quod · EI · QVINQVATRI  
A · DIVISA · S · HERES  
10 CVM · PRAESES · FVERIT  
FAC ☽ CVR

Na linha 3.<sup>a</sup> Cornide diz CATVS; na linha 8.<sup>a</sup> ambas as copias trazem . . DEI QVI NOVATRI; e nas linhas 9 e 10 ABIVSAS · HERES | CVM PRAESES FVERIT<sup>1</sup>.

Em todo o Algarve, apenas se tem descoberto inscripções em dois logares, em Estoy ao pé de Faro, e nas visinhanças de Tavira. Um altar consagrado ás nymphas, que Grutero<sup>2</sup>, seguindo as *schedae* de Schottus, colloca *ad Silvam Lusitaniae urbem*, mas que embalde frei Vicente Salgado procurou em Silves<sup>3</sup>, vem referido a Monforte, pequena povoação ao sul de Portalegre, no *Cod. Vatic.*<sup>4</sup>, conforme o testemunho da Zurita. Como Schottus a houve provavelmente tambem do mencionado Zurita, a declaração de Grutero de certo provém de engano. Além d'isto, o manuscripto do Vaticano attribue ao mesmo logar outra inscripção<sup>5</sup> *ad Silvam oppidum Lusitaniae*. Foi com esta que se enganou Zurita, pois que é inquestionavelmente falsificada.

Em Faro existe a inscripção dos dois SEVIRI M. CORNELIVS ERIDANVS e C. JV-

<sup>1</sup> Talvez se deva ler, d'accordo com a copia mais antiga: *ob merita splendidissimi ordinis* | [*quo*]d locu(m) (?) in [*q*]uatri | [*du*]um praestiterit | . . [*F*]abius Isas heres | fac. eur. Ao medico estrangeiro fora concedido por um decreto do conselho um logar de honra nos jogos. *Isas* podia derivar-se de *Isidorus*, assim como *Menas* de *Menodorus*. — (Th. M.) — Eu leio presentemente as tres linhas 8, 9 e 10 do seguinte modo: *quod peqvn. in. qvatri || duvm. praestiterit.* — (E. H.)

<sup>2</sup> 93, 2. NYMPHIS || AVITVS || PROCVLI || F. PRO. SAL || VTE. FLA || CCILLAE. FL || ACCI. VC || XORIS. SVAE || V. L. A. S

<sup>3</sup> V. *Memorias ecclesiasticas do Algarve*, 1786, I, p. 306.

<sup>4</sup> 7113, f. 56.

<sup>5</sup> Grut. 903, 12. OSSA. L. BACCHII. L. F. FICTILI || SARCOPH. HEIC. POSITA. SVNT || AD. LO-CVM. QVEM. IPSE. VIV. EMIT || LIBERV. LIS. ABEAT. PROPE || SACELL. NEPTVNI

NIVS RECEPTVS<sup>1</sup>, mas já não a consagrada a Valeriano pela RES P(*ublica*) OSSON(*obensis*)<sup>2</sup>. Tambem d'este logar se conhecem lapides sepulchraes sem importancia nenhuma, bem como dos logares de Fureta, Boudem e Loulé. Brito adicionou-lhes uma falsificada, conforme o seu Laymundus<sup>3</sup>. A muito contestada situação de Ossonoba parece portanto dever marcar-se nas ruinas de Estoy junto a Faro.

A uma legoa de Tavira, proximo da igreja de Nossa Senhora da Luz e na quinta do Trindade, tem apparecido differentes antiguidades as quaes tornam bastante provavel que ali fosse situada Balsa. Entre ellas encontrou-se a seguinte inscripção inedita, que eu já conhecia por a ter visto nos papeis de Joseph Antonio da Cunha, em Madrid<sup>4</sup>, e de que me forneceu outra copia o sr. Estacio da Veiga, de Tavira:

FORTVNAE · AVG  
SACR  
ANNIVS · PRIMITIVVS  
O B H O N O R E M  
IIIIH · VIR · SVI  
5 EDITO · BARCARVM<sup>5</sup>  
CERTAMINE · ET  
PVGILVM · SPORTVLIS  
ETIAM · CIVIBVS  
DATIS  
10 D · S · P · D · D

No mesmo logar se descobriu uma pequena ara, que possui o sr. Veiga, com uma inscripção grega, a primeira que me conste ter sido encontrada em solo portuguez.

É a seguinte:

<sup>1</sup> Grut. 495, 6. M. CORNELIVS. ERIDIMVS. C || IVNIVS. RECEPTVS. OB. HONO || REM. IIIII. VIR. D. S. P || D. D. — Lêa-se ERIDANVS.

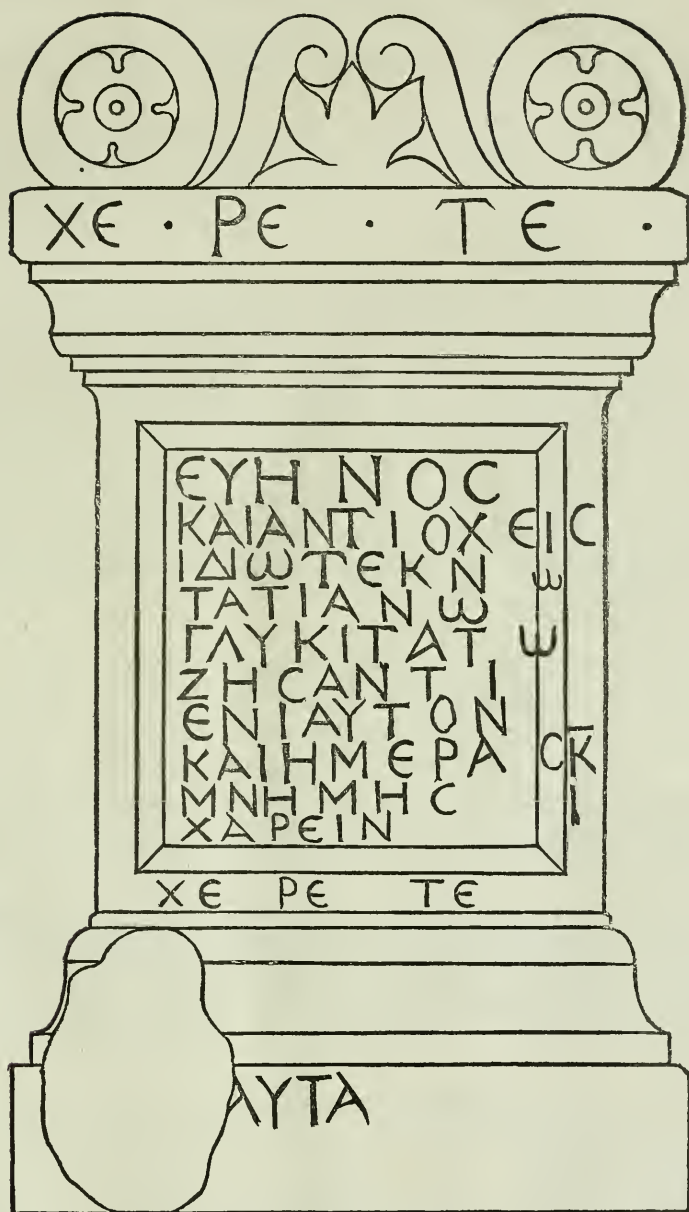
<sup>2</sup> Grut. 274, 4. IMP. CAES. P. LICINIO || VALERIANO. P. F. AVG || PONT. MAX. P. P. TR. POT || III. COS. RESP. OSSON. EX. D || ECRETO. ORD. DEVOT || NVMINI. MAIESTAT || IQ. EIVS. D. D

<sup>3</sup> II, f. 75 da 1.<sup>a</sup> edição.

<sup>4</sup> 3, 3.

<sup>5</sup> Esta é de certo a citação mais antiga d'esta palavra, que nos nossos dictionarios só vem authenticada por Isidoro, Paulino de Nola, e pelas notas tironianas. Será ella de origem hespanhola? — (Th. M.) Não: é antes de origem phenicia. Vid. *Movers die Phoenizier*, vol. 2, part. II, p. 636 e vol. 3, part. I, pag. 470.





Na linha 13 a pedra está partida, de sorte que a primeira letra pôde ser M ou A. No lado esquerdo da ara está representada uma pomba e à direita

um cacho d'uvas. Encontraram-se também no mesmo logar uma inscripção sepulchral sem importancia e uma lapide christã.

Deixando as costas do sul, voltarei novamente, na direcção do norte, para a região do interior.

Por causa do nome e da sua notavel situação na confluencia do Oeiras com o Guadiana, tem Mertola desde os mais remotos tempos sido considerada como correspondendo a Myrtilis; só se conhecia, porém, d'este logar uma lapide sepulchral, muito insignificante, que foi publicada primeiro por Sanchez Sobrino<sup>1</sup> e depois também por Salgado<sup>2</sup>. Comtudo, no anno de 1794, foram communi-cadas a Cenaculo por um correspondente, de que aliás não tenho noticia, seis inscripções ali encontradas, sendo as copias em desenhos do tamanho das originaes<sup>3</sup>. Affirma Cornide<sup>4</sup> que foram enviadas também para Lisboa; mas não sei se se refere aos desenhos se aos originaes. Cinco são lapides sepulchraes sem importancia, havendo uma de um *L. Firmidius Peregrinus Uticensis*, com o que certamente se faz referencia a Utica em Africa. Na sexta inscripção, porém, vem pela primeira vez mencionada a cidade, cujo nome, de uma feição singularmente hellenica, requeria, a despeito do testemunho unanime de todas as fontes, a confirmação de um monumento. Segundo as duas copias, que são conformes, é d'este modo:

EX · D · D · M · ES · M · MYR · . . . S  
PER · C · IVLIVM · MARINVM  
C · MARCIVM · OPTATVM · III · VIR

Parece fóra de duvida que se mencionam aqui os *M(unicipes) MYR(tilenses)*; não sei, porém, explicar o *M · ES ·*, nem me atrevo a alteral-o á vista da grande clareza da copia<sup>5</sup>.

De mais de doze povoações da parte do sul do Alemtejo, particularmente de Campo d'Ourique, logar famoso em consequencia da batalha, em parte fabulosa, que ali se pelejou, se conhecem inscripções, o maior numero das quaes são devidas ás investigações de Cenaculo. Quasi todas são simples lapides se-

<sup>1</sup> P. 50 da sua *Viaje topografico*.

<sup>2</sup> Algarve, p. 30. DIMIS || AEMILIAE || L . . . MA || TRI. SERTO || RIVS. NICEL || LIO. POSVIT

<sup>3</sup> Bibliotheca d'Evora.

<sup>4</sup> B, 3, 44 da Bibliotheca nacional de Lisboa.

<sup>5</sup> Deverá por ventura ler-se *M(unicip)ES M(unicipii) MYR[tilensi]s*. As abbreviaturas como *hdes* e outras semelhantes não pertencem por modo algum ao estylo lapidar; póde, todavia, suppor-se que n'estas remotas regiões se não observassem rigorosamente as differenças dos dois modos de escrever. — (Th. M.)

pulchraes, onde, de vez em quando, apparecem nomes não latinos. Não bastam para determinar, com exacção, alguma cidade antiga, nem por meio d'ellas se obtem fixar a direcção da estrada, que necessariamente devia atravessar esta região, ligando Ossonoba com Salacia. Acresce a isto, que a estrada de Esuris para Pax Julia é das mais obscuramente indicadas no Itinerario. Esuris, ponto de partida, é quasi desconhecida. Tem ella sido situada junto a Ayamonte, em Hespanha, na foz do Anas, procedendo-se assim «conforme o local, as ruinas e o Itinerario», como affirma Ukert<sup>1</sup>, não obstante nenhuma d'estas tres cousas nem remotamente dar fundamento para tal asserto. Outros querem que lhe corresponda Castromarim, povoação ainda em territorio portuguez e que defronta com Ayamonte. Se a cidade estava na foz do Anas, com razão occorre perguntar porque, na estrada para Merida<sup>2</sup>, a distancia se computava designadamente *ab ostio fluminis Anae* e não a partir de Esuris? Rezende lembrou-se de situar esta cidade junto a Jerez-de-los-Caballeros na Serra Morena.

Ha n'este ponto erro manifesto no Itinerario, o que se infere da intercalção de duas estradas de Bracara para Asturica. Não pôde absolutamente admittir-se uma estrada de Esuris para Pax Julia (cuja situação é conhecida) que passasse por Salacia e Eborá. Entre Ossonoba e Salacia menciona o Itinerario<sup>3</sup> e o geographo de Ravenna<sup>4</sup> unicamente a estação Aranni ou Arani, a que com toda a probabilidade correspondem os *Aranditani* de Plinio<sup>5</sup>. As variantes de Parthey e Pinder provam que Rarapia, nome da estação seguinte, não é mais que a corrupção da palavra Salacia<sup>6</sup>. Devem por isso desprezar-se quaesquer combinações que tendam a restabelecer esta estação, como, por exemplo, a de D. Miguel Cortes e Lopez, cujos estudos geographicos, feitos no seu gabinete de Valencia, rivalisam em carencia de senso-commum com os de Reichard. Arandi colloca-se proximo a Ourique, por ser o logar que fica, pouco mais ou menos, no meio, entre Alcacer do Sal e Faro, não obstante, como já fica dito, as distancias não se accordarem por modo algum.

Mais importantes do que todos os monumentos romanos que se conhecem d'estes logares, são umas seis a nove lapides de Ourique (de que Cenaculo conservou copias) com inscrições escriptas em caracteres analogos aos outros alphabetos ibericos ainda não decifrados. Não tenho até hoje fallado, nos meus

<sup>1</sup> P. 339.

<sup>2</sup> ITINERARIO, Append. B.

<sup>3</sup> Ibid.

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> IV, 24, 118. Stipendiariorum . . . praeter iam dictos . . . Augustobrigenses, Ammienses, Aranditani (siv. Araditani, Aranitani).

<sup>6</sup> ITINER. Append. B.

relatorios, d'esta ordem de monumentos, porque o seu exame não está especialmente comprehendido no assumpto de que m'è occupo; comtudo já em Hespanha me appliquei a estudar por toda a parte os poucos vestigios do tempo anterior ao dominio romano. Vae em breve publicar-se uma resumida memoria ácerca das moedas ibericas, na qual se relatam os resultados que a tal respeito se tem até agora obtido: é seu auctor o sr. Antonio Delgado, de Madrid. Deve ser muito apreciavel, pois encerra observações de muitos annos ácerca dos logares em que se descobriram as differentes legendas. Sei por communicação do proprio auctor que já tem conseguido o essencial para chegar a determinar o alphabeto (ou, antes, um dos alphabetos).

Tenho colligido perto de quarenta inscrições d'estas, de differentes pontos da Peninsula; infelizmente só de mui poucas d'ellas se conservam os originaes. Póde, pois, desde já dizer-se que é possivel restabelecer-se o alphabeto. Comtudo d'aqui ao conhecimento da lingua ou linguas vae ainda um grande intervallo. Esta distincção não tem sido attendida nas investigações até hoje feitas, principalmente por aquelles que, seguindo as indicações engenhosas, mas um tanto precipitadas de Guilherme de Humboldt, pretendem chegar áquelle fim operando sem mais exame com o moderno vasconço, como o sr. Boudard nos seus trabalhos relativos a este assumpto. Na bibliotheca de Evora ha desenhos, que parecem exactos, d'aquellas inscrições de Ourique, as quaes tem permanecido sem serem estudadas. Dos originaes que Cenaculo fizera levar para Beja já não resta vestigio algum. Quem não poupar tempo e fadiga, investigando todos os logarejos d'esta região que as febres e o despovoamento fazem muito pouco hospitaleiras, ha de, com certeza, encontrar ainda um numero importante de monumentos romanos e de época anterior ao dominio romano. Das inscrições latinas d'estes logares, menciono só a seguinte de S. Bartholomeu de Mes-sines, nos montes do Algarve, da qual tirei copia em Beja:

	I	↯	O	↯	M
	I N M E M O R I A M				
	L . A T I L I . M A X I M I				
	S E V E R I A N I . F I L .				
5	P I E N T I S S I M I				
	L . A T I L . A T I L I A N V S				
	E T . A R T V L L I A				
	G . F . S E V E R A . E X				
	G E N T I L I B				
10	P O S V E R V Ñ				

A escripta parece do fim do segundo seculo. Esta ligação de familia, sob o

nome de *gentiles*, pertence a uma origem anterior ao dominio romano. No norte de Portugal encontram-se mais exemplos d'isto.

Beja e Badajoz disputam desde muito tempo sobre qual d'ellas seja a colonia Pax Julia. Plinio só menciona uma Colonia Pacensis<sup>1</sup>; no Itinerario, porém, assim como no Geographo de Ravenna<sup>2</sup>, repetidas vezes se nomeia Pax Julia. Strabo, pelo contrario, classifica<sup>3</sup> Παξουλύστα entre αἱ τε νῦν συνημισμέναι πόλεις junto a Emerita Augusta e Caesar Augusta, dando-a como situada em paiz de Celtas. Tem-se pretendido encontrar na palavra Badajoz vestigios de Pax Augusta; comtudo os escriptores arabes chamam-lhe Bathalios, conforme os testemunhos apresentados por Gayangos nas suas *Mohammedan dynasties*<sup>4</sup>; e João de Barros, que escrevia em 1549, diz que esta cidade era chamada, ainda pouco tempo antes, Vadalhouce. É usual a inversão do *lh* portuguez no *j* hespanhol. As inscripções, que se costumam adduzir em favor de Badajoz, nada provam. A maior parte encontram-se nos *Discursos patrios por la real ciudad de Badajoz*, do conego D. Rodrigo Dosma Delgado, impressos pelo meiado do seculo 17.<sup>o</sup> e hoje muito raros: vem, porém, quasi todas transcriptas nos extensos commentarios de Diego Soarez de Figueroa ao poema *A vida de S. José* de D. José de Valdevieso, impresso pela primeira vez em Toledo em 1628. D'elle as copiaram depois Solano de Figueroa, na sua historia de Badajoz escripta em 1644<sup>5</sup>, e todos os mais escriptores hespanhoes. Contam-se entre ellas uma singela dedicação a ι(upiter) ο(ptimus) Μ(aximus), algumas lapides sepulchraes de soldados, como são a de um P. CINCIVS PAP(iria) RVF(us) A M(ilitiis) LEG(ionis)<sup>6</sup> e talvez a de Grutero<sup>7</sup>; e finalmente seis lapides sepulchraes communis, onde Dosma inseriu, sem razão alguma, a palavra *Augusta* com o fim de provar que Badajoz era a antiga Pax Augusta. Só pude encontrar ainda uma d'estas lapides.

A situação de Badajoz, n'um valle largo e rodeado de eminencias a alguma distancia, tambem se não ageita muito á opinião de que este ponto fosse uma das cinco fortalezas romanas da Lusitania. Em Beja, pelo contrario, tem-se encontrado seguramente mais de trinta inscripções, afóra cerca de outras quinze da collecção de Cenaculo, que se não sabe circumstanciadamente onde foram

<sup>1</sup> IV, 21, 117.

<sup>2</sup> ITINER. Append. B.

<sup>3</sup> III, 2, 15.

<sup>4</sup> I, p. 369.

<sup>5</sup> Manuscripta na bibliotheca nacional de Madrid.

<sup>6</sup> Inexacta em Laborde, I, p. 126, taboa 189, 18.

<sup>7</sup> 557, 4. G. PLOTIVS. C. F. S . . . COH. S. E || FABIA. EDERETA. D. CONCORD || GL. VACI-

achadas. Cenaculo tinha, na verdade, como já dissemos, reunido no palacio episcopal de Beja uma collecção de perto de cento e sessenta lapides de toda a sorte, incluindo alguns fragmentos de esculptura e de architectura, assim como uma serie de inscrições da idade media e modernas. Na bibliotheca publica por elle fundada e doada á cidade d'Evora existem, sob o numero CXXIX, 1, 13 e com o titulo de *Museo Sisenando Cenaculano Pacense*, desenhos exactos de todas as ditas inscrições, feitos, ao que parece, por Felix Caetano da Silva, e acompanhados das absurdas explicações de José Lourenço do Valle, antigo monge de Cister. Ha ali tambem, sob o numero 14, uma pasta com relatorios e correspondencias originaes que ampliam grandemente a primeira collecção. Devo á benevolencia do digno sr. Rafael de Lemos, servindo de bibliothecario, o ter podido consultar á minha vontade estes diversos documentos.

Quando Cenaculo foi transferido para Evora levou para ali uma pequena parte das antiguidades por elle colligidas, os objectos de facil transporte; são estes que constituem na bibliotheca d'aquella cidade uma collecção ainda valiosa apesar dos extravios resultantes da invasão franceza. Em Beja, porém, por negligencia, ignorancia e cubiça, a maior parte das lapides tem sido empregadas como material de edificação. Ainda encontrei umas oito inscrições e alguns fragmentos de esculptura, que, mais dia menos dia, hão de ter tambem igual destino. Varias lapides com inscrições vi eu nas esquinas e nas portas do palacio episcopal, servindo de marcos e degraus! algumas tem sido applicadas na construcção da Casa Pia! . . . Já não existe, além de outras, a dedicacão da COL(onia) PAX IVLIA a L. VERVS<sup>1</sup>, a qual por si só decide a questão; nem se sabe tampouco de dois fragmentos onde tambem se mencionava o nome da cidade<sup>2</sup>, o ultimo d'elles visto ainda por Bayer. D'entre as inscrições dedicadas a magistrados, além da de um II VIR. FLAMEN TI. CAESARIS AVG(*usti*) e PRAEF(*ectus*) FABR(*um*)<sup>3</sup>, bem como da de um II VIR BIS e PRA(*efectus pro duumviro*)?<sup>4</sup>, são dignas de menção as seguintes. A primeira existe ainda, já algum tanto mutilada:

<sup>1</sup> Gruter. 261, 9. L. AELIO. AVRELIO. || COMMODO || IMP. CAES. AELI. IIA || DRIANI. ANTONI || NI. AVG. PH. P. P. FILIO || COL. PAX. IVLIA || D. D || Q. PETRONIO. MATERNO || C. IVLIO. IVLIANO || II. VIR

<sup>2</sup> Gruter. 498, 8. CVRIAE. PONT || FLAM. PACIS. IVLIAE || VE. FLAM; e Rezende, p. 204.

<sup>3</sup> Gruter. 372, 10. M. AVRELIO. C. F || GAL. II. VIR. FLAMIN || TI. CAESARIS. AVG || PRAEFEC. FABR || D. D

<sup>4</sup> Gruter. 426, 2. C. IVLIVS. C. F. . . || II. VIR. BIS. PRA. . . || VTRIQVE. SEN. . . || . . .

C · IVLIO · C · F  
 GAL · PEDONI  
 II VIR · FLAMINI  
 DIVORVM · OB  
 5 REM · P · BENE  
 ADMINIS TRA  
 TAM · ET · ANNO  
 NAM · IN LA TA  
 PECVNIA · AD IV  
 10 TAM · PLEBS  
 AERE · CONLA TO

O que está impresso em cursivo addicionei eu, servindo-me da copia de Cenaculo. As seguintes perderam-se:

L · Clodio · M · F  
 GAL · *qu*ADRA TO  
 AEDIL I  
 MODESTVS · SER  
 D · S

e

L · CLODIO · M · F · GAL · SALVIANO  
*flam · DIVORUM · AVG*  
 .....

Da segunda inferiu Bayer a existencia de um *magister Larum Aug.*, o que, porém, não póde referir-se a um homem livre por nascimento. Tambem decerto diz respeito a Beja a inscripção que se lê no cabo de prata de uma *patera*, que se conserva em Evora na collecção de Cenaculo. Segundo affirma um servente da bibliotheca d'aquella cidade, de oitenta annos d'edade, por nome Castro, que diz tel-o ouvido contar muitas vezes ao arcebispo, aquella *patera* foi achada em Troya, onde já frequentes vezes teem apparecido objectos de prata. Está n'ella representado em baixo relevo um mancebo, coberto só com um manto curto, empunhando na esquerda uma cornucopia, e com a mão direita fazendo libações com uma *patera* sobre uma pequena ara proxima, onde chammeja o fogo. Na parte inferior estão embutidas em oiro as seguintes letras que tem a fórma do tempo de Augusto:

## C C P I

Não podem significar bem senão *c(olonorum) c(oloniae) p(acis) i(uliae)*, sendo certo que o mancebo sacrificador representa um *genius imperii*, como em muitas moedas dos imperadores romanos, por exemplo de Nero. O cabo pertenceria, pois, a algum vaso destinado ao culto publico. O logar em que foi achado não póde, porém, considerar-se como certo.

Em redor da borda de um vaso de pedra havia a seguinte inscripção, cujas copias, tanto a de Bayer como a da collecção Cenaculo, são infelizmente incompletas:

DEAE . SANCTAE . GRATRSCFRASAN//TILIOSECOC   conforme Cenaculo,  
e

DEAE . SANCTAE GRATR° SAITILIO CO//                   conforme Bayer.

Existe no museu d'Evora uma pequena ara, que se sabe ter sido achada no districto de Beja, e tem a seguinte inscripção:

D . S . TVRVBRIG  
L . VOCONIVS  
*valens*

A DEAE SANCTA é a ATAECINA de Merida e Medellin. TVRVBRIGA é a transição natural entre as duas fórmas já conhecidas *Turobriga* e *Turibriga*. Ainda existe a seguinte:

SERAPI . PANTHEO  
SACRW  
INHONOREM . G . MA  
RIϕPRISCIANIϕ  
5   STELINA . PRISCA  
MATER . FILII .  
INDVLGENTISSIMI  
D .                   D .

Na povoação proxima chamada Valeirão encontrou-se esta<sup>1</sup>, que já se não conserva:

<sup>1</sup> Impressa no *Diccionario* de Cardoso, II, p. 23, e no *Algarve* de Salgado, p. 130.



.....  
 .....  
 ANN · XXXIII  
 G · BLOSSIVS · SATV  
 5 RNINVS · GALERIA  
 NAPOLITANVS · AFER  
 ARENIENSIS · INCO  
 LA BALSENSIS FILI  
 AE · PIENTISSIMAE  
 10 H · S · E · S · T · T · L

No principio faltam duas linhas com os nomes da filha. O nome Balsa só aparece n'esta inscripção<sup>1</sup>. O epitheto *pacensis* acha-se applicado, não só ao medico de Merobriga<sup>2</sup>, como tambem a uma MODESTA MODESTI FILIA n'uma lapide sepulchral descoberta nas visinhanças de Moura. Póde talvez considerar-se uma dedicação á IV(v)ENTVS a seguinte inscripção, que só foi conservada nos papeis de Cenaculo:

pALPHVRIA . . . . *fil*  
 GENESIS-EX *voto*  
 IVENTVTI  
 L · d · D · D

Outra copia achada nos mesmos papeis diz EVENTVTI e E. D. D: ambas trazem na 1.<sup>a</sup> linha ALPHVRIC e GENESIS. O nome de Beja explica-se sem difficuldade attendendo ao uso geralmente seguido na Peninsula de formar o nome moderno do ablativo do antigo. A situação de Beja, dominando de uma planura elevada a região circumjacente, é bem adaptada a uma colonia. O lugar onde jazia Pax Iulia fica, pois, determinado; sendo completamente inadmissivel dis-

<sup>1</sup> Isto escrevia o auctor em 1861. Depois, em janeiro de 1866, appareceram na quinta da Torre d'Ares, proximo a Tavira, as duas incripções seguintes, que o sr. Estacio da Veiga inseriu no seu opusculo *Os Povos Balsenses*, pag. 15 e 17.

É a primeira: T. RVTILO. GAL || TVSCILLIANO || Q. RVTIL. RVSTI || CINI. FIL. T. MAN || LIH. MARTIALIS || NEPOTI. INHO || NOREM. EORVM || AMICI. || CVR. L. PACC. MARCI || ANO ET. L. GILL. TVTO || L. PACC. BASILIVS || P. RVTIL. ANTIGONVS || T. MANV. EVTYCHES || T. MANL. EVTYCHIO || L. MECLON. CASSIVS || PVBLICIVS ALEXANDER || LAETILIANVS. BALSENTIVM  
 a segunda é: T. MANLIO || T. F. QVIR. FAV || STINO. BALS || MANLIA. T. F. || FAVSTINA || SOROR. FRA || TRI. PISSIMO || TVIR. TV || EPVLO. DATO

<sup>2</sup> V. p. 31.

tinguir, como querem alguns hespanhoes, Pax Julia e Pax Augusta, como duas cidades differentes. Plinio diz que eram sómente cinco as colonias da Lusitania; e Ukert observa com razão que os sobrenomes Julia e Augusta não raras vezes apparecem juntos. Quando no tempo de Augusto (e é de certo ás fontes que tinha d'esta época que Strabão se refere) Pax Julia foi novamente designada como terra de veteranos, é possível que recebesse então o nome de Augusta, embora não fosse este consagrado pelo uso<sup>1</sup>. Isto, porém, não se oppõe a que, com a invasão dos arabes, o bispado de Pax Julia fosse transferido para Badajoz, pois se podem citar muitos exemplos semelhantes. Em Badajoz existia uma inscripção sepulchral, em fórma de acrostico, do tumulo de um bispo, por nome Daniel, do anno de 1000; em Beja havia varias inscripções christãs, sendo uma dos fins do VI seculo<sup>2</sup>.

Existem ainda, segundo o testemunho de pessoas fidedignas, varios vestigios da estrada directa entre Pax Julia e Eborá, a qual não vem indicada no Itinerario. Rezende é o unico que cita o fragmento de um marco milliario d'ella<sup>3</sup>; outros dois, que havia na collecção de Cenaculo, perderam-se. Teem-se encontrado varias inscripções em Alfundão, Alvito e Aguiar.

Eborá, o municipio Liberalitas Julia, tem conservado o seu nome, e está ainda no lugar que antigamente occupava, como provam as ruinas existentes de um bello templo. Rezende escreveu a respeito d'ella, como cidade que era sua patria, não só nas *Antiquitates Lusitaniae*, mas especialmente n'um livro intitulado *Historia da antiguidade da cidade de Evora*, que veiu á luz primeiro em 1553 e depois em 1576, melhorado pelo proprio auctor. Ambas estas edições são rarissimas. A segunda foi reimpressa em Lisboa em 1783, e encontra-se tambem na compilação de Bento José de Sousa Farinha — *Collecção das antiguidades d'Evora*<sup>4</sup>. Parte n'esta primeira obra, parte nas *Antiquitates* (que Grutero designa ás vezes sob o nome do editor Mendezius ou Vasconcellos) tornou Rezende conhecidas dez inscripções, que estão indubitavelmente falsificadas. Cinco d'ellas existem.

Na praça do mercado em Evora, sob a arcada da casa da Camara, ha treze lapides com inscripções, grupadas em um todo architectonico. A mais moderna refere-se á reconstrucção mandada fazer por Philippe 2.<sup>o</sup> de Portugal (e 3.<sup>o</sup> de Hespanha) do aqueducto edificado por D. João 3.<sup>o</sup>. Ao pé d'esta

<sup>1</sup> Comtudo os Augustani na Lusitania de que falla Frontinus (p. 22, 54 Lachm.) não são, como quer Ukert (p. 389, anm. 49), os *pacenses*, mas sim os *emeritenses*. — (E. H.)

<sup>2</sup> Gruter. 1060, 2. A † Ω || SEVERVS || PRESBIT. FAM || VLVS. CHRISTI. VI || XIT. ANN. LV || REQUIEVIT. I || N. PACE. DOMINI || XI. KAL. NOVEMBRIS || ERA. DCXXII

<sup>3</sup> P. 156.

<sup>4</sup> Lisboa, 1785. in 8.<sup>o</sup>.

inscripção está a d'este ultimo rei, referida ao anno de 1532, mas que foi gravada pela primeira vez em 1605. Diz-se n'esta que D. João 3.<sup>o</sup> restaurára o antigo aqueducto de Q. Sertorio feito 75 annos antes de Christo, etc. É possível que, por occasião de se construir o aqueducto, se descobrissem effectivamente restos de outro antigo e que fossem aproveitados; mas a tal respeito muito se ha disputado. Rezende, a quem contradizia Miguel da Silva, era de opinião que Sertorio construira aquelle aqueducto, e citava como argumento a seu favor a inscripção que Grutero<sup>1</sup> conhecia por communicação de Strada, devendo este ter noticia d'ella por meio de uma informação completamente semelhante á que Rezende forneceu a Agustin<sup>2</sup>. Conforme se declara n'esta ultima, encontrava-se a dita inscripção em Evora *in veteri arcu ad portam novam*, ao que acrescentou o individuo hespanhol, talvez o proprio Agustin, que recebeu a communicação, *estava, segun dice Resende, que la vió; ahora no se halla*. Diz ella: *Q. Sertor(ius)*. . . . (aqui ha uma lacuna na lapide) . . . (*e*) *belli Celtiberici manubiis in honorem nomin(is) sui* etc. . . . *aquam . . . perducendam curavit*. O proprio Rezende não a menciona nem na Historia de Evora, nem nas *Antiquitates*: encontra-se, porém, d'outro modo e com intercalação de algumas linhas, no appendice de Mendes de Vasconcellos<sup>3</sup>, e anteriormente ainda na chronica de Vasaeus<sup>4</sup> impressa em Salamanca no anno de 1552, d'onde a transcreveu Morales. Rezende devia, por tanto, tel-a communicado a Vasaeus ou a outro individuo hespanhol pela fórma alludida ainda antes de se publicar a sua Historia d'Evora. Para maior prova da presença de Sertorio n'esta cidade e dos serviços que lhe prestou, adduzia Rezende a dedicação de Junia Donace a 1(*u*-*p*iter) o(*pt*imus) m(*ax*imus) OB PVLSOS A Q. SERTORIO METELV M ADQ(*ue*) POM-*p*(*ei*um), da qual fallou pela primeira vez nas *Antiquitates*<sup>5</sup>, onde affirma que ella existia, juntamente com a inscripção de Flavia Rufina acima transcripta<sup>6</sup> e mais outras quatro, na egreja de Santa Maria do Sadão. Foi depois, em 1605, gravada em lapide e levada para a casa da Camara d'Evora (onde a copiou Murphy para os seus *Travels*<sup>7</sup>). A dedicação aos lares *pro salute et incolumitate do-*

<sup>1</sup> *Spur.* 4, 8. Q. SERTOR. . . . . || BELLI. CELTIBERICI. MANVBIS || IN. HONOREM. . . . . || NOMIN. SVI. ET. COH. FORTISS. EBORENSVM. MVNICIP. . . . || VRBEM. MOENIVIT. EOQVE. AQVAM. DIVERSIS. . . . || IN. DVCTVM. VNVM. CONLECTIS. FONTIB. . . . || PERDVCEMAM. CV-RAVIT. . . . .

<sup>2</sup> Manuscrito de Guimerá, f. 47.

<sup>3</sup> V, p. 14.

<sup>4</sup> F. 35.

<sup>5</sup> P. 241.

<sup>6</sup> P. 25.

P. 309, taboa XXI.

*muus Q. Sertorii*<sup>1</sup>, é da mesma Junia Donace e de tres libertos de Sertorio. Rezende diz positivamente na Historia de Evora, que esta inscripção fora achada, havia pouco mais ou menos seis annos, *na casa de Sertorio*, que assim baptisou elle uma torre da idade media situada nos muros da cidade, torre que ainda hoje se mostra como tendo sido a habitação d'aquelle guerreiro. Talvez que no tempo de Rezende e de D. João 3.<sup>o</sup> já a lapide estivesse gravada, por isso que a fôrma da escriptura enganou o proprio Bayer; comtudo, quem condemna uma d'estas falsificações, deve, sem duvida, condemnal-as todas. A quarta e ultima inscripções relativas a Sertorio<sup>2</sup>, não vem na Historia de Evora, nem nas *Antiquitates*, nem no Appendix de Mendes de Vasconcellos. Grutero houve-a de Morales; este de Do Campo<sup>3</sup>. Foi tambem communicada por Gaspar de Castro a Agustin<sup>4</sup>, que acrescenta: *este epitaphio me dió en Coria el Licenciado Bejarano, y el lo huvo de frai Andres de Resendio portugues su discipulo. . . . , y yo lo copie sin dexar nada de lo contenido en el traslado que vino a mis manos, quedando la lengua portuguesa en su fuerça y vigor*. Seguem as palavras de Rezende: *Quando Sancto Loy (San Luis) d'Evora se fazia em tempo do bispo Dom Garcia, entre esses antigos edificios que nelle habia, foy achado hum marmore sobre humas columnas, ho qual ao tirar quebrou. Tinha estas letras:*

SERTOR. LVSIT. DVX IN EXTREM  
ORB. PLAGA. D. IMMORT. FVGIENT. VOVIT  
ANIM etc.

Esta invenção demasiado pueril pareceu, certamente, ao seu auctor indigna de publicidade; comtudo existe ainda, mesmo em Portugal, uma copia d'ella, conservada por Brito<sup>5</sup>, á qual elle addiciona a observação seguinte: «*não ha muitos annos descoberta quando fazião a igreja de São Luis.*»

Não se contentou, porém, Rezende com haver por esta fôrma reivindicado Sertorio para Evora; para explicar o nome da cidade forjou tambem uma in-

<sup>1</sup> Grut. 406, 43. LARIBVS || PRO. SALVTE. ET. INCOLV || MITATE. DOMVVS || Q. SERTORII || COMPETALIB. LYDOS || ET. EPVLVM. VICINEIS || IVN. DONACE. DO || MESTICA. EIVS. ET || Q. SERTOR. HERMES || Q. SERTOR. CEPHALO || Q. SERTOR. ANTEROS || LIBERTEI

<sup>2</sup> Grut. *Spur.* 41, 8. SERTOR. LVSIT. DVX. IN. EXTREM. ORB || PLAGA. D. IMMORT. VOVET. ANIM. BVSTO || CORPVS. QVI. TIBI. SALO. THETHI. SERVATVS || QVO. LOCO. CIRCA. EBOR. RO. COS. COP. Q || IPS. CECIDERAT. OLIM. H. EREX. S. CIRCVM || VENTAM. DOLO. VMB. ELISIVM. DIRIGE || DIVA. D S. T. T. L || AVLICVS. P

<sup>3</sup> Collecção em Madrid, f. 56.

<sup>4</sup> *Cod. Vat.* 6040, f. 60.

<sup>5</sup> I, f. 304.

scripção relativa a Cesar, a respeito da qual diz na Historia d'Evora: «*estava em Sanctiago, agora eu a tenho em casa.*» Tambem esta se conserva na casa da Camara; foi gravada na lapide no tempo de Rezende, servindo para isso uma base antiga, como parece indicarem-no alguns signaes externos. É tão falsa como as demais, não obstante ninguem até hoje a ter positivamente condemnado. Seja-me permittido não analysar em separado cada uma das cinco inscripções restantes. São as seguintes: uma lapide de demarcação entre os pacenses e os eborenses<sup>1</sup>, que Rezende extensamente explicou nas suas cartas a Quevedo, conego de Toledo, a fim de provar a antiguidade do Christianismo em Beja<sup>2</sup>; as lapides sepulchraes de dois guerreiros mortos n'uma peleja contra Viriato (para que a Evora não faltasse tambem esta recordação patriotica); sendo uma de C. Minicius Jubatus<sup>3</sup>, gravada na lapide em 1605, e outra de L. Silo Sabinus<sup>4</sup>; finalmente a de um certo Q. Longinus tartareo absorbtus hiatu, a qual constitue as duas inscripções de Grutero<sup>5</sup>. A respeito da ultima diz Rezende<sup>6</sup>: *prope Eboram in praedio Pomariensi ad divi Benedicti inventam esse narrabat Honoratus Ioannes Valentinus, qui acceperat a Floriano Ocampo; ego etsi diligenter perquisivi, hactenus invenire non potui.* Da de L. Silo Sabinus, que deve ter sido encontrada no mesmo lugar, diz elle porém: *Honoratus Valentinus a Floriano Campensi acceptum mihi Olisipone ostendit, sed et ego illi hoc emendatius tradidi,* por isso que era *testis oculatus.* É esta a razão porque elle na Historia d'Evora só apresenta esta como existente em *Sam Beento de Pomares.* Nos papeis de Do Campo em Madrid não apparecem estas duas inscripções;

<sup>1</sup> Grut. 199, 4. DD. NN || AETERN. IMPP || C. AVRE. VALER || IO. IOVIO. DIO || CLECIANO. ET || M. AVR. VALERI || O. ERCVLLO || MAXIMIANO || PHS. FEL. SEMPER. AVGG || TERMINVS. INTER || PACENS. ET. EBORENS || CVRANTE. P. DATIANO || V. P. PRAESIDE. H. H. || N. M. Q. EORVM || DEVOTISSIMO || HEINC. PACENSES || (no reverso) HEINC. EBORENSES

<sup>2</sup> V. Schottus, *Hispania illustrata*, II, p. 1013, e tambem as *Antiquitates*, p. 158.

<sup>3</sup> Grut. *Spur.* 14, 2. C. MINICIVS. C. F. LEM. IVBATVS || ... LEG. X. GEM. QVEM. IN. PRAELIO. . || CONTRA. VIRIATVM. VOLNERIBVS || SOPITVM. IMP. CLAVDIVS. VNIMA. . . . || PRO. MORTVO. DERELIQUIT. EBV. . . . . || TIS. LVSITANI. OPERA. SERV. . . . . || RARIQVE. IVSSVS. PAVCOS. SV. . . . . || DIES. MAESTVS. OBI. QVIA. . . . . || MERENTI. MORE. ROMA. . . . . || AM. NUN. RETVLI

<sup>4</sup> Grut. *Spur.* 14, 4. L. SILO. SABINVS. BELLO. CONT || VIRIATVM. IN. EBOR. PRNV. LV-SIT || AGRO. MYLTITYDINE. TELOR || CONFOSYS. AD. C. PLAVT. PRAET || DELATVS. HVMERIS. MIL. II || SEP. E. PEC. MEA. M. F. I. IN || QVO. NEMIN. VELIM. MECVM || NEC. SERV. NEC. LIB. INSEI || SI. SECVS. FIET. VELIM. OSSVA || QVORVMCVNQVE. SEPVLAH || MEQ. ERVI. SI PATRIA. LIBE || RA. ERIT

*Spur.* 15, 6. Q. LONGINVS. TARTAREO. ABSORBT || HIATV. ANTE. TEMP. ARM. HOST; ibid., 14, 3. M. REGVL. TRIB. MIL. MARM. SARCOPH || OSSA. CONTEXIT. VALETE. MILIT. ROM

<sup>6</sup> *Antiquitatés*, p. 113.

não sei, porém, d'onde este ultimo as podesse haver não sendo de Rezende. Honorato Juan não passa, quando muito, de um àgente. Finalmente encontrou-se ainda em casa de Rezende, em Evora, uma inscripção, visivelmente moderna, á nymphá da sua fonte, que nem por elle, nem por antiquario algum anterior foi publicada: vem unicamente, por communicação de Cenaculo, no Algarve de Salgado<sup>1</sup>. Talvez elle nunca tivesse intenção de a apresentar como antiga; comtudo concorre este documento para comprovar quanto lhe agradavam as tentativas praticas de epigraphia.

Bem desejaria eu, em attenção a outras inscripções que se apoiam na auctoridade de Rezende, convencer-me de que nas falsificações relativas a Evora elle não quinhoara senão como um homem credulo enganado; comtudo dos factos citados, que são irrefutaveis, conclue-se manifestamente que, para dar maior gloria á sua cidade natal, elle proprio falsificou todas aquellas inscripções, quer no papel quer na pedra, adulterando tambem as noticias e circumstancias dos logares em que haviam sido encontradas.

A todas estas acrescentou Brito mais uma inscripção falsa<sup>2</sup> extrahida do seu *promptuarius*. O padre Manuel Fialho, da companhia de Jesus, transcreveu-as depois com uma impertinente minuciosidade na sua historia de Evora, extrahida de semelhantes fontes, a qual se intitula *Evora illustrata*<sup>3</sup>; como *epilogo* d'esta se publicou, por ultimo, em Roma no anno de 1728 a *Evora gloriosa* do padre Francisco da Fonseca. Tal copia de obras glorificatorias ácerca da pequena cidade de Evora excitava já em 1624 o engenho de Martinez Cardoso d'Azevedo a escrever uma satyra contra Rezende e Brito, a qual se imprimiu em 1739 sob o titulo de *Antiquidades de Evora*, e com o pseudonymo de Amador Patricio: n'ella se parodia, não sem graça, o vaidoso empenho de alliar com a historia d'Evora todos os grandes homens e acontecimentos da historia romana. Restam, porém, a esta cidade, além da inscripção de C. ANTONIVS C. F. FLAVINVS VI VIR IVN. HAST. LEG(*ionis*) II AVG(*ustae*) TORQ(*ue*) AVR(*eo*) ET AN(*nona*) DVPL(*ari*); OB VIRT(*utem*) DONATVS<sup>4</sup>, consagrada por sua mãe IVN(*ia*) VERECVNDÁ FLAM(*inica*) PERP(*etua*) MVN(*icip*) EBOR(*ensis*), inscripção muito suspeita, quando não falsa, ainda algumas inscripções verdadeiras, sendo quatro

<sup>1</sup> P. 227. SALVE NYMPHA || QVEM LOCVM TI... || EVM. TVDEA LVC... || SEMPER AVGETO... || PER COLITO NE... || ...EMIGRA...

<sup>2</sup> I, f. 290. I. O. M. || EBOREN. MVNICIP. DD. || VIRGINES SVPL. MISE || RVNT. PRO SALVTE || .Q. SERT. || FLAVIAEQ. FLAMINICAE || PROVINICIAE LVSIT. || AVREAM BVLAM. || DEDERVNT || EX VOTO.

<sup>3</sup> Manuscrito em dois volumes in folio na bibliotheca nacional de Lisboa, A 4, 15 e 16.

<sup>4</sup> Grut. 357, 1.

d'ellas christãs, e seis lapides sepulchraes singelas. Conservam-se ainda nove, quatro na praça, no edificio da Camara: d'estas, porém, a inscripção de L. VOCONIVS L. F. QVIR. PAVLLVS<sup>1</sup>, que exerceu grande numero de cargos municipaes e militares, e que por ultimo se encarregou gratuitamente de uma embaixada a Roma, considero eu evidentemente falsa, bem como a de outro empregado militar e municipal<sup>2</sup>, que se conserva unicamente em copia moderna na casa da Camara, e que é, sem duvida, obra do proprio A. de Rezende.

Nas excavações a que se tem procedido nas proximidades das bellas ruínas, a que desde Rezende se chama o templo de Diana por causa da particular intimidade que Sertorio tinha com esta Deusa, descobriu-se um fragmento de uma grande base de marmore, ricamente ornamentada, mas tão mutilada que mal se pôde reconhecer n'ella o pedestal de uma estatua imperial. Na casa de Rezende existe ainda o seguinte fragmento de um pequeno altar, que tem permanecido ignorado:

.....  
 .....  
 TIVS • SEVERVS  
 EQVES • ROMAN  
 VS • V • S • L • M

Só nas *Antiquitates* de Rezende<sup>3</sup> apparece o seguinte fragmento, que se não soube completar:

<sup>1</sup> Grut. 489, 9. L. VOCONIO. L. F. || QVIR. PAVLO. AED. Q || II. VIR. II VIR. FLAM. ROM. || DIVOR. ET. AVGG || PRAEF. COH. I LVSIT. ET. COH || I VETTONVM. 7. LEG. III. ITAL || OB. CAVSAS. VTILITATESQVE. PVBLI || CAS. APVT. ORDIN. AMPLISS || FIDELITER. ET. CONSTANTER || DEFENSAS. LEGATIONE. QVA || GRATVITA. ROMAE. PRO. R. P || SVA. FVNCT. EST || LIB. IVL. EBORA || PVBLICE. IN FORO

<sup>2</sup> Grut. 498, 13. . . .CILIO. Q. F. VOLVS. || . . .AEG. COH. II. C. R. || . . .X. PROVOC. VICTORI || . . .S. DONATO. AB. IMP. || . . .II. HAST. PVR. III. VEX || . . .VIC. I. MUR. IIII. OBSID || . . .NIB. H. IN. R. P. SVA. FVN || . . .BORENS. CIVI. OPT. MERITA. EIVS. IN MVNIC || . . .RMOR. BASI. AEENE. || D. D

<sup>3</sup> P. 34.

*Furiae · sabiniae*  
*TRANQVILLINA*  
*sanctissimae*  
*Aug. COIVG. d. n.*  
 5 *Imp. CAES. M. Antoni*  
*Gordiani · pii. fe*  
*licis · AVG · Mun.*  
*EBORENSES. d. d.*

Na 5.<sup>a</sup> linha a copia traz CAESSA; afóra isto não ha que alterar lettra alguma.

Da egreja de Santa Maria de Tourega mandou Cenaculo levar para a bibliotheca d'Evora a inscripção mencionada em Grutero<sup>1</sup>. É dedicada a Q. IVLIVS MAXIMVS C(arissimus) V(ir), QVAESTOR PROV(inciae) SICILIAE, TRIB(unus) PLEB(is), LEG(atus) PROV(inciae) NARBONENS(is) GALLIAE e PRAET(or) DES(ignatus) e aos seus dois filhos Q. Clarus e Nepotianus, um de vinte, outro de vinte e um annos, a cada um dos quaes se dá o titulo de C(larissimus) I(uvenis) e QVATTVOR VIR VIARVM CVRANDARVM. Erradamente chama Grutero ao irmão mais velho C(larissimus) V(ir). Perdeu-se a inscripção de Laberia Galla, *flaminica* da cidade de Ebora e da provincia Lusitana<sup>2</sup>, bem como as outras lapides sepulchraes. Das christãs só se conserva uma<sup>3</sup>.

Na povoação visinha de Villa Nova de Reguengos, no monte da Asinheira, descobriu-se, já depois da morte de Cenaculo, a inscripção seguinte, do anno 393, a qual foi levada para a bibliotheca d'Evora. Dá uma idéa da rudeza d'aquella época pela fórma tanto das palavras como dos versos:

<sup>1</sup> 423, 4. 1.<sup>a</sup> D. M. S. Q. IVL. MAX. C. V || QVAESTORI. PROV. SICI || LIAE. TRIB. PLEB. LEG. PROV. NARBONENS || GALL. PRAET. DESIGN || ANN XLVIII || CALPVRNIA. SABINA || MARITO OPTIMO — 2.<sup>a</sup> Q. IVL. DLARO. C. V. III. VIR || VIARVM. CVRANDARVM || ANN. XXI || Q. IVL. NEPOTIANO. C. † I || III. VIRO. VIARVM. CVRAN || DARVM. ANN. XX || CALP. SÁBINÁ. FILIS

<sup>2</sup> Grut. 323, 7. LABERIAE. L. F || GALLAE. FLA || MINICIAE. MVNIC || EBORENSIS. FLA || MINICIAE. PROVIN || CIAE. LVSITANIAE || L. LABERIVS. ARTEMAS || L. LABERIVS. CALLAECVS || L. LABERIVS. ABASCANTVS || L. LABERIVS. PARIS || L. LABERIVS. LAVSVS. LIBERT

<sup>3</sup> Grut. 1057, 3. DEPOSITIO. PAVLI. FAMVLVS (sic) || DEI. VIXIT. ANNOS. L. ET. VNO || REQVIEVIT. IN. PACE. D || III. ID. MARTIAS. ERA. D. LXXXII



† D V M S I A W L D L C E  
 M C V W I R O C A R P E  
 R E V I T A M E  
 I L I C O M E F O R T V N A T V  
 5 N A T V L I T S E M P E R N O X  
 S E A C V N T I S E  
 V I T A D V W I X V E N A N T I A  
 N O M E N I N S E C V L O G E S I E  
 T E R D E C I E N Q A T E R I N P A  
 10 C E Q V I E T O S P E R T I V A N O S  
 V L T I A W M I A M S O L V I D E  
 V I T V M C O W N E M O M N I  
 B V S V N V M E H O C  
 L O C O E R G A M E O S E L E C V  
 15 Q V I E S C E R E P R O L E S E  
 N O N D V M Q V O S D O M I N V S  
 V O C A V I T P V R G A T O S V N  
 d a L A B A C R I E R E Q V I  
 e v I T I N P A C E S V B D X I  
 20 k a l F E B R A R E R D C X X X I

Isto é:

*Dum simul d(u)lcem cum viro carpere(m) vitam.  
 Ilico me fortuna [tuna] tulit semper noxsea cum(c)tis.  
 Vita(m) dum vix(i), Venantia nomen in seculo ges(s)i.  
 Ter decien(s) q(u)ater in pace quietos pertuli annos.  
 Ultimum jam solvi devitum comunem omnibus unum.  
 Hoc loco erga meos elegi (?) quiescere proles,  
 (No)ndum quos dominus (vo)cavit purgatos un(da) labacri.  
 Requi(e)it in pace sub d(ie) XI (kal.) Februar(ias)  
 er(a) DCXXXI*

Na 4.<sup>a</sup> linha o canteiro, enganado pela palavra seguinte *tulit*, repetiu inadvertidamente a segunda syllaba de *fortuna*.

Outra inscripção, de época posterior, e que devia pertencer a uma cruz, se conserva na casa de Rezende; parece-me que nunca foi impressa. Poderia, pela fórmula da escripta, referir-a ao 7.<sup>o</sup> ou 8.<sup>o</sup> seculo. Resa assim:

FLECTE GENVEN SIGN PER QV̄D VIS VETA TIRANI  
 ANTIQVI ATQV̄E EREBI CONCDIT IMPERIVM  
 HOC TV SIVE PIVS FRONE SIV̄ PECTORA SIGNES  
 NEC LEMORV̄ NSDES EXPECTARAQV̄E VANA TIME

Isto é :

*Flecte genu, en signum, per quod vis victa tiran(n)i  
 Antiqui atque Erebi concidit imperium.  
 Hoc tu sive pius fronte(m) sive pectora signes.  
 Nec lemoru(m) insidies expectaraque vana time.*

Indica-se o signal da cruz como salvaguarda contra *lemurum insidias spectraque*. A fórma *expectara* é interessante para a historia da pronuncia do *s impurum*.

Existe tambem na bibliotheca d'Evora uma inscripção christã, em lingua grega, achada em Beja, que por nenhum modo posso decifrar: está n'uma pequena lapide e lê-se perfeitamente, parecendo não ser deficiente.

A I E g T H  
 E T T X T H H  
 C H P Γ H P o C  
 T E

José Lourenço do Valle, já citado, traduziu-a n'uma folha *in-quarto* que foi impressa em Roma em 1771, por este modo: *fertilis terra fructificavit cum Assyriis!*

Ácerca dos logares circumvisinhos de Evora talvez se possam obter indícios mais claros, se algum dia se investigar a direcção das estradas que d'aquella cidade partiam para Merida. Muito provavelmente havia pelo menos duas. Como já fica dito, uma d'ellas seguia quasi em linha recta. A outra parece, porém, que atravessava o Guadiana ao sudoeste de Evora, e desviava-se do seu curso regular passando por algumas antigas cidades situadas na serra Morena, onde provavelmente se ramificava com uma das estradas que iam a Pax Julia. Contudo a situação de quasi todas as estações é inteiramente desconhecida, e as raras inscripções, que se conhecem d'aquellas regiões, pouco elucidam a tal respeito.

Entre Evora e Villa-Viçosa, nas visinhanças de Terena e Nossa Senhora das

Boas Novas, devia ter havido um santuario, bem como alguma antiga cidade. Teem-se ali encontrado numerosas dedicações ao deus Endovellico, do qual, como de varias outras divindades locaes, que n'este relatorio mais de uma vez teem sido mencionadas, se teve conhecimento casualmente. Scaligero recebeu de pessoa desconhecida (talvez de Elias Vinet) communicação de doze inscrições encontradas n'este sitio. Entre os seus papeis existentes na *Bibliothèque impériale de Paris*<sup>1</sup> ha uma folha onde ellas estão transcriptas pela sua mão, mais exactamente do que em Grutero. Algumas d'estas não foram conhecidas por André de Rezende; comtudo menciona elle mais algumas lapides sepulchraes; ao todo treze inscrições. Conheço tambem uma de que só acho menção no Pighius de Berlin<sup>2</sup>. Cornide, que em 1798 visitou estes logares, conservou egualmente algumas inscrições novas. O duque de Bragança D. Theodosio mandou-as collocar na parede do convento de Santo Agostinho de Villa-Viçosa, d'onde transcreveu oito d'ellas D. Antonio Caetano de Sousa para a sua *Historia Genealogica da Casa Real portugueza*<sup>3</sup>. Vem tambem transcriptas nas tres monographias ácerca do deus Endovellico, até hoje publicadas<sup>4</sup>: uma de Freret nas *Mémoires de l'Académie des Inscriptions*<sup>5</sup>; outra, de que é auctor o hespanhol D. Miguel Pastor; e a terceira de Antonio da Visitação Freire nas *Memorias* da Academia<sup>6</sup>, onde vem as copias de Cornide. Conforme os papeis de Scaligero, a inscrição de Grutero<sup>7</sup> deve corrigir-se assim:

D · ENDOVELLICO · SAC  
ADRELICTIVM · EX  
I · NVMIN · ARRIVS  
BADIOLVS · A · L · F

Não sei, na verdade, o que seja um *sacrum adrelictivum* (escrevo assim em substituição á fôrma incorrecta *adrelictivum*). O que se segue só pôde significar EX I(ussu) NVMINIS. As dedicações faziam-se não só *ex voto* ou *voto suscepto*, mas tambem *ex religione*, *jussu numinis* e *ex visu*. Não obstante todas as mencionadas monographias, nada se tem apurado digno de menção ácerca

<sup>1</sup> Fonds Dupuy, 461, f. 61 v.

Codex, f. 24.

<sup>3</sup> VI, p. 78 a 81.

<sup>4</sup> Ha, além d'estas, a de Th. Reinesio — *de Deo Endovellico comment.* Altenb. 1634, in 4.<sup>o</sup>

<sup>5</sup> Vol. III, p. 179.

<sup>6</sup> XIII, 1843, p. 81 a 97.

<sup>7</sup> 87, 12. D. ENDOVELLICO. SA || AD. RELICTIVM. EX || T. NVMIN. ARRIVS || BADIOLVS. A. L. F

da significação do nome do deus. Quatorze vezes apparece escripto Endovellicus, uma Endovelicus, e outra Enobolicus, se é que estas variantes não são enganos de quem copiou as inscripções. Os dedicadores são oito mulheres e cinco homens, entre os quaes um *eques romanus*, e dois escravos, sendo um d'elles *marmorarius*. Uma vez a dedicação é *pro salute*; as mulheres fazem voto quasi sempre pelos maridos ou pelas filhas. Como se encontraram, juntamente com estas inscripções, outras consagradas a Proserpina, uma d'ellas a *Proserpina servatrix*, é mais verosimil considerar Endovellico como uma divindade local protectora da saude, da vida e da prosperidade, do que havel-o pelo Cupido dos celtas, como queria Brito, ou por Marte, como se pretendeu inferir de uma van etymologia.

Cornide transcreveu inexactamente a seguinte inscripção; mas nem elle nem o seu editor a entenderam. Melhor algum tanto é a copia de frei Manuel das Santas Nolasco, extrahida de Cenaculo:

SITNIA · Q · F  
VICTORINA  
EXVISV · Q · SI  
TNI · T · F · QVIR · SERA  
5 ni PATRIS · SVI · deo · EN  
DOVELLICO p c

As variantes são pouco essenciaes. No fim ambas as copias trazem ro. As lapides sepulchraes d'este logar trazem nomes não latinos.

Em Juromenha, povoação pouco distante da precedente, descobriu-se em 1776 a seguinte inscripção, que foi communicada a Cenaculo:

c. IVLIVS · c. f. gal  
MAXVMS  
MILES · Leg. vii. g. p.  
fELICIS · I(ovi. o. m.?)  
V · S · L · m

Em Bencatel, junto a Villa-Viçosa, encontrou-se em 1841 uma pequena ara, que o padre Manuel da Gama Xaro, de Setubal, viu em Lisboa em poder do fallecido patriarcha D. frei Francisco de S. Luiz. Devo ao favor do sr. Xaro a seguinte copia; da lapide não sabia elle o que fôra feito:

## FONTANO

ET · FONTANAE

PRO SALVT · AL

BI · FAVSTI · ALBIA

PACINA · V · S · A · L

É singular a divisão da divindade da fonte em um Fontanus e uma Fontana.

Junto á Colonia Scalabis, e portanto, pouco mais ou menos, ao pé de Santarem, separava-se da estrada que, mais pelo norte, ia de Olisipo a Merida, aquella que ligava Olisipo e a mencionada colonia com Bracaraugusta, cidade situada ao norte, na provincia Tarraconense. É ponto muito duvidoso se a dita estrada, correndo pelo valle do Tejo, se adiantava até á região de Thomar, como geralmente se suppõe: tambem aqui se conhece a falta de averiguação topographica dos restos da estrada. A estação que immediatamente se segue no Itinerario<sup>1</sup>, Sellium, é collocada pelos antiquarios portuguezes, em virtude só de uma remota semelhança de palavras, junto a Seixo, povoação cujo nome se encontra muitas vezes.

Entre Santarem e Thomar, n'um outeiro perto de Torres Novas, chamado *o monte da cidade*, existem, conforme affirma o *Dicc. geogr. ms.*<sup>2</sup>, ruínas de uma cidade antiga, talvez por nome Beselga. É n'este logar que de certo foi achada a pequena inscripção seguinte:

FORTVNAE

SABINA

V·A·L·S

No muro da torre principal do convento de Thomar, séde da ordem de Christo, estão embebidas tres inscripções, que o padre Joseph de la Bandera diz (não sei com que fundamento) no seu *Sermon panegirico de S. Benito en Thomar*<sup>3</sup>, terem sido achadas nas ruínas de uma antiga cidade perto do rio Nabão. Esta cidade tem uma parte na historia completamente mythologica da fundação de Santarem, por ter sido em Nabantia que se diz soffrera Santa Irene o martyrio. É n'isto que se baseiam os modernos escriptores para confiadamente appellidaram de Nabantia a moderna cidade de Thomar, não obstante aquelle

<sup>1</sup> Append. B.

<sup>2</sup> Torre do Tombo, vol. XXXVII, p. 712 e 769.  
Lisboa, 1750.

nome, exclusivamente derivado do rio Nabão, ser desconhecido a todos os antigos auctores. Uma d'aquellas tres inscripções é a seguinte:

**PIETATI**

AVG · SACR

VAL · MAX · IN MEMOR

SVAM · ET · FILIARVM · SVAR

HAEC · SIGNA · F

É tambem possivel, se não mais verosimil, que a estrada logo em Santarem se inclinasse para o poente na direcção da costa, como acontece hoje, e que transpозesse o Monte Junto talvez na altura das Caldas da Rainha. O que é certo é que na fertil região da costa entre Peniche e Leiria se encontram numerosos vestigios de colonias romanas. Nos logares de Vallado e Alfeizerão, na serra de Minde, em Aljubarrota, tornada famosa por uma batalha que ali se feriu, e no mosteiro d'Alcobaça, tem-se descoberto varias inscripções, que deram occasião a frei Bernardo de Brito para situar o Eburobritium de Plinio<sup>1</sup> no pequeno logar chamado Evora d'Alcobaça, aproveitando para isto a semelhança dos nomes. Para chegar a este resultado falsificou elle quatro inscripções, tres com o nome d'aquella cidade, que aliás se não encontra. As inscripções verdadeiras descobertas em Alfeizerão e Aljubarrota são lapides sepulchraes singelas. Na igreja d'Alcobaça havia a seguinte inscripção, que transcrevo do *Elucidario* de Viterbo<sup>2</sup>: foi depois, já lacerada, na collecção de Cenaculo, para Beja<sup>3</sup>.

**MINERVAe**

SACRVM

IN MEMORI

AM · CARISI

AE · G · F · QVIN

TILLAE . . .

. . . NIA . . . . .

. . . . .

Cito a seguinte lapide sepulchral de Vallado por causa dos nomes não ro-

<sup>1</sup> Lib. IV, cap. 21.

<sup>2</sup> I, p. 79.

<sup>3</sup> I, 13 da sua Collecção manuscripta em Evora.

manos que n'ella se leem; transcrevo-a da boa copia da *Selecta antiquitatis*, de frei José de S. Lourenço <sup>1</sup>:

D · M ·  
 D V T I A E  
 T A V C I N I · F  
 M o E N A  
 S I L V A V I  
 A T R I  
 P C

Comtudo o antigo nome d'aquella cidade permanece desconhecido. — Mais certa parece, porém, a situação da Collippo de Plinio <sup>2</sup> nas vizinhanças da moderna Leiria (que não deve confundir-se com Liria, na provincia de Valencia). O unico testemunho que existia, fornecido pela inscripção d'aquella Laberia Galla (já mencionada quando se fallou d'Evora) *flaminica Eborensis* e *flaminica Lusitaniae*, inscripção consagrada D(ecreto) D(ecurionum) COLLIPPONESIVM <sup>3</sup>, está hoje confirmado por novos achados, que encontrei referidos no manuscrito *Noticias sobre Leiria e seu termo remetidas no anno de 1721 á Academia real de historia portugueza*. Esta obra conserva-se na bibliotheca da universidade de Coimbra <sup>4</sup>, posto que os mais documentos da antiga Academia estejam na Bibliotheca nacional de Lisboa. Diz o referido manuscrito que em S. Sebastião, logar proximo, e que a tradição faz corresponder a uma antiga cidade, se descobriu a seguinte inscripção:

S A C R V M · D I S · M A N I B V S  
 Q · N A E V I · D · F · Q V I R · R V F I N I  
 C O L L I P · A N n . . . . C L A V D I A  
 S I L V A N I L L A · L F L S V N . . . . .  
 5 V S · C L A V D I A N V S

Não aponto as mudanças de letras, como F em B, I em F, o em Q, por não apresentarem duvida. Menciono tambem a seguinte, por causa da fórma do genitivo do nome da tribu, fórma já notada em uma inscripção de Sevilha <sup>5</sup>:

<sup>1</sup> Manuscrito da Academia de Lisboa, do anno de 1780.

<sup>2</sup> Lib. IV, cap. 21.

<sup>3</sup> Gruter. 323, 8. LABERIAE. L. F. GALLAE || FLAMINICAE. EBORESI (sic) || FLAMINICAE. PROV. LVSI || TANIAE. IMPENSAM. FVNE || RIS. LOCVM. SEPVLTVRAE || ET. STATVAM D. D. COLLIP (sic) || PPONESIVM. DATAM. L || SVLPICIVS. CLAVDIANVS

<sup>4</sup> X, 503.

<sup>5</sup> Relatorio mensal de 1861, p. 88.

Q · LAELIO  
 Q VIRINAE  
 S C I P I O N I  
 QVINTILIA · Q  
 FIL · MATER  
 FILIO  
*pi*ENTISSIMO

Modernamente descobriu-se no lugar de S. Sebastião um lindo pavimento de mosaico, onde está representado Orpheu amansando as feras, achado de que fez descripção no *Archivo Pittoresco*, de Lisboa,<sup>1</sup> o inglez John Martin. Ali se encontrou a seguinte inscripção :

ALBONIVS  
 TARGELL*i*  
 SATVRNINO  
 MILITANTE  
 S · V · I

No castello de Leiria e nas povoações, que ficam proximas, de Val de Maceira e Cos, tem apparecido varias lapides sepulchraes; em Salir de Mato, perto d'Alcobaça, encontrou-se tambem uma com o nome da cidade. É do theor seguinte, conforme a copia de frei José de S. Lourenço :

D · M · S  
 SVLPICIAE · COL  
 LIPPONESI · AN  
 XXXV · CALLECVS  
 5 R · SL · VXORI  
 P P C

No fim deve provavelmente decifrar-se *p(ientissimae) p(oni) c(uravit)*<sup>2</sup>. Em Montereal, duas leguas ao nordeste de Leiria, achou-se em 1807 um pequeno altar portatil, de uns vinte centimetros de altura, que se conserva no gabinete de numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa :

<sup>1</sup> Vol. I, 1856, p. 125,

<sup>2</sup> As siglas da 5.<sup>a</sup> linha significam talvez *R(ei publicae) s(upra scriptae)*, sendo certamente a falta do P e do segundo S devida a ignorancia do auctor provinciano. — (Th. M.)



F S  
FRONT<sup>V</sup>  
NIVS · A  
VITVS  
A L

O que significa : F(*ortunae*) s(*acrum*) FRONTENIVS AVITVS A(*nimo*) L(*ibens*).

Mais ao norte de Leiria e quatro leguas ao sul de Coimbra, ha um pequeno logar chamado Soure, onde, além de duas lapides sepulchraes, de que conservou menção o livro já mencionado *Noticias sobre Leiria*, foi achada uma ara portatil tambem muito pequena, que publicou nas *Memorias* da Academia<sup>1</sup> o fallecido bibliothecario Barboza Canaes, dando a respeito d'ella uma explicação inteiramente destituída de verdade. O original existe no gabinete da Academia: segundo a copia que possuo feita sobre um calco, a inscripção é do theor seguinte :

B M F R  
VASECO  
M A R I  
N I A N V  
S A N I M  
O L I B E  
S · P O N O  
M E R  
M A !!!

Ha riscos traçados entre as linhas. Os caracteres são pequenos e pouco gravados, e de época posterior; a leitura, que em geral não apresenta duvida, deve ser provavelmente B(*ene*) MER(*enti*)? VASECO MARINIANVS ANIMO LIBES PONO MER(*enti*) . . .

As ruinas chamadas Condeixa-a-Velha, situadas perto de Condeixa-a-Nova, foram sempre consideradas como pertencendo á antiga Conimbrica ou Conembriga. N'isto vão d'accordo as distancias marcadas pelo Itinerario, não devendo causar admiração o ter o antigo nome sido transferido para uma nova cidade. Já as *schedae* de Accursio, bem como as de Rambertus e de Metellus, mencionam varias inscripções ali achadas; são, quasi todas, lapides sepulchraes, onde apparecem nomes parte romanos, parte celtas, preponderando porém algum tanto os nomes romanos. Tambem se não acha aqui menção de magistrados municipaes. Algumas das inscripções ali encontradas existem ainda na igreja

<sup>1</sup> P. 45 a 49.

de Condeixa-a-Nova. Uma d'ellas é a seguinte, que eu transcrevo das *schedae* de Accursio<sup>1</sup>, e que vem impressa em Fabretti<sup>2</sup>, na *Aquileia* de Bertoli<sup>3</sup> e em Orelli<sup>4</sup>:

M · IVL · SERA·VO  
ANN · XXXII  
IN · ITNERE · VRB  
DEFVNCTO · ET  
5 SEPVLTO · COELIA  
ROMVLA  
MATER · FILIO  
PISSSIMO  
ET · COLLEGIVM  
10 SALVTARE  
F · C

Talvez o *collegium salutare*, que concorreu para se erigir a lapide sepulchral ao viajero que morreu indo de caminho para Roma, signifique uma associação de seguro de vida, como sabemos que as havia entre as tropas romanas estacionadas em Africa.

Uma das inscripções achadas tambem n'este lugar vem, metade em Gruter<sup>5</sup>, e a outra metade em Muratori<sup>6</sup>. A segunda parte é constituida por dois disticos, não deselegantes, que demonstram ser Conimbrica, denominação dada por Plinio, a fórma mais antiga e a melhor. Algumas inscripções descobertas modernamente no mesmo lugar estão collocadas no pateo da Universidade de Coimbra, na parede da capella, junto á bibliotheca. Uma d'ellas é notavel pelos seus ornatos elegantes, mas não facéis de decifrar. Não sei o que foi feito da seguinte. Barboza Canaes, que a transcreveu da collecção do sr. Moreira, diz<sup>7</sup> que ella foi encontrada em 1815 em Condeixa-a-Velha:

<sup>1</sup> F. 30, 1.

<sup>2</sup> Pag. 743, n.º 512.

<sup>3</sup> P. 199, 128.

<sup>4</sup> 2415.

<sup>5</sup> 711, 4. VALERIO. AVITO || VALERI. MARINI || FIL. ANN. XXX || VALERIA. FVSCILLA || MATER. FIL || CARISSIMO. ET || PIENTISSIMO || ET. OBSEQVEN || TISSIMO || P

<sup>6</sup> 1040, 4. SCRIBI. IN. TITVLO. VERSICVLOS. VOLO || QVINQVE. DECENTER || VALERIVS. AVITVS. HOC. SCRIPSIT. CONIMBRICA || NATVS || MORS. SVBITA. ERIPVIT. VIXI. TERDENOS. ANNOS || SINE. CRIMINE. VITAE || VIVITE. VICTVRI. MORS || OMNIBVS. INSTAT

<sup>7</sup> *Actas da Academia de Lisboa*, 1, 1849, p. 387.

## NETO

VALERIVSAVIT

MTVRRANVSSVLPICI

DEVICO . BAEDORO

GENTIS . PINTON

Suppõe o mesmo erradamente que no principio se faz referencia ao Mars Neto, de Guadix. O VICVS BAEDORVS GENTIS PINTON(*um*) comprova o que disse no relatorio mensal de 1861 <sup>1</sup> ácerca da organisação das familias (gentes): Condeixa está quasi na mesma latitude que Placencia. Tambem aqui não deixou Brito de forjar cinco inscrições, afirmando até que vira uma d'ellas.

A propria Coimbra, que passava por uma cidade completamente moderna, parece pela sua situação corresponder á muito procurada Aeminium, como o provou, pela primeira vez, o academico João da Cunha Neves e Carvalho Portugal <sup>2</sup>. Aeminium é a primeira estação da estrada de Conimbrica para Bracara, dez milhas distante d'aquella; isto combina com a distancia a que fica Condeixa-a-Velha, em quanto que os logares de Agueda, Montemór-o-Velho e Macinhate, que geralmente se propoem, não se ajustam, com certeza, á mencionada estação. Plinio <sup>3</sup> menciona *oppidum et flumen Aeminium*, porque, n'este trecho, o modo mais geral de ler é o verdadeiro, não devendo escrever-se, como von Ian, *Eumenium*. Este rio, que Plinio sitúa entre o Douro e o *promontorium Otisiponense* (Cabo da Roca), não póde ser outro senão o Mondego, á beira do qual jaz Coimbra. O propugnador d'esta opinião fundamenta-a além d'isso em Coimbra ter sido, depois do 11.º seculo, sede do bispado de Aeminium. Não posso explicar como a cidade adoptou o nome de Conimbrica que lhe não pertencia; comtudo nem por isso se deve dar de mão a esta conjectura.

A parte oriental da Beira, comprehendendo as dioceses de Castello Branco e Guarda, é ainda bastante desconhecida em respeito a antiguidades romanas. Como se infere de alguns marcos milliarios achados em Caria <sup>4</sup>, devia certamente atravessar estas regiões uma estrada romana: comtudo o Itinerario não accusa nenhuma, podendo só conjecturar-se, quanto á direcção d'ella, que era desti-

<sup>1</sup> P. 402. Diz o auctor que estas *gentes*, aggregações livres de rudes montanhesez, constituidas á imitação dos municipios romanos, se dividiam em *civitas*, *pagus*, *vicus*, e formavam a *gentilitas*. — (S.)

<sup>2</sup> *Actas da Academia de Lisboa*, I, 1840, p. 96 a 105.

<sup>3</sup> Lib. IV, cap. 21.

<sup>4</sup> *Elucidario de Viterbo*, I, 237 e 238.

nada a estabelecer communição directa entre Merida ou Norba e Bracara. Idanha-a-Velha, junto d'Idanha-a-Nova, ao noroeste de Alcantara, povoação hespanhola, era a cidade da nação (ou gens?) dos Igaeditani, que vem mencionados na inscripção da ponte d'Alcantara. Na antiguidade não apparece um nome de cidade parecido com o nome d'este povo; a fórma, já barbarisada, de Egítania encontra-se pela primeira vez nas assignaturas dos concilios e nas moedas de Sisebuto, Sisenando e Receswintho: Igedita<sup>1</sup> e Igaeditania nunca existiram. É pela mesma rãzo que se consideram falsificadas as quatro inscripções, onde se leem as fórmas EGITAN(us) e AEGITAN(us), as quaes Manuel Pereira da Silva Leal cita nas *Memorias para a historia ecclesiastica do bispado da Guarda*<sup>2</sup>, e depois d'elle Florez<sup>3</sup> e outros auctores hespanhoes. Isto se infere tambem de outros indicios. Só duas das inscripções apresentadas por Leal, aliás não suspeitas, se baseiam na communição de um anonymo a Cenaculo<sup>4</sup>; mas em ambas falta o nome da cidade. Em contraposição, porém, ha uma serie de inscripções, indubitavelmente verdadeiras, de Idanha-a-Velha, de que deixou copias Florian Do Campo<sup>5</sup>, que certamente visitou aquella povoação n'alguma digressão fóra do territorio hespanhol. Conservam-se ineditas e ignoradas por todos os auctores portuguezes e hespanhoes. Ha entre ellas a seguinte que existia, diz elle, *in quodam sacello in agro*:

IOVI · CHRYSEROS

IGEDITANOR · LIB

V · L · A · S

Como era costume do seu tempo, não punha demasiado escrupulo na separação das linhas; talvez por sua conta trocasse elle tambem o AE por E. Os nomes celtas de deuses, pessoas, e logares d'estas regiões distinguem-se pela frequencia dos diphthongos *ae* e *ou*. Tambem menciona uma pequena dedicacão a Marte, a lapide sepulchral de um soldado *missus honesta missione*, outra de um homem natural de Salmantica, e varias com os nomes celtas, já conhecidos nas inscripções da Extremadura, *Bolos(e)a Toutoni(s) filia*, *Cilius Pintami filius*, *Tongius* e outros. Uma das que elle transcreve foi vista ainda pelo ignoto correspondente de Cenaculo:

<sup>1</sup> Citada por Ukert, p. 397.

<sup>2</sup> Lisboa, 1729. A séde do bispado igaeditano havia sido mudada para a Guarda.

<sup>3</sup> XIV, 142.

<sup>4</sup> I, 15 da colleccão manuscrita em Evora.

<sup>5</sup> No manuscrito de que trata o relatorio mensal de 1861, p. 526.

M O D E S T O . P R O V L I . F  
 D V T I A E . P V G I . F . R V F I N A . R V F I  
 T O N G E T A M I . F . M A R I T O . E T  
 M A T R I . M O D E S T I N A . M O  
 D E S T I . f . C

Conheço outra só pela communicacão d'aquelle correspondente :

A R R E N O C R E S C E  
 N T I S . F . L I B I E N S I  
 M A E L I A . C E L E R I S  
 L I B . M A R I T O . F . C

Refere-se, de certo, a uma cidade chamada Libia que cita o Itinerario<sup>1</sup> na estrada de Zaragoza para Leon, e que se julga corresponder a Leyva, na Castella Velha.

Nem Do Campo nem o correspondente de Cenaculo conhecem, porém, a inscripcão muito memoravel, se é verdadeira, de Grutero<sup>2</sup> (*e Strada*), ainda melhor copiada, do que em Grutero, no Cod. Vatic.<sup>3</sup> conforme os documentos de Zurita, a qual se diz encontrada *prope castrum Lusitaniae oppidum*, expressão que talvez signifique Castello Branco.

P . P O P I L . A V I T V S . P . F . I N D V L G E N T I A . P O N T I F  
 I G E D I T A N O R . L O C V M . S E P V L . A C C E P I . A N T E . A E D  
 D E A E . M A G N A E . C Y B E L E S . Q V A M . I R A T A M . I N M O R T E  
 S E N S I

Na linha 1.<sup>a</sup> Grutero traz PONTIFI, o Cod. Vatic. PONTIFF.; na 3.<sup>a</sup> linha Grutero diz só MORTE, em vez de INMORTE. Aqui falsificou Brito tambem duas inscripcões sem sentido.

Pouco ao norte de Idanha-a-Velha ha o pequeno logar de Monsanto, d'onde Do Campo, e só elle, transcreve a seguinte inscripcão :

<sup>1</sup> Ed. Wesseling, pag. 394, 2. Parthey, p. 189.

<sup>2</sup> 31, 8.

<sup>3</sup> 7113, f. 56,

I O V I  
O . M  
M O N T  
A N I  
5 F . C

Tambem só elle viu o seguinte cippo terminal entre Monsanto e Valverde, na aldeia de S. Salvador: d'elle o transcreveu Morales, e de Morales o copiou Grutero<sup>1</sup> e todos os mais auctores hespanhoes e portuguezes, a quem o referido cippo tem dado occasião para varias interpolações e falsificações. A copia e divisão das linhas que apresenta Do Campo são como se segue:

IMP · CAESAR · AVG · PONT  
MAX · TRIB · POT · XXVIII  
COS · XIII · PATER · PATR ·  
TERM · AVG · INTER · LANC  
OPP · ET · IGAEDIT

O numero da *tribunicia potestas* está inutilizado por se não saber o da *acclamatio imperatoria* seguinte. Entre os que concorreram para a construcção da ponte d'Alcantara, vem mencionados os *Lancienses oppidani* e os *Lancienses transcudani* (d'além rio Cuda, que hoje se chama Coa). Não se sabe onde demoravam as duas respectivas cidades: comtudo, o nome dos *Lancienses oppidani*, segue-se, no catalogo d'aquelles onze municipios, immediatamente ao dos Igaeditani. Ora, confinando os seus territorios, como nos diz a inscripção citada, parece que a sequencia dos nomes das cidades em ordem não alfabetica, não é arbitraria, mas d'accordo com a situação geographica.

A cidade de Aravi, tambem mencionada n'aquelle catalogo, e de que já se encontra noticia em uma inscripção de Merida<sup>2</sup>, bem como em uma lapide de Badajoz, corresponde ao pequeno logar de Deveza junto a Marialva na serra de Estrella, segundo uma inscripção que Antonio Coelho Gasco cita nas suas *Antiguidades de Lisboa*<sup>3</sup>, dizendo estar ella já descoberta em 1587. O *Elucidario* de Viterbo<sup>4</sup> traz a seguinte copia mais exacta:

<sup>1</sup> 199, 3.

<sup>2</sup> Relatorio mensal de 1861, p. 388. É assim: D. M. S || IVL. SCITIANVS || ARAVS. AN.  
XV || H. S. E. S. T. T. L.

<sup>3</sup> P. 300.

<sup>4</sup> I, p. 133.

IMP · CAES · DIVI · TRAIAN<sup>N</sup>  
 PARTHICI · F · TRAIANO  
 HADRIANO · AVG  
 PONT · MAX · TRIB  
 5 P O T E S T · C O S · I I  
 C I V I T A S · A R A V O R

É do anno 118. Tambem aqui o nome da cidade não é positivamente diferente do nome do paiz. Viterbo cita, além d'esta, a seguinte pequena inscrição:

IOVI  
 O · M  
 c · Ar

Em lugar de κ · AD, que elle escreve no fim, deve lêr-se c(*civitas*) AR(*avorum*).

As *Schedae* de Accursio, vulgarmente chamadas *Schedae Ambrosianae*, dão noticia de quatro inscrições, até então não conhecidas, encontradas em Capinha, pequena povoação ao sul da Guarda, entre Caria e Fundão. É verdade que uma d'ellas (que inexactamente copia Muratori, 100, 3) se diz pertencer ás visinhanças de Lisboa; todavia vê-se claramente que ella se deve juntar ás restantes de Capinha. Foi copiada pelo proprio Mariangelo Accursio que viajou por estas inhospitas regiões. É como segue:

A M M I N V S  
 ANDAITIAE · F  
 BANDIARBA  
 RIAICO · VO  
 TVM · L · M · S

As outras inscrições são uma dedicação á Victoria e lapides sepulchraes singelas. Além d'estas citam-se tambem algumas lapides sepulchraes de Caria e do convento de Santo Antão de Benespera junto a Guarda, assim como duas inscrições christãs de Mosteiro junto a Castello Branco e de Vide. Este ultimo lugar foi tambem dotado por Brito com algumas inscrições falsas.

Na aba oriental da serra d'Estrella, junto a Bobadella, devia ter havido uma *civitas*, de que se não conservou memoria. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, bem como outros escriptores portuguezes, cita na sua *Memoria histo-*

*rico-chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra*<sup>1</sup>, as seguintes inscrições encontradas n'aquella localidade.

SPLENDIDISSIMAE · CIVITATI  
IVLIA · MODESTA · FL  
AMINICA

N'outra lapide lia-se unicamente:

NEPTVNALE

Sanctuario notavel em um lugar situado em uma montanha. Tambem parece ser de Bobadella a seguinte inscrição, que foi levada para Coja, onde os bispos de Coimbra tem um palacio<sup>2</sup>:

PIETATI · SACRVM  
IVLIA · MODESTA · EXPATRIMONIO · SVO  
INHONOREM · GENTIS · SEX · AONI  
SCAEVI · FLACCI · MARITI · SVI · FLAMINIS  
PROVINC · LVSIT · ET · INHONOREM · GEN  
TIS · IVLIORVM · PARENTVM · SVORVM

Aqui se torna a encontrar exemplo d'aquella peculiar transição effectuada na constituição das familias romanas para a das familias organisadas segundo os costumes dos habitantes d'esta provincia. Parece até conservar-se ainda em Bobadella um arco romano com inscrições; estas porém são lapides sepulchraes que nada tem de notavel.

Havia tambem na falda de noroeste da serra, perto de Midões, uma cidade desconhecida, a cujas ruinas a tradição dá o nome de *cidade de Nabril*. Nas *Dissertações* de João Pedro Ribeiro<sup>3</sup>, e n'outros auctores portuguezes, vem transcriptas algumas inscrições ali descobertas:

<sup>1</sup> Coimbra, 1853.

<sup>2</sup> Collecção manuscrita de Salgado, vol. 23, part. III, pag. 23.

<sup>3</sup> I, 349, 402 e 403.



GENIO · MVNICIPI · TEMPLVM  
C · CANTIVS · MODESTINVS  
EXPATRIMONIO · SVO

e

VICTORIAE · TEMPLVM  
C · CANTIVS · MODESTINVS  
EXPATRIMONIO · SVO

Da Pova, logar vizinho, cita Henriques Secco <sup>1</sup> a inscripção de uma ponte romana; comtudo, tal como elle a dá, difficilmente se póde ler bem. Omitto, por insignificantes, inscripções de diversos logares d'esta região, sendo algumas christãs.

Vizeu, em cuja vizinhança se encontram restos de um acampamento que, na opinião de homens entendidos, como Alexandre Herculano e o P. Berardo, se deve considerar romano, fica situada, se não no proprio logar, pelo menos não longe de uma colonia romana. Encontraram-se na cidade algumas inscripções, duas dedicações a divindades locaes segundo parece, e meia duzia de lapides sepulchraes. Quasi sómente se conserva noticia d'ellas na historia manuscripta d'aquella cidade, escripta em 1630, por Manuel Botelho Pereira<sup>2</sup>. Pareceu-me, porém, que não valeria a pena fazer uma excursão ali, o que me roubaria tempo; tanto mais que espero poder informar-me a tal respeito, por intermedio do sr. Herculano, com o já mencionado padre José de Oliveira Berardo. Publicou este nas Memorias da Academia de Lisboa do anno ultimo algumas inscripções, e em 1857, no jornal *O Liberal* impresso em Vizeu, escreveu uma serie de artigos muito interessantes ácerca das antiguidades da cidade. É notavel uma grande inscripção aberta na rocha natural, no logar de Lamas de Molledo, a quatro legoas ao nordeste de Vizeu. As copias que existem, uma de Ribeiro Pereira, e outra, tambem antiga, que devo ao favor do meu amigo Soro-menho, tem dado occasião a considerarem-na como celta com caracteres latinos<sup>3</sup>. É uma dedicação a *Proserpina servatrix* (que apparece egualmente em

<sup>1</sup> Obra já mencionada, p. 89.

<sup>2</sup> É a obra a que o conde Raczinsky deve as informações ácerca de Gran-Vasco, e da qual se conserva copia na bibliotheca publica do Porto, B 4, 187.

<sup>3</sup> Esta incripção, da qual nos occuparemos mais tarde, foi examinada e copiada pelo dr. Gurlitt, de Gotha, a pedido do sr. dr. Hübner, em novembro do anno de 1867. Damos as duas copias, a de Berardo conforme a publicou nas *Memorias da Academia*,

Villa-Viçosa ao pé de Endovellico) e a outras divindades, talvez, também locais. Mais se encontraram duas inscrições sepulchraes em Lamas e em Villa-Boa, logo proximo. A Vizeu se referem também algumas das inscrições ha mais tempo falsificadas <sup>1</sup>. Os chronistas, como Rodrigo de Toledo e outros, citam a inscrição do tumulo do ultimo rei dos godos, que se diz ter morrido ali: HIC REQUIESCIT RYDERICVS VLTIMVS REX GOTHORVM, em cuja veracidade por muito tempo se acreditou, e que o padre Berardo com razão regeita.

Na diocese de Lamego, que é a parte da Beira situada mais ao norte, são ainda pequenos os vestigios de antiguidades romanas que se conhecem.

De Freixo de Numão, a leste de Lamego, transcreve Viterbo <sup>2</sup> a seguinte :

t. II, part. II, e a do dr. Gurlitt, reproduzida do *Monatsbericht* da Academia Real das Sciencias de Berlin, a cuja Classe de Philosophia e Historia foi apresentada em 6 de janeiro de 1868 por intermedio do sr. Mommsen, n'uma communicação do nosso auctor. — (S.)

BERARDO

R̄MET  
TROSCR̄P  
SFR̄NT  
VEAMNICRI  
DOENTI  
·AVC,OM  
LAMATIC,̄M  
CROVGEAIMACA  
REAI·P·PETRNI·IT  
ADOM·P·R·MI·VEA ?  
CAEL·BRIC·I

GURLITT

R̄N ET  
TR̄ SCR̄P  
SERNT  
VEAMVIC·RI  
D·ENTI  
VC·OM  
LAMATIC·OM  
CROVCEAIMACA  
REAI·I · PETRA·I·O ET  
AD·OM · P·R·C·MI·VEN  
CAEL·BRIC·I

<sup>1</sup> Grut. *Spur.* 12, 11. L. AEMILIO. L. F. CONFEC || VVLNERE. HOST. SVB || NIGIDIO. COS. CONT. VIRI || ATVM. LATRONEM. LAN || CIENS. QVORVM. REMP || TVTARA. BASIM. CVM || VRNA. ET. SUATVAM. IO. LOCO || PVBL. EREX. HONORIS || LIBERAL. QVE. ERGO

<sup>2</sup> II, p, 175.

TI · CLAVDIVS  
 SANCIVS · EQ  
 CHOR · III · LV  
 SITANORVM  
 5 DIS · DEABVSQ  
 CONIVMBRIC  
 v · S · L · M

Na 2.<sup>a</sup> linha escreve elle SANCIVS e na 3.<sup>a</sup> linha TIT em vez de III. Na 6.<sup>a</sup> linha ha uma alteração que produz quasi CONVMBRIC(*ensibus*); poderia, porém, significar-se outro logar differente não conhecido, talvez *Contumbrica*. Mais para leste, no termo d'Almendra, ao norte de Castello Rodrigo junto á margem austral do Douro, existe um logar que se chama o *Castello de Calabre*, do qual faz uma descripção Francisco Antonio Vegia, como introduccão a um poema<sup>1</sup>. N'este mesmo logar se descobriu uma lapide sepulchral, cuja inscripção é transcripta por Viterbo<sup>2</sup> e Barboza Canaes<sup>3</sup>, pela qual se reconhece que elle corresponde a Caliabria, antiga sede episcopal (assim chamada talvez por corrupção gothica de Caliabriga, ou d'algum nome semelhante terminando em — brig).

Do resto da Beira, isto é, do espaço comprehendido entre Coimbra e Porto, pouco ha que dizer. D'esta região só conheço a inscripção de uma lapide sepulchral de Tentugal. É por tanto empenho inutil querer determinar a situação das estações do Itinerario, denominadas Talabriga e Langobriga, de accordo com as distancias, quando nem sequer a estação de Aeminium se pôde fixar definitivamente. Tambem, na construcção de estradas e caminhos de ferro em que n'esta direcção se trabalha ha alguns annos, tem ficado despercebidos os restos das estradas romanas, que ali deveriam necessariamente descobrir-se; todavia ainda appareceram dois marcos milliarios. O primeiro está no pateo da Universidade de Coimbra; não pude saber onde foi descoberto. É de Caligula, e tem o numero III. O segundo, que é do mesmo imperador, e tem o numero XII, encontrou-se soterrado junto á Mealhada. Parece que n'este as milhas se contam a partir de Coimbra. O Geographo de Ravenna<sup>4</sup> cita entre Langobriga e Cale ainda uma estação *Ceno opido*, que se suppõe ser *καινόν ὄππιδον*, e portanto Villa Nova

<sup>1</sup> O *Castello de Calabria*, Coimbra, 1836.

<sup>2</sup> Elucid., v.º *Caliabria*. MODESTVS. AVIRATI. F. CO || BEL (CORNEL.?) AN. L. CORNIIA || CENSVLIA. AN. L. H S. S. S || V. T. L. AVIMVS. MODE || STINVS. PATRI. FIRMVS || MODESTI. LIB. PATRO. . .

<sup>3</sup> *Actas da Academia*, I, 1849, p. 392.

<sup>4</sup> IV, 43, 6.

de Gaia, povoação situada em frente do Porto, na margem do sul do Douro, geralmente considerada como correspondendo á antiga Cale. No Porto existiam no seculo XVI duas lapides sepulchraes; porém até hoje não se tem demonstrado a situação da antiga povoação nem n'uma nem n'outra margem do Douro. Provavelmente a nova cidade era o *portus*, sendo a *Cale* do Itinerario e do Geographo de Ravenna, um lugar differente. Mais tarde trocaram-se talvez os nomes, devendo por isso procurar-se na margem do norte o lugar onde foi situada Cale. É nas medalhas gothicas onde primeiro apparecem juntos os dois nomes, que formaram o nome moderno do paiz.

Como toda a região que demora ao norte do Douro, e que pertence á Hespanha Tarraconense, a pequena provincia d'Entre Douro e Minho parece não ter sido menos povoada durante o dominio dos romanos do que hoje. Além dos trabalhos mais antigos do doutor João de Barros, do qual já fallámos a pag. 2, e dos do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, as fontes mais importantes para o conhecimento das inscrições d'esta provincia são as memorias de Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, do anno de 1723, que serviram para os trabalhos de Argote, e cujo original se conserva na Bibliotheca nacional de Lisboa <sup>1</sup>.

Entre o Porto e Braga encontraram-se varios marcos milliaris, parte dos quaes ainda existem; todavia não bastam elles para restabelecer, pelo menos, a direcção da estrada. Não sei se ainda existe o marco milliaris de Adriano <sup>2</sup>, e se Rodrigo da Cunha <sup>3</sup> o leu exactamente, por isso que elle se conserva em um convento de freiras. Tem, segundo se diz, a designação de A BRACARA AVG(*usta ad CALEM* (m) P. XXXV, que é exacta tanto quanto se infere do Itinerario <sup>4</sup>. Havia em Villa Nova de Famalicão, além de alguns marcos truncados, o oitavo e o duodecimo, tambem de Adriano. Certamente os marcos d'esta estrada andam desencaminhados, por isso que em Santiago d'Antas se encontrou o decimo quarto, de Caracalla <sup>5</sup>. O vigesimo primeiro, de Constancio, cuja copia devo ao favor do meu amigo Soromenho, parece corresponder mais exactamente ao seu antigo logar; de balde o procurei em Barca da Trofa, entre Braga e Villa Nova de Famalicão <sup>6</sup>. O mesmo acontece com o vigesimo terceiro (é duvidoso o nome

<sup>1</sup> A 4, 28.

<sup>2</sup> Mur. 2008, 5.

<sup>3</sup> *Arcebispos de Braga*, I, p. 19.

<sup>4</sup> Vid. o Appendice B.

<sup>5</sup> Argote, *Memorias*, II, 600, conforme a copia de Serra.

<sup>6</sup> Está na ponte da Trofa, onde, com outra, a collocou o sr. conde de Lucotte, quando dirigiu os trabalhos da construcção da estrada: exemplo digno de ser imitado pelos nossos engenheiros, que não pouco tem concorrido para a destruição dos antigos monumentos. Se ainda alcançarmos a tempo copia do cippo, dal-o-hemos no fim. — (S.)

do imperador), de que o sr. Soromenho extrahiu copia na Carriça. Na visinhança d'este logar devia ter havido alguma povoação, alguma rica habitação de campo, ou um santuario, porque nos terrenos adjacentes tem apparecido varias antiguidades. Assim, por exemplo, na Quinta do Paiço (a denominação popular de *paço* ou *palacio* refere-se ás ruínas de antigos edificios) acharam-se duas lapides sepulchraes, de que o sr. Soromenho tirou copias, e tambem a base de uma *patera* de prata, que pude ver, graças á benevolencia do seu possuidor, o sr. Domingos d'Oliveira Maia, do Porto. Está n'ella representado um guerreiro barbado, em pé, sustentando o elmo, o escudo e a lança, lendo-se ao redor a seguinte inscripção, em caracteres que parecem do tempo d'Augusto, os quaes, bem como algumas partes da representação allegorica, são incrustados em ouro:

L · SAVR · V · S · L · M · § S · ARQVI · CIM

A inscripção lê-se distinctamente; na primeira copia que me deu o sr. Soromenho faltava unicamente o ponto, já algum tanto apagado, que se vê entre s e ARQVI. O principio da inscripção parece indicado, á direita na parte superior junto á cabeça do guerreiro, pela falta do ponto depois de CIM; apparecendo este aliás como separação de todas as outras palavras. A fórmula da dedicação, que é conhecida, faz conjecturar que o guerreiro representa o deus a quem era destinada a sagrada offerenda. Como explicação posso, todavia, citar algumas inscripções, em que o termo *Arquius* parece ser empregado como nome. A primeira, achada no pequeno logar de S. João do Campo na diocese de Braga, foi communicada a Argote<sup>1</sup> pelo sobrinho do bispo de Uranopolis, o padre José de Mattos Ferreira<sup>2</sup>: era assim:

ANICIV

S · ARQVII

V O T V M

L I B E N S

5 O C A E R E

S O L V I T

A copia traz na segunda linha ARQVLI. Em Braga descobriram-se mais duas. Uma d'ellas, que é certamente fragmento, existia na igreja de S. Martinho de Dume, logar que dista meia legoa d'aquella cidade, onde em balde a procurei. A julgar pelas copias identicas apresentadas por Mattos Ferreira<sup>3</sup>, por José An-

<sup>1</sup> III, p. XXI.

<sup>2</sup> Bibliotheca Nacional, B 2, 34, fol. 49 v.

<sup>3</sup> Em Argote, II, p. 642.

tonio da Cunha<sup>1</sup> e por Cornide<sup>2</sup> que a havia obtido de João Pedro Ribeiro, era d'este modo:

A P I L  
A R Q V  
M V N  
P E R I F V  
5 P E N . D  
O . A G R I P  
H . S . I I S T

Todavia esta conformidade não deve ter grande valor, pois que é possível que todas as tres copias procedam da de Mattos Ferreira. A outra existia na Quinta do Avellar, e estava, ainda não ha muito tempo, collocada n'uma parede com outras inscripções ali achadas. A copia do bispo de Uranopolis é a seguinte, que inexactamente transcreveu Argote<sup>3</sup>:

A R Q V I V S  
V I R I A T i . f .  
O . A G R I P P A e  
H . S . E S T  
5 M E L G A E  
C V S . P E L I S T I  
M O N I M E C V  
C O . . . . .

Na 2.<sup>a</sup> linha a copia diz VIRIAT·K, na 3.<sup>a</sup> AGRIFIA, na 4.<sup>a</sup> linha depois de s outro s que se não explica. Não deve causar admiração o estado das copias, em presença da qualidade das lapides muito semelhantes ás estremenhas. As inscripções são gravadas sem arte e não profundamente, em granito pouco consistente, sendo por isso necessario, mesmo a um observador exercitado, examinal-as com particular cuidado para reconhecer os caracteres escriptos nas lapides. Espero brevemente dever á benevolencia do seu possuidor e do sr. José Gomes Monteiro a photographia do pequeno, mas notavel, monumento de que fallei<sup>4</sup>, e bem assim poder depois publical-a nas actas do Instituto.

<sup>1</sup> 3, 13.

<sup>2</sup> Bibliotheca da Academia de Madrid, *Est.* 18, 40.

<sup>3</sup> I, 261.

<sup>4</sup> Vae o *fac-simile* no fim.

Braga, capital, talvez desde Caracalla, das novas provincias militares de Asturia e Gallaecia<sup>1</sup>, pôde apresentar uma serie de inscripções interessantes. Em referencia áquellas que se perderam, a fonte mais importante são as communicações feitas a Argote<sup>2</sup> por D. Luiz Alvares de Figueiredo, bispo de Uranopolis *i. p.* e vigario geral do arcebispado de Braga, e por ultimo arcebispo na Bahia. São escriptas sem preconceitos e com fidelidade, embora sem bastante conhecimento; o mesmo se pôde dizer das copias de seu sobrinho e provavelmente seu amanuense o padre José de Mattos Ferreira, já mencionado. Já em 1506 o arcebispo D. Diogo de Sousa, a quem muito devem os monumentos da cidade, tinha feito colligir no Campo da Vinha diferentes inscripções descobertas na cidade e nos arrabaldes, como se deduz de uma inscripção que ainda se conserva. São em geral grandes columnas milliarias das estradas romanas que saíam de Braga. Posto que mereça o maior louvor o havel-as colligido e conservado, nem por isso é menos censuravel não se ter conservado noticia ácerca dos logares em que foram achadas. D'ali foram transferidas para o Campo de Santa Anna, hoje a praça principal da cidade. Conforme se lê no *Nobiliario del Conde Don Pedro*<sup>3</sup>, o que me fez observar o sr. Soromenho, esta transferencia foi ordenada por um dos successores d'aquelle arcebispo, por nome D. fr. Agostinho de Castro<sup>4</sup>, de quem era secretario o falsificador Lousada. Pelo meiado do seculo 17.<sup>o</sup> mandou D. Rodrigo da Cunha, então arcebispo de Braga, levar varias outras inscripções para os jardins do paço archiepiscopal, as quaes, em 1725, provavelmente por influencia do bispo de Uranopolis, foram reunidas pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles ás do Campo de Santa Anna. Não se sabe quando foram todas levadas d'ali para o largo das Carvalheiras, junto á capella de S. Sebastião, onde se conservam ainda, posto que não todas já. Na maioria apresentam vestigios de haverem sido restauradas (excavando-se os caracteres), processo este muito mal encaminhado e que provavelmente se verificou em 1725. Esta circumstancia, a que até hoje não se tem attendido, é muito importante para a leitura d'estas inscripções. Em 1858

<sup>1</sup> V. Henzen, 6914, IVNONI. REGINAE || PRO. SALVTE. AC || DIVTVRNITATE || M. AVRELIH. ANTONINI || PH. FEL. AVG. ET. IVLIAE || PIAE. FEL. AVG. MATRI || ANTONINI. AVG. CAS || TRORVM. SENATVS || AC. PATRIAE || C. IVL. CEREALIS. COS. LEG || AVG. PR. PR. PR(*ovinciae*) H(*ispaniae*) N(*ovae*) C(*iterioris*) ANTONI || NIANAE. POST. DIVISION (*sic*) || PROVINC. PRIMVS. AB. EO. M(*issus*) — Em Leon. Hispania nova citerior é a designação de Asturia e Gallaecia.

<sup>2</sup> Bibliotheca Nacional de Lisboa, A 1, 25 e 26.

<sup>3</sup> Madrid, 1646, col. 527. Diz o annotador que de 12 columnas miliarias que rodeavam a igreja de S. Martim de Carrazedo, dez levou para Braga o arcebispo Castro. — (S.)

<sup>4</sup> 1589-1609.

foi o sr. Augusto Soromenho, de quem já tenho fallado, encarregado pela Academia de Lisboa de copiar as inscripções de Braga; commissão que desempenhou com exemplar diligencia, conseguindo tanto quanto uma vista perspicaz e a mais exacta observação de todas as circumstancias pôde alcançar em referencia a lapides de difficil leitura, sem conhecimentos especiaes de epigraphia. Com a maior boa vontade me facultou elle o exame de todos os seus papeis, bem como o de uma collecção de noticias da maior valia. Durante a minha estada de tres dias em Braga auxiliou-me tambem com a maior dedicação na pesquisa e transcripção das inscripções, o sr. José Joaquim Pereira Caldas, professor do Lyceu.

Na classe das inscripções *sacrae* só mencionarei as seguintes, hoje perdidas, e inexactamente copiadas de Argote por Muratori: a de *Jupiter Depulsor*<sup>1</sup>, do *Deus sanctus Eventus*<sup>2</sup>, do *genius macelli*<sup>3</sup> e a dos *Lares viales*, inexacta em Muratori<sup>4</sup>, que a copiou do mau texto de Cunha, apresentado por Argote<sup>5</sup>, sendo a melhor copia a do bispo de Uranopolis, que o proprio Argote<sup>6</sup> reproduz, sem advertir que é a mesma inscripção de que já tinha fallado.

Nas *schedae* de Accursio vem as inscripções de Asclepio e de Hygia<sup>7</sup> e a de Isis Augusta<sup>8</sup> dedicada por LYCRETIA FIDA SACERD(os) PERP(etua) ROM(ae) ET AVG(usti) CONVENTVVS (assim diz a lapide) BRACARAVG(ustani). Ambas viu Rambertus, de cuja collecção foram transcriptas para as de Manutius e Pighius<sup>9</sup>; a copia mais antiga das *schedae* de Ambrosio, assim como as demais inscripções portuguezas da mesma collecção, provém provavelmente do arcebispo D. Diogo de Sousa, ou de algum erudito do seu conhecimento. É nova a seguinte, que está desde 1835 na parede do hospital e que pelos retoques feitos nas letras se tornou completamente inintelligivel. Conforme o calco que tirei d'ella, é do modo seguinte:

<sup>1</sup> Mur. 1977, 4, e Argote, *Antiquit. Conv. Bracar. August.*, 343. IOVI || DEPVLORI || ARMA || VSSINA || EX. VOTO || POSVIT.

<sup>2</sup> Mur. 1984, 7, e *Ibid.* 77. DEO. SA || NCTO. EV || ENTO. FL || FRONTO || EX. PRAE || CEPTO

<sup>3</sup> Mur. 1983, 6, e *Ibid.* 235. GENIO || MACELLI || FLAVIVS || VRBICIO || EX. VOTO || POSVIT || SACRVM.

<sup>4</sup> 1984, 2.

<sup>5</sup> I, 255. LARIB || FL. SABINVS || S. V. S. V.

<sup>6</sup> I, 260. LARI. VIAR || BVS. LA || BINVS. V || S. L.

<sup>7</sup> Fol. 18, 4.

<sup>8</sup> Fol. 18, 5.

<sup>9</sup> D'onde as houve Grutero, 69, 5. ASCLEPIO || ET. HYGIAE || MARCVS || EX. VOTO; e 83, 4. ISIDI. AVG. SACRVM || LYCRETIA. FIDAS. SACERDOS. PERP || ROM. ET. AVG || †CONVENTVVS (sic) BRACARAVG. D.



IOVI · O · m.  
 PROSALVTE . .  
 TRIARI · MAgni . ?  
 LEG · IVR · C · V ·  
 ET · PROCVLAE · ux  
 EIVS · AEMIL · CRes  
 CENS · COMES · V · s · l · m

Na lista dos *juridici*, organizada por Borghesi<sup>1</sup> mencionam-se, nas Asturias e na Galliza, só dois: L. Ranius Optatus e S. Pedius Hirrutus Lucilius Pollio. A natureza dos caracteres indica que o *Triarius Ma...* aqui mencionado pertence, quando muito, ao tempo de Caracalla. A enviatura dos *juridici* resultou certamente da criação de novas provincias, que por aquelle tempo se verificou. Parece, porém, que a região montanhosa formára desde o principio uma secção inteiramente á parte do resto da provincia Tarraconense. É d'este sitio a estatua consagrada pela terra Callaecia a C. CAESAR AVG(usti) F(ilius) PONTIF(ex) AVGV<sup>2</sup>, ácerca da qual se levantou calorosa, mas altamente absurda polemica entre Argote e o doutor Bento Morganti. Á vista de tal discussão e porque no tempo do bispo de Uranopolis se liam só algumas letras destacadas, entrou-se posteriormente em duvida ácerca da sua veracidade; todavia esta inscripção vem nas *schedae* de Accursio, e foi vista por Elias Vinet e Rambertus, não apresentando, além d'isso, a menor difficuldade. Sem fundamento algum se tem duvidado tambem da genuidade da inscripção de Muratori<sup>3</sup>, a qual ainda se conserva na parede da cathedral: vê-se claramente que foi restaurada, talvez ainda em tempo de D. Diogo de Sousa. Vem certa nas *schedae* de Ambrosio<sup>4</sup>:

CONDITVM · SVB · ) .....  
 IMP · CAESARIS · ) .....  
 PATRIS · PATRIE .....  
 E

Certamente o E final, que se não explica, foi introduzido ali por algum individuo pouco instruido, na occasião de ser restaurada a inscripção: o fra-

<sup>1</sup> *Iscrizioni de Sepino*, p. 24 ff.

<sup>2</sup> Argote, I, n. 47. C. CAESARI. AVG. F || PONTIF. AVGVRI || CALLAECIA.

<sup>3</sup> 2005, 7.

<sup>4</sup> Fol. 18, 6.

gamento termina com a linha indicadora. O resto da inscrição occupava pelo menos outra lapide do tamanho da actual, ou talvez duas, constituindo provavelmente a architrave de uma capella, sob a qual estava o logar sagrado do raio. A palavra *CONDITVM*, por si só, não pôde referir-se senão a um *fulgur*; contudo não sei completar com segurança a inscrição<sup>1</sup>. A belleza e a grandeza dos caracteres indicam o imperador Augusto.

Em um quintal da cidade existe um baixo relevo representando um nicho baixo e chato, a que por causa das figuras que n'elle se vêem chamaram *o idolo*; d'onde vem o nome de *Quintal do Idolo*, que já tinha no tempo do bispo de Uranopolis. Infelizmente a lapide está mettida sem resguardo nenhum em um tanque, e metade já coberta de espesso limo; contudo a parte superior ainda visível da inscrição mostra que a copia do bispo é exacta. No centro está em alto relevo a estatua de um *togatus (o idolo)*; falta-lhe a cabeça, e já o bispo não pôde bem descortinar o que a estatua tinha na mão; segundo elle, parecia uma coisa semelhante a uma cornucopia; hoje nada se distingue. Á esquerda, na parte superior, está a primeira parte da inscrição:

*cael*ICVS · FRONTO  
ARCOBRIGENSIS  
AMBIMOGIDVS  
FECIT

Á direita está a outra parte, actualmente de todo invisível:

RONCOE  
NAΘVACO

Era, decerto, o nome da divindade, a quem era dedicado um como busto representando um rapaz n'uma pequena ara, como se vê no canto inferior á direita. Não se pôde restabelecer com segurança o nome; contudo reconhece-se uma terminação analoga aos nomes, que frequentemente se encontram, acabados em *accus.* e *icus*. O nome foi já acertadamente completado por Argote, guiando-se para isso pela inscrição que vou transcrever. O Itinerario dá noticia<sup>2</sup> de uma Arcobriga; é ponto duvidoso, porém, se é a mesma a que se allude n'esta inscrição. *AMBIMOGIDVS* é provavel que seja a designação da *gens*, a que Fronto

<sup>1</sup> Provavelmente *CONDITVM SVB [divo ex jusso] IMP. CAESARIS [Augusti divi] PATRIS PATRI[ae pontifi. max.]*. Os logares sagrados dos raios eram abertos. V. os meus *Analectos Epigraphicos*, Leipz. Berichte, 1849, p. 292. — (Th. M.)

<sup>2</sup> V. Ukert, p. 461.

pertencia. A outra inscripção, a que me referi, conserva-se no largo das Carvalheiras, e tem sido muitas vezes transcripta, mas quasi sempre errada. A melhor copia é, tambem n'este caso, a das *Schedae Ambrosianas*<sup>1</sup> com a qual a minha concorda sem nenhuma discrepância:

T . CAELICVS ☩ IPIPES  
FRONTO ET ☩ M ☩ ET ☩ LVCIVS ☩  
TITI ☩ PRONEPOTES ☩ CAELICI ☩  
FRONTONIS ☩ RENOVARVN̄

O neto e os dois bisnetos do auctor da primeira inscripção restauraram talvez o *sacellum* d'aquelle deus desconhecido. O primeiro sobrenome do filho não pôde exactamente determinar-se. O CAELICVS assemelha-se ao *Pagusicus* de S. Thiago de Cacem<sup>2</sup>.

Infelizmente é quasi nulla a esperança de se poder restabelecer uma comprida inscripção, dedicada a um certo C. Caetronius (que parece legado de provincia) pelos *cives Romani qui negotiantur Bracaraugustae*. Vinet não leu já senão as duas ultimas linhas citadas; d'elle a copiou Grutero<sup>3</sup>. Argote apresenta duas copias, differentes ambas, porém inuteis<sup>4</sup>. A primeira e as ultimas linhas vê-se que foram restauradas; nas outras não se atreveu o canteiro a mexer, e tem-se tornado quasi completamente illegiveis.

Em S. Martinho de Dume, povoação visinha, descobriu-se em 1855 a inscripção seguinte:

caMALO · MELGaei  
filio · BRACARA  
V G V S T A N O  
S A C E R D O T I  
5 ROMAE · AVG · CAESARum  
C O N V E N T V S  
a V G V S t a n u s

Regulando-me pela inscripção mencionada a pag. 70, completo o nome do pae por esta fórma — MELGAECVS. A escripta parece semelhante á do tempo de Vespasiano, podendo portanto os Cesares, a que allude a inscripção, ser Tito ou Domiciano. Não é para admirar que o *conventus juridicus* seja appellidado uni-

<sup>1</sup> Fol. 19, 3.

<sup>2</sup> Retrò, pag. 30.

<sup>3</sup> 498, 6. CIVES. ROMANI. QVI. NEGO || TIANVR. BRACAR. AVGVST

<sup>4</sup> I, 25 e III, p. XIII.

camente *Augustanus* e não *Bracaraugustanus*. No referido logar se conserva ainda a seguinte inscripção<sup>1</sup>:

D . M . S  
 PRO . NIGRI  
 NAE . AN . L  
 FLAMINICAE  
 5 PROVINCIAE  
 HISP . CITERI  
 ORIS . B . M  
 H e R . P ♂

As duas ultimas linhas, que se encontraram separadas da lapide principal da inscripção, só se leem na copia do bispo de Uranopolis; não se póde asseverar com toda a certeza que façam parte da dita lapide, não obstante a ligação ser facil. A syllaba PRO, que no principio se lê distinctamente, póde não ser mais do que uma abbreviatura desusada de *Prociliae*. O caracter da letra indica claramente o III seculo; não posso referil-a a tempo anterior a Caracalla. D'aqui deverá concluir-se que a nova provincia, tanto antes como depois, tivera *flamines* e *flaminicae* em Tarragona, e que se não creára, especialmente para ella, nenhuma d'estas dignidades.

Em uma rua chamada Cangosta da Palmatoria está collocado um cippo, tendo representada na parte superior uma coisa semelhante uma amphora sem pedestal, ou um *pileus* voltado. Por baixo da legenda vê-se um feixe de varas, um machado e um instrumento a que o povo chama *palmatoria* (d'onde vem o nome á rua), e que é talvez uma *patera* com cabo direito e comprido. A inscripção collocada no centro é do theor seguinte:

AGATHOPOD	I
T . S A T R I	
Z E T H V S	
CoNSERVVS	

Por isto se deve suppor que aquelles objectos são representações symbolicas da escravidão.

Em uma parede, na referida rua, está mettido o seguinte cippo:

<sup>1</sup> Inexácta em Argote, I, 264, e d'elle copiada em Muratori, 1991, 5.

M · ANTONIVS · MF  
 GAL · AVGVSTŪVS  
 PACE · MILES · LEG  
 VII · GEM · FEL ·  
 5 O · M A M I L I  
 L V C A N I · A N  
 XLV · AER · XIIIX  
 H · S · E  
 SEMPRONIVS  
 10 G R A E C I N V S  
 H E R E S · F · C

A patria d'este soldado era, pois, Pax Julia. Os escriptores portuguezes e hespanhoes (incluindo Masdeu) ignoraram que *aes* n'esta e n'outras inscripções militares vale o mesmo que *stipendium*, e trabalharam, por isso, para descobrir n'esta passagem uma data referida a alguma *aera*. A inscripção de outro soldado, que, por fim, era tribuno da segunda cohorte de *vigiles*<sup>1</sup> já não existe. Nas inscripções sepulchraes só ha dignos de menção os nomes não romanos, como ADRONVS CATVRONIS F(*ilius*), PINAREA TRITEI e PANGENDA (segundo parece) TRITEI: são vulgares REBVRVS e CAMALVS; mas é novo o seguinte, que se lê n'um cippo inedito, que se descobriu no hospital de S. Marcos:

HELENVS  
 TALAVI  
 SER  
 ANNORV  
 M · XXX  
 H · S · E

Braga é tambem importante por ser o centro de uma serie completa de vias romanas. Verdade é, como já se disse, que d'algumas vinte lapides milliaras, que ainda se conservam em Braga, a maior parte no largo das Carvalheiras, se ignora a que estrada cada una d'ellas pertence; todavia, como os numeros das milhas n'ellas marcadas são I, III, IV, VI, XIII e XVI, é de suppor que não fossem levadas para ali de muito longe. Pertencem a differentes impe-

<sup>1</sup> Grul. 1101, 3. L. TERENTIO || M. F. QVIR. RVF || PRAEF. VII. BRITTON || D. LEG. I. M. P. F. DON. DON. AB || IMP. TRAIANO. BEL. DAC || P. P. LEG. XV. APOLL || TRIB. COH. II. VIG || D. D

radores desde Tiberio até Constancio. Uma só, de Carino, a qual traz a indicação de A BRACARAVGVSTA ASTURICAM M. P. CCXY<sup>1</sup> pertence propriamente a Braga, por ser o marco indicador da estrada que ia a Astorga pelo Monte Gerez<sup>2</sup>. Erradamente se gravaram nas de Maximino e Maximo<sup>3</sup> as letras M. P.  $\bar{I}$  contra todas as regras, e desattendendo as copias anteriores; as *Schedae Ambrosianas*<sup>4</sup> trazem M. P., como deve ser.

A primeira das quatro estradas de Bracara para Asturica indicadas no Itinerario<sup>5</sup> pôde dizer-se completamente desconhecida: nenhuma das suas dez estações se pôde determinar com alguma probabilidade. Quanto á sua direcção em geral, ha muito parece assentado que ella devia seguir primeiro por oeste subindo o Douro, voltando depois pelo norte direita a Astorga; por isso que as outras duas estradas caminhavam directamente no sentido de noroeste e nordeste. Conhecem-se poucas lapides milliarias que seja provavel haverem pertencido a esta estrada: duas idênticas de Trajano sem numero de milhas, e talvez uma de Claudio com o numero XXXV<sup>6</sup>. Quem tem examinado o paiz com as suas serras e valles, e reconhecido as mil direcções que a estrada podia seguir, não pôde deixar de considerar uma puerilidade o computarem-se ao acaso as distancias sobre uma carta, ou applicar os nomes antigos das estações aos logares modernos (talvez muito appropriados), ou aos sitios onde por varias vezes se tem encontrado lapides com inscripções. Sem me intrometter n'estas controvertidas questões, citarei sómente algumas inscripções de varios logares, que correspondem talvez a sitios atravessados por essa estrada.

De uma povoação, entre Porto e Penafiel, chamada Monte Baltar e Vandoma (que não deve confundir-se com outra do mesmo nome em Traz-os-Montes, na raia de Galliza) cita fr. José de S. Lourenço, já mencionado, além de uma lapide sepulchral, a seguinte inscripção:

<sup>1</sup> Assim vem em Mur. 452, 3, conforme a copia de Rambertus; e inexacta em Argote, III, p. XVII.

<sup>2</sup> V. o ITINERARIO, Append. B. 2.<sup>a</sup> via.

<sup>3</sup> Grut. 451, 5. IMP. CAES. C. IVLIVS. VERVS. MAXIMVS. PIVS || F. AVG. GERM. MAX. DAC. MAX. SARM. || MAX. PONT. MAX. TRIB. POT. V. IMP. VII || P. P. COS. PROCOS || E. C. IVLIVS. VERVS. MAX. NOBILISSIMVS || CAESAR. GERM. MAX. DAC. MAX. SARM. MAX. || PRINC. IVVENTVTIS. FILIVS. D. N. IMP. C || IVLII. VERI. MAXIMINI. P. F. AVG. || VIAS. ET. PONTES TEMPORE VETVSTATIS || COLLAPSOS. RESTITVERVNT || CVRANTE. Q. DECIO. LEG. AVGG. PRET. || PRAEF. A BRAC. AVG || M. P

<sup>4</sup> Fol. 19, 6.

<sup>5</sup> ITINERARIO, Append. B.

<sup>6</sup> Mur. 2007, 1, de Argote, II, 602. CLAVDIVS. CAESAR || AVG. GERMANICVS || PONT. MAX. IMP. || V. COS. III. TRIB || POT. III. P. P. BRAC || AVG. XXXV

CĀVRo  
 PINĀMi  
 NABIAE  
 LIBENS  
 a. p.

CATYRO e PINTAMYS são nomes gallegos que se leem tambem em outras inscripções. Encontra-se menção de um rio Nabius na Galliza <sup>1</sup>, e de uma cidade Flavionavia nas Asturias <sup>2</sup>; e em duas inscripções achadas na Galliza, que só conheço pelos papeis de Cornide em Madrid <sup>3</sup>, apparece tambem uma deusa Navia. Não refere elle o nome do logar onde foram achadas, o que, attendendo ao seu pouco methodo, não causa admiração: foram-lhe certamente communicadas; mas, como lhe não poderam servir para coisa alguma, deixou-as ficar nas suas pastas. Talvez a sua publicidade concorra para vir a saber-se o logar onde foram descobertas. A primeira é:

N A V I A E  
 ANCETOLVS  
 MAURI·EXS·I  
 S E S A  
 5 V O T V M  
 POSSIT  
 Q·E·C·I

A outra vem por esta fôrma em Cornide:

NAVIAE  
 SESMA  
 CAE·V  
 ANNIV /  
 . . . . .

No sitio da Varzea do Douro foi achada a seguinte lapide, transcripta por João Pedro Ribeiro <sup>4</sup>:

<sup>1</sup> Ukert, p. 299.

<sup>2</sup> Ukert, p. 443.

<sup>3</sup> Bibliotheca da Academia, est. 48, 57.

<sup>4</sup> *Dissertações Chronologicas*, I, 347, 99.

TAMEOBRIGO  
 POTITVS  
 CVMELI  
 VOTVM  
 PATRIS  
 S . L . M

Nas visinhanças do proximo mosteiro de S. João de Pendorada tem-se encontrado outras dedicações. Na igreja de S. Salvador de Thuias conservava-se a seguinte, que vem transcripta inteiramente inexacta em Muratori<sup>1</sup> segundo a copia de Argote<sup>2</sup>. É preferivel a citação de Florez<sup>3</sup> feita por uma copia de D. Manuel Ferreira da Costa Saboya :

L A R I B V S  
 C E R E N A  
 E C I S . N I G  
 E R . P R O C  
 V L I . F . V . L . S

Estas dedicações podiam ter sido collocadas em diferentes sitios, nos bosques e campo, não sendo por isso forçoso admittir a existencia de colonias mais importantes. Não se pôde dizer o mesmo das duas seguintes inscripções. A primeira é a da igreja de Santa Senhorinha de Basto, citada por Argote<sup>4</sup> á vista de uma copia de Serra; é facil de completar e de corrigir :

iMP . CAES  
 t. aelIO . HADR  
 iano . ANTONINO  
 AVG . PIO  
 5 per t. FVRNIVM  
 m. f. gal . PROCVL  
 um ET . A . VEGETI  
 um . . f. gal . . .  
 . . . . .

<sup>1</sup> 1983, 13. LARIBVS || CERENA || ECIS. NIL || ER. PRO. C || VII. P. V. L. S.

<sup>2</sup> I, 157.

<sup>3</sup> *Esp. Sag.*, XXI, 14.

<sup>4</sup> I, 319.



A copia tem na 3.<sup>a</sup> linha *AV · PONT · M*. Omitto outras variantes menos importantes. A outra foi copiada em 1805 por fr. Bento de Santa Gertrudes nas ruínas do mosteiro de Santa Comba, na freguezia de S. Miguel de Refoios <sup>1</sup>; é tambem facil de completar :

*imp. CAES · M*  
*a n T O N I O*  
*g o R D I A N O*  
*a u G · P I O · P · P*  
 5 *c o n s e c R A T V M*  
*p e R · M · V A L*  
*c a R V M · E T*  
*m. V A L · P R O*  
*c u L I N V M · E*  
*i u S · P R A E F*

N'estas duas inscrições os dedicadores são certamente magistrados, duumviro ou edis, e um representante do imperador *PRAEF(ectus) i(ure) d(icundo)*. Isto indica positivamente uma povoação municipal.

Nas visinhanças das nascentes sulfuricas de Vizella, junto a Guimarães, descobriram-se inscrições notavelmente interessantes. Uma d'ellas existia na quinta chamada do *Sobrado*, onde eu embalde a procurei, como já antes de mim a procurara o sr. Pereira Caldas, de Braga, cuja patria é Caldas de Vizella. Vem publicada, mas muito imperfeitamente, em uma Memoria do academico Mascarenhas Neto, nas *Memorias de Litteratura Portugueza* <sup>2</sup> d'onde a copiou Cornide <sup>3</sup>. Nos papeis de Cenaculo em Evora <sup>4</sup> encontra-se uma copia algum tanto melhor. Era uma ara com quatro faces, escripta de todos os lados, na qual é muito para notar o seguinte agrupamento de deuses :

<sup>1</sup> Manuscrito na collecção da Academia.

<sup>2</sup> *Memorias de Litteratura Portugueza*, III, p. 110, Y.

<sup>3</sup> Est. 18, 57.

<sup>4</sup> 1, 13.

	1.		2.
	LVCINAE		aESCVLA
	M I N E R		PIO . hYGIae
	VAE . SOLI		d O M N a e
	LVNAE . Di		6 v E N E R I
5	is . SOMNIOR		CYPIDINI
	FORTVNAE		CAELO . HI
	M E R C V R		l O I B V S
	IO . GENIO . IO		
	VIS . GENIO		
10	MARTIS		
	3.		4.
	c e r E R i		.. A I . .
	gEN . VICT		CCC
	ORIAE . GE		R C O S
	NIO . MEO		C I N N S
5	DIIS . SED	5	GL
	IS . PERV///		
	A E T M O C		

Em lugar da primeira palavra LVCINAE traz Mascarenhas REGINAE, epitheto inapplicavel a Minerva. Na 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> linha diz elle: DI || ESOMIVIRI, e Cornide: FFI || ISOMNIOR; pelo que ousei fazer aquella alteração<sup>1</sup>. Na segunda face ambos leem, na 2.<sup>a</sup> linha, LVCI, que não parece admissivel; a mudança em HYGIAE é facil, e o termo preferivel pela relação usual que tem com Esculapio. Na 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> linha o academico citado diz: AMNO || ENFB . I, e Cornide: OMNO || ENEBI<sup>2</sup>; pelo que parece acertada a correccão, muito mais que se segue *Cupido*. Ambas apresentam o final como acima se lê; não me occorrendo coisa melhor, propo-nho *cas* || *toribvs*. No principio da terceira face Mascarenhas escreve: LRD ou ERD, e Cornide omitta esta linha: Mascarenhas escreve o final como eu o apresento; Cornide traz YERV || AE OC. Na quarta face tem-se querido encontrar a *Cinniana* de Valerio Maximo<sup>3</sup>, a qual nem sequer está ainda bem averiguada nos manuscritos. É provavel que os caracteres fossem de difficil leitura, por isso que

<sup>1</sup> Talvez DHS . OMNIPOT, como se vê nas inscrições de *Mithras*, (Orell. 2130), e se pôde considerar como attributo de *Soli Lunae*. — (Th. M.)

<sup>2</sup> Talvez *Somno*, *Veneri*. — (Th. M.)

<sup>3</sup> Ukert, p. 399.

Cornide omitta esta parte; talvez designasse ella o nome do dedicador, que aliás não é superfluo. Na parte inferior da segunda face havia, para preencher o espaço, duas estrellas e duas meia-luas, symbolos que frequentemente se encontram n'estas regiões.

Existe ainda a seguinte inscripção, publicada pelo sr. Pereira Caldas em um opusculo ácerca das Caldas de Vizella<sup>1</sup>. Está n'uma pequena ara, e, segundo o calco que possuo, é como segue:

M E D A M  
 VS . CAMAL  
 B O R M A V I  
 CO . V . S . L . M

Este deus BORMANICVS vem ainda mencionado na seguinte inscripção que se conserva, mas inhabilmente restaurada, como já se lê em Mascarenhas. Auxiliado pela copia d'este e pela de Cenaculo, bem como pela copia e calco que possuo, consegui fixar a leitura pela fórma seguinte. Restabeleci o cognome, guiado por uma inscripção, de que hei de fallar mais tarde, e onde se menciona um RECTVGENVS tambem natural de Úxama. Mommsen lembra-me tambem o numantino Πητογένης de Appiano<sup>2</sup>. Úxama e Numancia ficam muito proximas uma da outra.

C . P O M P E I V S  
 G A L . C A T V R O  
 N I S . *Fil. rect*  
 V G E N V S . V X  
 5 S A M E N S I S  
 D E O . B O R M A  
 N I C O . V . S . L . M  
 Q V I S Q V I S . H O  
 N O R E M . A G I  
 10 T A S . I T A . T E . T V A  
 G L O R I A . S E R V E T  
 P R A E C I P I A S  
 P V E R O . N E  
 L I N A T . H V N C  
 15 L A P I D E M

<sup>1</sup> *Noticia Archeologica das Caldas de Vizella*, Braga, 1853, p. 9.

<sup>2</sup> Appiano, *de rebus Hisp.* § 94.

Tambem aqui vem novamente, em opposição á regra seguida, o nome da tribu antes do nome do pae. Em outra face da lapide vem repetido o principio da inscripção; o canteiro não aproveitou esta parte, certamente por ter escolhido caracteres demasiado grandes. O distico do fim, que Mascarenhas não entendeu, é uma variante da conhecida inscripção de Formiae<sup>1</sup>. Omitto outras inscripções encontradas n'este logar e nos arredores.

Em uma herdade junto a Guimarães deve ainda existir a dedicação, talvez de um sanctuario, feita pelo legado T. Flavius Archelaus Claudianus<sup>2</sup> de que fallou Borghesi no *Bulletino* do anno 1858<sup>3</sup>. Brito<sup>4</sup> diz que ella foi achada tambem nas vizinhanças das Caldas de Vizella.

A segunda estrada de Bracara para Asturica<sup>5</sup> a que, pelas suas muitas voltas, se deu em Portugal o nome de *Caminho da Geira*, é conhecida com toda a exacção na parte que pertence a territorio portuguez. Para fundamentar a Memoria ácerca do curso d'esta estrada, de que se serviu Argote, ha outra mais particularisada, que foi impressa na *Revista Litteraria do Porto*<sup>6</sup> sem nome de auctor, conforme o original que existia na Torre do Tombo. Parece dever attribuir-se ao padre José de Mattos Ferreira, sobrinho do bispo de Uranopolis. No anno proximo, um curioso das antiguidades de Galliza, o sr. Ramon Barros Sibelo, enviou á Academia de Madrid um plano bastante desenvolvido e aproveitavel d'esta primeira parte da estrada, incluindo uma parte em territorio hespanhol<sup>7</sup>. Auxiliado por este trabalho pôde o sr. Fernandez Guerra fixar exactamente a situação das tres primeiras estações: as outras serão tambem ao certo determinadas logo que appareça a planta topographica da parte que falta ainda. Tem-se descoberto mais de sessenta marcos milliarios, mais ou menos legiveis, relativos a esta secção de estrada. O imperador mais antigo que apparece mencionado n'estas columnas milliarias é Vespasiano, a cujo reinado se refere de certo a construcção da estrada; o mais moderno é Decencio.

São notaveis algumas inscripções de Caracalla, por chamarem a este imperador M. AVRELIUS ANTONINVS PIVS III (*tertium*) FELIX AVGVSTVS; taes são: a de

<sup>1</sup> Mommsen, *Inscript. Neapolit.* 4135.

<sup>2</sup> Mur. 2012, 1. DEDICAVIT. T. FLAVIVS. ARCHELAVS. CLAV || DIANVS. LEG. AVG.

<sup>3</sup> P. 120.

<sup>4</sup> P. 802.

<sup>5</sup> ITINERARIO, Appendice B.

<sup>6</sup> Vol. VIII, p. 360 e seg. *Caminho da Geira e estrada militar do Gerez*.

<sup>7</sup> Foi tambem enviado á Academia Real das Sciencias, acompanhado d'um «Plano general estadistico, archeologico, geografico y geologico de la tercera via militar romana que del Convento Juridico de Braga se dirijia al de Astorga». 1860. A Academia premiou o trabalho do sr. Barros Sibelo, nomeando-o seu socio correspondente. — (S.)

Muratori<sup>4</sup> (do mesmo modo em Argote e na copia do sr. Barros Sibelo), outra em Argote<sup>2</sup>, e uma terceira, transcripta pelo sr. Sibelo, a qual tem o numero XXXV. O superintendente da construcção foi, como se vê das inscrições de Vespasiano, o legado C. Calpetanus Rantius Quirinalis Valerius Festus, de que faz menção Tacito<sup>3</sup>. N'uma columna milliaria de Tito, onde vem o nome d'aquelle legado, a qual foi descoberta junto a Puebla de Tribes e enviada á Academia de Madrid no anno de 1839 por D. Alejo Andrade Yañez<sup>4</sup>, designa-se positivamente esta estrada como VIA NOVA (*Bracara As*)TVRICA(m)<sup>5</sup>. No tempo de Maximino e Maximo houve reconstrucção radical d'esta estrada e d'outras que partiam de Braga, sendo legado Q. Decius Valerianus (quê a maior parte das vezes se nomêa sem cognome)<sup>6</sup>.

A terceira estrada de Braga<sup>7</sup> é geralmente conhecida na parte comprehendida até á fronteira portugueza, isto é, até á segunda estação Tude (Tuy); a parte, que ficava em territorio hespanhol, é completamente desconhecida. Conhecem-se seis ou oito lapides milliaris d'esta estrada; a quadragesima segunda com o nome de Claudio<sup>8</sup> existe ainda em Valença do Minho, povoação que defronta com Tuy (Tude está exactamente a 43 millas de Bracara).

<sup>1</sup> 248, 2. IMP. CAES. DIVI. SEVERI. PII. FIL || DIVI. MARCI. ANTONINI. NEP || DIVI. ANTONINI. PII. PRONEP || DIVI. HADRIANI. ABNEP || DIVI. TRAIANI. PART. ET. DIVI || NERVAE. ADNEPOT || M. AVRELIO. ANTONINO. PIO. III. FEL. AVG || PART. MAX. BRIT. MAX. GERMANICO. MAX || PONTIFICI. MAX || TRIB. POT. XVII. IMP. III || COS. III. P. P. PROCOS.

<sup>2</sup> III, 565. M. AVRELIO. PIO. III. FEL. AVG || PART. MAX. BRIT. MAX || GERMANICO. MAX || TRIB. POT. XVII. IMP. III || COS. III. P. P. PROCOS || A. BRAC. AVG. M. P. XXXIII

<sup>3</sup> Historiar. II, 98. Henzen, 6429.

<sup>4</sup> Est. 18, 57.

<sup>5</sup> Como em duas inscrições da via militar do Gerez. É uma: . . . . C. CALPETANO. RANTIO || QVIRINALE. VALERIO. FESTO || LEG. AVG. PRO. PR. VIA || NOVA. M. P. XVIII; a outra, com algumas lacunas, é a seguinte: IMP. TITO. CAESARE. DIVI || VESP. F. VESPASIANO. Aug. . . . || PONT. MAX. TRIB. POT. IX || IMP. XV. P. P. COS. VIII. . . || C. CALPETANO. RANTIO || QVIRINALE. VALERIO || FESTO. LEG. AVG. PRO. PR || VIA. NOVA. A. BRACA. AVG || M. P. XXXIII. — (S.)

<sup>6</sup> Nas inscrições que commemoram o facto lê-se: VIAS. ET. PONTES. TEMPORE || VETVSTATIS. (n'outras TEMPORIBVS. VETVSTATE) CONLAPSOS || RESTITVERVNT. CVRANTE. Q || DECIO. LEG. AVGG. PR. PR. || ABRA. AVG. M. P. A leitura TRIB. POT. V, que deu origem á dissertação do cardeal Saraiva (*Rev. Litt.*, t. 2.º, pag. 191-224) posta em duvida por Borghesi (*Dissertaz. delle Pontif. Accad. Rom. di Archeologia*, t. X, pag. 147), que como Orelli (965) inadvertidamente confundiu o legado Q. DECIO com o imperador DECIO, é confirmada por mais duas inscrições de Braga. — (S.)

<sup>7</sup> ITINERARIO, Appendice B.

<sup>8</sup> Mur. 2006, 7. TI. CLAVDIVS. CAESAR || AVG. GERMANICVS || PONTIFEX. MAX. IMP. V || COS. III. TRIB. POTEST || III. P. P. BRACA || XLII

Não está ainda fixamente assentado o lugar a que corresponde a estação Limia. O Itinerario diz que ella ficava a 19 milhas de Bracara, e as columnas milliarias descobertas nas vizinhanças de Ponte de Lima tem os numeros 18 e 20<sup>1</sup>. Isto não significa provavelmente mais do que a existencia de uma estação junto ao rio do mesmo nome, cuja belleza forneceu na antiguidade assumpto para tantas fabulas<sup>2</sup>, pois que a *civitas Limicorum* jazia em sitio muito differente. Além d'isto, no moderno lugar de Ponte de Lima não só nunca se encontraram outras inscripções, ou vestigios de uma antiga cidade, mas tambem a situação do mesmo lugar não é ajustada para tal fim.

Não se pôde com certeza fixar, unicamente pelos numeros das milhas que marcam as distancias, os logares que correspondem aos *loca maritima* da quarta estrada de Braga para Astorga<sup>3</sup>. É verdade que em Vianna do Castello, na foz do rio Minho, existe um monumento interessante com uma inscripção, de que mais detidamente hei de fallar em outra occasião<sup>4</sup>; comtudo, nem ali, nem tão pouco em Caminha, Vigo (o Vicus Spacorum do Itinerario), Pontevedra e nos outros portos da Galliza, que podem ter relação com esta estrada, se tem encontrado ruinas importantes de colonias romanas. Em Lucus Augusti entroncava esta via na antecedente.

Na estrada de Aquae Flaviae (Chaves, em Traz-os-Montes) para Bracara teem-se descoberto mais de vinte marcos milliarios, com varios nomes de imperadores desde Tiberio até Constantino, alguns d'elles raros como os de Marcrino<sup>5</sup> e Volusiano<sup>6</sup>. Não servem, porém, para a fixação dos logares indicados em differentes inscripções achadas em Traz-os-Montes, por isso que esta estrada não vem no Itinerario. Em referencia ás inscripções d'esta provincia, as prin-

<sup>1</sup> Mur. 2008, 4. IMP. CAES. TRAIANO || HADRIANO. AVG || PONT. MAX || TRIB. POT. XVIII || COS. III. P. P. ABRAC || AVG. M. P. XX — Ponte de Lima; *ibid.* 2010, 2. IMP. CAES. DIVI. SEVERI. FIL || DIVI. MARCI. ANTONINI. NEP || DIVI. ANTONINI. PII. PRONEP || DIVI. HADRIANI. ABNEP || DIVI. TRAIANI. PARTH. ET || DIVI. NERVAE. ADNEP || M. AVRELIO. ANTONINO || PIO. FEL. AVG || PART. MAX || BRIT. MAX || GERMANICO. MAX || PONTIFICI. MAX || TRIBVNIC. POT. XVII || IMP. III. COS. III. P. P. PROCOS || BRACAR. AVG. M. P. XX —; *ibid.* 3, igual á antecedente, mas indicando M. P. XVIII.

<sup>2</sup> Ukert, p. 297.

<sup>3</sup> ITINERARIO, Appendice B.

<sup>4</sup> Appendice C.

<sup>5</sup> 1993, 7. IMP. CAES. M. OPELLIO. SEVE || MAGNO. (MACRINO?) PIO. FEL. INVICTO || ET. MAGNO. AVG. ET. M. OPELLIO || ANTONINO. DIADVMEIANO. NO || BILISSIMO. CAES. PRINCIPI. IV || VENTVTIS

<sup>6</sup> Mur. 1994, 1. *Imp. Caes.* C. VIBIO. AFI || *nio. Gallo.* VELDVMNIANO || *Volusiano.* PIO || *Felici. Aug.* PONT. MAX || *Trib. Pot* || II. COS. PROCOS. . . || *Devotus Numini* || MAIESTATI-QUE *eius*

cipaes fontes são as noticias minuciosas enviadas a Argote por Thomé de Tavora e Abreu<sup>1</sup>. N'ellas se encontra<sup>2</sup> uma antiga relação das inscripções de Chaves por João Carneiro de Moraes e Castro de Fontoura, citada frequentes vezes por Argote<sup>3</sup> como *Lista das inscripções de Chaves*.

Não tem sido até ao presente aproveitadas algumas inscripções de Traz-os-Montes, que Antonio Coelho Gasco, já mencionado a pag. 7, cita n'um *antiquario discurso* dedicado ao arcebispo D. Rodrigo da Cunha, manuscrito que encontrei na bibliotheca de Coimbra<sup>4</sup>. Em parte nenhuma pude descobrir as *Memorias de Bragança* por José Cardoso Borges, *sargento mór de Bragança*, manuscrito que no fim do seculo passado existia na bibliotheca de José Freire de Montearroyo Mascarenhas, onde Cornide o consultou<sup>5</sup> e por cuja intervenção unicamente se conservou uma serie, por certo não muito importante, de inscripções do districto de Bragança. Pareceu-me não valer a pena visitar esta pouco habitada provincia.

Entre as inscripções propriamente de Chaves, o logar mais importante de Traz-os-Montes, e correspondendo com certeza a Aquae Flaviae, apparecem, além das dedicações a JVPITER OPTIMVS MAXIMVS e ás nymphas, quatro lapides consagradas aos lares de diferentes localidades com alguns nomes não romanos pouco vulgares.

A inscripção mais importante de Chaves, que é a dedicação da ponte sobre o Tamega a Vespasiano, Tito e Domiciano e ao seu legado Valerio Festo, com o catalogo das dez *civitates*, que para a dita obra contribuíram<sup>6</sup>, á semelhança dos onze municipios da ponte d'Alcantara, já no tempo de Tavora era illegivel na parte relativa ao alludido catalogo, que é a mais interessante. A excellente copia de Gaspar de Castro<sup>7</sup> de que procederam as de Manucio e Metello suppre esta falta; os dez nomes, exceptuando talvez um, vem ali exactamente transcriptos. Afóra isto pouco interesse offerecem as inscripções de Cha-

<sup>1</sup> O original existe na Bibliotheca nacional de Lisboa, A 4, 32.

<sup>2</sup> F. 86.

<sup>3</sup> Por exemplo, I, 280.

<sup>4</sup> X 601, f. 100 a 120.

<sup>5</sup> Vejam-se os seus papeis em Madrid, est. 18, 40, e em Lisboa, B 2, 73.

<sup>6</sup> *Corp. Inscript. latin.* 2477. IMP. CAES. VESP. AVG. PONT || MAX. TRIB. POT. X IMP. XX. P. P. COS. IX. || IMP. T. VESP. CAES. AVG. F. PONT. MAX. TRIB. || POT. VIII IMP. XIII COS. VII || ..... || ..... || C. CALPETANO. RANTIO. QVIRINALI || VAL. FESTO. LEG. AVG. PR. PR || D. CORNELIO. MAECIANO. LEG. AVG || L. ARRVTIO. MAXIMO. PROC. AVG || LEG. VII. GEM. FEL || CIVITATES X || AQUIFLAVIENSES. AOBRIGENS || BIBALI. COELERNI. EQVAESI || INTERAMICI. LIMICI. AEBISOC || QVARQVERNI. TAMAGNI

<sup>7</sup> *Cod. Vat.* 6040, f. 49.

ves, não fallando nos nomes de individuos não romanos. Menciona-se um lugar desconhecido, SAMBRVCOLA, na lapide sepulchral de uma VISALA (OU VISALIA) REBVR(*ri filia*), a qual lapide vem transcripta nas *Schedae ambrosianas*<sup>1</sup>, nas de Rambertus e duas vezes, mas inexacta, em Muratori<sup>2</sup>. O mesmo, em geral, ha a dizer ácerca das inscrições espalhadas por Traz-os-Montes. Só citarei algumas das mais importantes.

Nas proximidades do mosteiro de Avelans, junto a Chaves, ha um lugar deserto, chamado *Castro de Avelans*. Ali parece ter tido o principal assento (*civitas, oppidum, vicus* ou *pagus*) aquella GENS ZOELARVM que iniciaram o celebre contracto de patronato mutuo<sup>3</sup>, cujo instrumento se conserva ainda no museu de Berlim, celebrado primeiro em Gerunda no anno de 27 depois de Christo, e renovado depois em Asturica no anno 152. Tambem se encontraram ali duas inscrições impressas em Santa Rosa de Viterbo<sup>4</sup>, nas *Memorias de Litteratura Portugueza*<sup>5</sup> e talvez mais exactamente n'um artigo de Sampaio no *Jornal Encyclopedico* de 1790<sup>6</sup>. A primeira é:

DEO  
A E R N O  
O R D O  
Z E O L A R  
E X V O T O

Viterbo diz AERNO unicamente para dar aqui entrada, sem fundamento ne-

<sup>1</sup> F. 19, 2.

<sup>2</sup> 1229, 2. VICALA. REBVRSA || MERVCOLAE || FILIAE. PIENTISSIMAE || ET. NEPOTIBVS || SVIS. O. S. FEBIT; e *ibid.* 12. D. M || VISALA. REBVR || SAM. BRVCVLEN || FILIAE || PIENTISSIMAE. ET || NEPOTIBVS. SVIS || D. S. FEC.

<sup>3</sup> Orelli, 156. M. LICINIO CRASSO || L. CALPVRNIO PISONE COS. || III. KL. MALAS || GENTILITAS DESONCORVM EX GENTE ZOELARVM || ET GENTILITAS TRIDIAVORVM EX GENTE IDEM || ZOELARVM HOSPITIVM VETVSTVM ANTIQVOM || RENOVAVERVNT EIQVE OMNES ALIS ALIVM IN FI || DEM CLIENTELAMQVE SVAM SVORVMQVE LIBERORVM POSTERORVMQVE RECEPERVNT. EGERVNT ARAVSA BLECAENI ET TVRAIVS CLOVTI. DOCIVS ELAESI || MAGILO CLOVTI BODECIVS. BVRRALI ELAESVS CLVTAMI || PER ALIENVM PENTILI. MAGISTRATVM ZOELARVM || ACTVM CVRVNDA || GLABRIONE ET HOMVILLO COS. V. IDVS IVLIAS || IDEM GENTILITAS DESONCORVM ET GENTILITAS || TRIADAVORVM IN EANDEM CLIENTELAM EADEM || FOEDERA RECEPERVNT EX GENTE AVOLGIGORVM || SEMPRONIUM PERPETVVM ORNACVM. ET EX VISALIGORVM ANTONIVM ARQVIVM ET EX GENTE || GABRVAGENIGORVM FLAVIVM FRONTONEM. ZOELAS. || EGERVNT || L. DOMITIVS SILO ET || L. FLAVIVS. SEVERVS || ASTVRICAE.

<sup>4</sup> I, p. 188.

<sup>5</sup> V, p. 258.

<sup>6</sup> P. 196.



nhum, ao classico Averno. Houve quem lêsse AETERNVS. A segunda inscripção mostra, porém, que nada se deve alterar no nome do deus :

DEO AER  
N O M  
A C I D I

Insiro unicamente um E que podia estar ligado ao A. O final parece tambem inexactamente copiado.

A seguinte inscripção de Outeiro Secco, junto a Chaves, apparece pela primeira vez no *Diccionario geographico* de Luiz Cardoso <sup>1</sup>, posteriormente em Argote conforme a copia de Tavora <sup>2</sup>, mas muito mais exacta no *Diccionario geographico manuscripto* da Torre do Tombo <sup>3</sup>:

DEO MARTI VIC  
TORI . OB . EV  
ENTVM . GLADI  
ATORI . MUN  
5 ERIS  $\zeta$   
C E R A E C I  
V S . F V S C V  
S  $\zeta$  E X  
V O T O

As copias trazem na 1.<sup>a</sup> linha ERMAEID, na 2.<sup>a</sup> linha VORI, na 6.<sup>a</sup> linha CEKAEC. Este C. CERAECIVS C. FIL. QVIR. FVSCVS AQVIFL. (*aviensis*) é conhecido, como flamine da provincia Hispania citerior EX CONVENT(u) BRACARAVG (*ustano*), por uma inscripção que ainda existe em Tarragona <sup>4</sup>. Encontrou-se em Villarelho uma dedicação a IVPITER OPTIMVS MAXIMVS feita por soldados da setima legião <sup>5</sup>, pa-

<sup>1</sup> I, p. 508.

<sup>2</sup> I, 286.

<sup>3</sup> XI, p. 2100.

<sup>4</sup> Grut. 379, 6. C. CAERECIO || C. F. QVIR || FVSCO. AQVIFL. || EX. CONVENT || BRACAR. AVG || OMNIB. II. IN. RE || P. SUA. FVNC. Fabr. 614, 119. CERAECIA || C. CERAECIO || C. FIL. QVIR || FVSCO. AQVIFL || EX. CONVENT || BRACAR. . . .

<sup>5</sup> Mur. 2037, 8. I. O. M || VOI SOI || MIL. LEG || VII. GE. F || IVLINO. E. APR. — Em Villarelhos.

rece que no consulado de Catullino e Aper, isto é, 130 annos depois de Christo. Em Val-de-reis achou-se a de um PR(*aefectus*) CAESARVM PONT(*ifex*) PERP(*etius*), FLAMEN PERPET(*uus*), PRAEF(*ectus*) FABRVM E TR(*ibunus*) MIL(*itum*); a qual do proprio logar foi communicada a Argote<sup>1</sup>. Falta-lhe o nome, e resta tão sómente a ultima syllaba do cognome . . .CHVS. Finalmente, cita-se de Villar de Perdizes um fragmento<sup>2</sup> conforme a copia do padre Alexandre de Oliveira, mandada a Tavora, no qual, apesar da grande imperfeição da copia, se reconhece o resto de uma supplica semelhante á da inscripção da deusa ATAECINA de Merida.

<sup>1</sup> B 2, 34, f. 112 das suas collecções manuscriptas na Bibliotheca nacional de Lisboa.

<sup>2</sup> Argote, III, p. VI.

De Lisboa, aos 3 de julho de 1861.

E. HÜBNER

## APPENDICE A

A carta, que abaixo transcrevemos, foi dirigida ao nosso consocio Visconde de Paiva Manso em 19 de abril de 1859 pelo sr. Léon Renier, membro do Instituto de França, a quem, da parte da Academia e em nome dos studiosos da epigraphia romana, agradecemos o haver-nos permitido a publicassemos.

---

Paris, le 19 avril 1859.

Monsieur,

J'ai reçu il y a trois jours seulement la lettre que vous m'avez fait l'honneur de m'écrire le 24 du mois dernier. L'inscription sur laquelle vous me demandez mon avis a été publiée ainsi qu'il suit, par Murphy, *Voyage en Portugal*, pl. VII, fig. D de la traduction française (Paris, 1797, in 4°):

M A T R I . D E  
V M . M A G . I D E  
A I P H R Y G . F I  
T Y C H E C E R N O  
P H R . P E R . N L I V I  
C A S S . F E . C A S S . S E V  
M . A T E T A N N C O S S G A L

M. Henzen l'a reproduite d'après ce voyageur, dans son supplément au recueil d'Orelli (Zurich, 1856, in 8°), n. 5840, et M. Mommsen en a proposé, dans le même ouvrage, l'interprétation suivante:

MATRI DEVM *MAGNAE* IDEAE PHRYGIAE, EVTYCHE<sup>1</sup> CERNOPHORA,  
PER *NUMERIUM LIVIUM CASSIANUM* ET *CASSIAM SEVERAM*,  
MARCO *ATILIO* ET *ANNIO CONSULIBUS*, CALENDIS . . . . .

<sup>1</sup> On lit EVTYXE, sans doute par suite d'une faute d'impression, dans la note de M. Mommsen.

Il suppose qu'une huitième ligne, aujourd'hui effacée, portait, en abrégé ou en toutes lettres, le nom du mois aux calendes duquel le monument dont il s'agit aurait été élevé, et peut-être aussi le verbe FECIT. Les consuls mentionnés sont ceux de l'an 108 de notre ère.

Votre copie est beaucoup meilleure que celle de Murphy; elle confirme l'interprétation de M. Mommsen, dans sa partie essentielle, et permet d'en rectifier quelques détails inexacts. Ainsi, à la fin de la troisième ligne et au commencement de la quatrième, il faut lire *Flavia* TYCHE, et non pas EPTYCHE; et à la fin de la cinquième ligne, au lieu de N. LIVI (*numerium Livium*, prénom très-rare et abréviation tout à fait insolite), il y a certainement M. IVL, pour *marcum Ivlum*, ou plutôt, comme je le dirai tout à l'heure, pour *marcos Ivlíos*.

La restitution du mot CERNOPHORA, Κερνοφόρος, porteuse de vases sacrés, me paraît certaine. Beaucoup de ministres des cultes d'origine orientale portaient de même, chez les Romains, des noms simplement transcrits du grec, et auxquels on s'était contenté de donner une terminaison latine. C'est ainsi que, pour ne citer que les analogues de celui-ci, on trouve un *Cistophorus*, Κιστόφορος, dans une inscription de Rome (Doni, pl. VIII); des *Pastophori*, Παστοφόροι, dans une inscription d'Industria (Orelli, n. 62); des *Canophori* ou *Cannophori*, Καννοφόροι, dans des inscriptions de Saepinum (Mommsen, *Inscr. Neap.* n. 4945), de Locres (*Bullett. Arch. di Roma.* 1847, p. 157), et de Milan (Cardinali, *Diplomi imperiali*, n. 328); enfin, dans des inscriptions provenant de presque toutes les parties de l'Empire, des *Dendrophori*, Δενδροφόροι, destinés, comme notre *Cernophora*, à jouer un rôle important dans les cérémonies du culte de Cybèle.

La restitution de la date consulaire me paraît également certaine; mais l'interprétation de la ligue qui précède cette date et de la syllabe qui la suit me satisfait moins.

D'abord, c'est violer une des règles de la critique épigraphique, que d'expliquer dans une même inscription, et à plus forte raison dans une même ligne, la même abréviation (CASS.) par deux mots différents (*CASSianum* et *CASSiam*). En second lieu, la supposition d'une huitième ligne effacée ne s'appuie sur aucun indice dans la copie de Murphy, et elle est formellement contredite par la vôtre. Enfin, *calendis* pour *KALendis* eut été presque une faute d'orthographe à l'époque où a été gravée cette inscription. Votre copie d'ailleurs porte GAL par un G, et non CAL par un C, et elle est confirmée sur ce point par la lecture des personnes qui, ainsi que vous me l'apprenez, ont vu dans ces trois lettres l'abréviation du prénom *Gaio*.

Je pense que cette syllabe GAL est le sigle de *GALlos* (Galles, prêtre de Cybèle), sigle qui ayant été oublié par le lapicide à la fin de la sixième ligne, aura

été, suivant un usage constant en pareil cas<sup>1</sup>, gravé à la fin de la ligne suivante, où il restait un peu de place après la mention du consulat. Je pense en outre que ce mot se rapporte aux personnages mentionnés dans les cinquième et sixième lignes, personnages qui ne sont pas pour moi, comme pour M. Mommsen, un homme et une femme, mais deux hommes, deux frères probablement, portant l'un et l'autre le prénom *Marcus* et le nom *Iulius*, et distingués seulement par leurs surnoms, le premier n'en ayant qu'un (*Cassianus*), le second en ayant deux (*Cassianus Severus*). Voici en conséquence comment j'interprète les lignes dont il s'agit :

PER MARCOS IULIOS CASSIANUM ET CASSIANUM SEVERUM GALLOS,  
MARCO ATILIO ET ANNIO CONSULIBUS.

L'expression *Marcos Iulios Cassianum et Cassianum Severum*, pour *Marcum Iulium Cassianum et Marcum Iulium Cassianum Severum*, n'a pas besoin d'être justifiée; je pourrais vous citer et vous connaissez vous-même, je n'en doute pas, beaucoup d'exemples analogues. Elle s'explique d'ailleurs parfaitement ici par le défaut de place et la nécessité d'abrèger.

En résumé voici comment je traduis mot à mot toute l'inscription :

«A la Mère des Dieux, grande Idéenne de Phrygie, la Cernophore Flavia «Tyche [a fait élever ce monument] par les soins des Galles Marcus Iulius Cassianus et Marcus Iulius Cassianus Severus, sous le consulat de Marcus Atilius «et d'Annus.»

Voilà, Monsieur, les seuls éclaircissements que je puisse vous donner sur cette inscription.

Agréez, je vous prie, etc.

<sup>1</sup> Voy. Marini, *Iscrizioni Albane*, p. 24 et suiv.

L. RENIER.

---

Admittindo a transposição, mas sómente em relação ás duas ultimas siglas COSS·GAL·, o sr. Hübner (no vol. ultimamente publicado *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, n.º 179) lê :

MATRI DEVM MAGNAE IDEAE PHRYGIAE FLAVIA TYCHE CERNOPHORA  
PER M. IULIUM CASSIANUM ET CASSIAM SEVERAM M. ATILIO ET  
ANNIO GALLO CONSULIBUS.



## APPENDICE B

Damos a parte do ITINERARIO de Antonino relativa às vias romanas comprehendidas entre o Minho e o Guadiana, conforme a optima edição de Parthey et Pinder, Berlin, 1848. Para julgar, porém, da maior ou menor auctoridade das variantes, que vão em nota ao texto de Wesseling (*Vetera Romanorum Itineraria*, 1735) adoptado pelos editores, fazemos a enumeração dos codices que se tiveram presentes, indicando-os com as letras do alphabeto que marcam a procedencia das variantes.

- A — Codice da Bibliotheca de Paris (num. 4806) escripto no seculo x.
- B — » » » (num. 4806) do fim do seculo ix.
- C — » » » (num. 4808) do seculo xii.
- D — » » » (num. 7230) do seculo x.
- E — » » » (num. 4126) do seculo xiii.
- F — } Copia do seculo xvi. G non magna est auctoritatis.
- G — }
- J — Codice Remensis (num. 785 K) do anno 1417.
- K — » Guelferbitano (num. 61) do seculo xv.
- L — » Vindobonense (num. 329) do seculo viii.
- M — » Dresdense (D, 182) do seculo xi.
- N — » Vaticano (num. 1883) do seculo xiv.
- O — » Matritense (Q, 129) do seculo xiv ou xv.
- P — » Scorialense (II, R, 48) do seculo viii.
- Q — » Florentino (plut. 89, sup. cod. 68) do seculo xv.
- R — » » (plut. 89, sup. cod. 67) do seculo x.
- S — » Lugduno-Batavo, do fim do seculo xiii.
- T — » Parisiense (sup. lat. 671) do seculo xv.
- U — » Monacensis (num. 291) do anno 1542-51.
- V — » » (num. 99) do anno 1436.

Assim, para designar o codice d'onde deriva a variante, se põe sómente a letra, ou, quando sejam mais do que um os codices, as letras iniciaes que os distinguem.

## ITINERA

1	Iter ab Olisipone Emeritam.....	mpm CLXI sic
2	Equabona .....	mpm XII
3	Catobriga .....	mpm XII
4	Caeciliana .....	mpm VIII
5	Malececa .....	mpm XXVI
6	Salacia .....	mpm XII
7	Ebora .....	mpm XLIII
8	Ad Adrum flumen .....	mpm VIII
9	Dipone .....	mpm XII
10	Evandriana .....	mpm XVII
11	Emerita .....	mpm VIII.
—————		
12	A Salacia Ossonoba .....	mpm XVI.
—————		
13	Alio itinere ab Olisipone Emeritam.....	mpm CXLV sic
14	Aritio praetorio .....	mpm XXXVIII

- 1 *om. B* | olisippone *CDFGMRTU*, olishippone *JLN*, hilisippone *Q* | emerita *Q* | *CLXI*] *sic CDFJLR, recte*; *CXLI N*, e Wesseling. *CLXXVII GMOQTUV*
- 2 aquabona *D*, aequabona *MOQTUV* | *XVI GOQTUV*
- 3 catobrica *libri: nummi et lapides in similibus* — briga
- 4 Caeciliana] *sic L*, ceciliana *DJN*, ciliana *GMOQTUV*, ciciliana *BCFR* | *XII D*
- 5 Malececa] *sic CGJLMNT*, maleceta *OQV*, malecea *R*, malecaeca *U*, malateca *D*, malceca *BF* | *XVI F* e Wesseling.
- 6 salatia *CMOQTUV*
- 8 atrum *JLN*, dadrum *FG* | flumen *inter versus sec. L*, fulcoen *J* | *VIII R*
- 9 *om. B* | dippone *FGMOQTUV*
- 10 euandria *J*, euendriana *R*
- 11 *om. QR* | ementa *MTUV*
- 12 *ante A Salacia FG add. Iter—A Salacia om. J* | salatia *CMOQTUV* | ossobona *BFG LNR*, osobona *J*, bona *CMOQTUV*.
- 13 Alio] item alio *N*, item (*punctis supra pos.*) alio *L*, *om. FG* | itinere *L*, iter *FG* | Olisipone] *sic O*, olisippone *CFG*, olisinpone *B*, olippone *R*, olishippone *JL*, olishoppone *N*, alisippone *MTUV*, ilisipone *Q* | emerita *R* | *CXLIII N*, *CXLIII (ex. corr. sec. m) L*; *numeri collecti efficiunt CXLVIII* | *¶ hic III super sunt mg. B*, *¶ III super mg. L*
- 14 pretorio *BJQR* | *XXX J*, *XXVIII OQ*



1	Abelterio .....	mpm xxviii
2	Matusaro .....	mpm xxiiii
3	Ad Septem aras.....	mpm viii
4	Budua.....	mpm xii
5	Plagiaria.....	mpm viii
6	Emerita.....	mpm xxx.
—————		
7	Item alio itinere ab Olisipone	
8	Emeritam.....	mpm ccxx
9	Ierabriga.....	mpm xxx
10	Scalabin.....	mpm xxxii
11	Tubucci.....	mpm xxxii
12	Fraxinum.....	mpm xxxii
13	Montobriga.....	mpm xxx
14	Ad Septem aras.....	mpm xiiii
15	Plagiaria.....	mpm xx
16	Emerita.....	mpm xxx
—————		
17	Iter ab Olisipone Bracaram Au-	
18	gustam.....	mpm ccxliiii sic
19	Ierabriga.....	mpm xxx

- 1 abelteri *BF*, a belitrio *G*, abaelterio *M*  
2 manisaro *G* | xxvii *B*  
5 Plagiaria] sic *JN*, plagiari *BFR*, plagiara (*corr.* plagiaria) *L*, plagiam *CMOQTUV*,  
plactaria *D*, plagiani *G* | viii] sic *BCD JLNR*, viii *CMOQTV*, xii *F* e Wesseling.  
7 iter *FG* | alio *om. F* | itenere *L*, *om. F* | Olisipone sic *OQ*, olisinpone *B*, oliship-  
pone *JL*, holishippone *N*, olisippone *reliqui*  
8 emerita *R* | ccxx] *recte*; ccl *D* | sic *om. Q*  
9 ierabriga *JLN*, lerabriga *D*, gerabrigam *Q*, gerabriga *reliqui*; *cf. n. 49*  
10 scallabin *BCFGJLR* | xxx *Q*  
11 *et 12 post 13 ponit J* | tabueci (*ut videtur*) *D* | xxx *QR*  
12 fraximum *C* | xxx *Q*, xxxiiii *D*  
13 Montobriga] sic *JLN*, mundobriga *BFG*, mantobriga *T*, montobriga *reliqui* |  
x (x...?) *D*  
14 xiii *Q*, xxiiii *B*, xl *D*  
17 Olisipone] sic *FG*, olisinpone *B*, olishippone *JLN*, olisippone *reliqui* | bragaram  
*BCFGMQRTUV*, bragaia *O* | Augustam *om. F*  
18 ccxliiii] *recte*; ccxliii *R* | sic *om. B*  
19 Ierabriga] sic *JL*, lerabriga *BFG*, lerabriga *N*, lerabriga *reliqui*

1 Scalabin . . . . .	mpm XXXII
2 Sellium . . . . .	mpm XXXII
3 Conembriga . . . . .	mpm XXXIII
4 Eminio . . . . .	mpm X
5 Talabriga . . . . .	mpm XL
6 Langobriga . . . . .	mpm XVII
7 Calem . . . . .	mpm XIII
8 Bracara . . . . .	mpm XXXV.
-----	
9 Iter a Bracara Asturicam . . . . .	mpm CCXLVII sic
10 Salacia . . . . .	mpm XX
11 Praesidio . . . . .	mpm XXVI
12 Caladuno . . . . .	mpm XVI
13 Ad Aquas . . . . .	mpm XVII
14 Pinetum . . . . .	mpm XX
15 Roboretum . . . . .	mpm XXXVI
16 Compleutica . . . . .	mpm XXVIII
17 Veniata . . . . .	mpm XXV
18 Petavonium . . . . .	mpm XXVIII
19 Argentiolum . . . . .	mpm XV
20 Asturica . . . . .	mpm XIII.

- 1 scallabin *JLN*, scalabim *Q* | xxvi *R*  
 2 cellium *BF*, cellum *G*  
 3 Conembriga] sic *JLN*, concunbrica *O*, concumbtrica *Q*, conembrica *reliqui* | XL *J*  
 4 *om. J* | emenio *C*, aeminio *L*, emmio *R* | x1 *Q*, xxx *N*  
 5 *om. J* | talabrica *libri*, Ταλαβρυζ *Ptolem. Appian.* | x1 *R*  
 6 Langobriga] sic *JLN*, langobrica *reliqui* | xxx *R*  
 8 bragara *libri*  
 9 a *om. QR* | bragara *CFGQOR* | asturigam *C* | CCXLVII] *recte*; CCXLVI *R*, *om. CO* | *inter* CCXL *et VII spatium trium vel quattuor litterarum capax L* | sic *om. CJLNO* | *R X minus mg. L*  
 10 salatia *CFGMNOQTUV*  
 11 presidio *JOQRV*  
 12 xxvi *BF* e *Wesseling.*  
 14 pineto *G* | xxviii *G*  
 15 xxxiii *R*  
 16 compleutica *BL*, completica *Q* | xviii (*ex correct. sec. m. xxviii*) *L*, xxv *OV*, xxvi *Q*, xxxiii *FG*  
 17 ueniacia *BCLMRU*, uemacia *N*  
 20 asturiga *D*, astudica *Q* astirica *R* | xxiii *D*

1	Item alio itinere a Bracara Astu-	
2	ricam . . . . .	mpm ccxv sic
3	Salaniana . . . . .	mpm xxi
4	Aquis Originis . . . . .	mpm xviii
5	Aquis Querquennis . . . . .	mpm xiiii
6	Geminas . . . . .	mpm xvi
7	Salientibus . . . . .	mpm xiiii
8	Praesidio . . . . .	mpm xviii
9	Nemetobriga . . . . .	mpm xiiii
10	Foro . . . . .	mpm xviii
11	Gemestario . . . . .	mpm xviii
12	Bergido . . . . .	mpm xiiii
13	Interamnio Flavio . . . . .	mpm xx
14	Asturica . . . . .	mpm xxx

---

15 Item a Bracara Asturicam . . . . . mpm ccxcviii sic

- 1 *quae sequuntur duo itinera hoc loco habet D, om. L*  
 1 Item] item ab *D* | itinere *B* | asturica *BCDJMNOQRT*  
 2 *ccxii F; numeri collecti efficiunt ccxiiii | sic om. JN*  
 3 *silaniana D, salamiana J, salamana MQTUV | xi CMOQTUV*  
 4 Originis] *sic BCF*, oregonis *D*, ogirinis *GMOTUV*, ogirinis (*corr. originis*) *N*, ogerinis *QR*, ocirinis *J* | *xxviii F*  
 5 *om. GT* | quis *D* | quercennis *D*, quennis *MUV*, queenis *Q*, quetnis *O*, guerquennis *R* | *xiii J, xviii N*  
 6 *geminis D, ceconas J* | *xv R, xiii Wess.*  
 7 *in D legi nequit | xiiii] sic N, xiii J, xviii CMRT, xviii reliqui*  
 8 — 10 *R ponit post p. 11*  
 8 *om. O* | presidio *JQR* | *viii BFG, xvii C*  
 9 Nemetobriga] *sic N*, nemetobrica *FMR*, nemotobrica *B*, nemetoborica *C*, nomerobrica *Q*, nometobrica *GOTUV*, nemētobrica *coptio J* (*coptio natum ex mpm*)  
 10 forocoptio *J* | *xviii J*  
 11 gecestario *J* | *xvii J*  
 12 belgido *libri*; | *xvi N, x Wess.*  
 13 Interamnio] *sic N*, intereraconio *BR*, intereragonio *F*, interepaconio *CGMOTUV*, interepaconia *Q*, interaconio *J* | fluuio *CGMOQTUV*  
 14 asturiga *N*  
 15 bragara *BC* | adsturicam *B*, asturica *JNR* | *ccxcviii] recte; ccxcviii JNV, ccxcix Sur. Wess. | sic om. J*

1	Limia . . . . .	mpm xviii
2	Tude . . . . .	mpm xxiii
3	Burbida . . . . .	mpm xvi
4	Turoqua . . . . .	mpm xvi
5	Aquis Celenis . . . . .	mpm xxiii
6	Pria . . . . .	mpm xii
7	Asseconia . . . . .	mpm xxiii
8	Brevis . . . . .	mpm xii
9	Marciae . . . . .	mpm xx
10	Luco Augusti . . . . .	mpm xiii
11	Timalino . . . . .	mpm xxii
12	Ponte Neviae . . . . .	mpm xii
13	Uttaris . . . . .	mpm xx
14	Bergido . . . . .	mpm xvi
15	Interamnio Flavio . . . . .	mpm xx
16	Asturica . . . . .	mpm xxx.

---

17	Item per loca maritima a Bracara	
18	Asturicam . . . . .	mpm ccvii sic

- 1 licoia *J* | xviii *JN*  
 2 xvi *J*, xviii *O*  
 3 *om. J* | burbala *G*, burbacla *T*, burbada *MOQUV*, barbida *R* | xxvi *F*  
 4 *om. J* | turoca *C* | xiii *F*  
 5 selinis *F*, scelenis *OQ*, celinis *BJT* | xxiii *J*  
 7 assegonia *DJN*, asseconia *O*, ascionia *Q* | xiii *D*, xxii *OQ*  
 8 xxii *D*  
 9 Marciae] *sic CNUV*, martiae *FG*, martie *J*, marcie *reliqui*  
 10 loco *libri*. | augusto *CMOQTUV*, augustini *R* | vi *F*, xvi *Sur. Wess.*  
 11 timilano *F*, timalino *N*, tomalino *G*, timalimo *T*, ticoalino *J*  
 12 Neviae] *sic DR*, neuie *BCF* naeuie *J*, naeuiae *N*, nouiae *GTUV*, nouie *MOQ* | xvi *J*  
 13 Uttaris] *sic CDR*, uttaris (*ut videtur*) *B*, utcaris *MOQTUV*, uitarris *FG*, uitaris *N*,  
 uectaris *J*  
 15 interamnio *FG*, intermino *U*, in teraconio *J* | fluuio *CGMOQRTUV*  
 16 sturica *D*  
 17 marittima *Q* | braccara *N*, bracaria *OQR*,  $\bar{v}$  *C*  
 18 asturica *MOQRT* | *post Asturicam add. usque CJMNOQRTUV* | ccvii *om. JNQ*, *inter versus a tertia manu habet L* | *sic habent MOQT, om. reliqui* | *stadiorum summa omissa est: milia sunt ccvii*

1	Aquis Celenis . . . . .	stadia CLXV
2	Vico Spacorum . . . . .	stadia CXCv
3	Ad Duos pontes . . . . .	stadia CL
4	Grandimiro . . . . .	stadia CLXXX
5	Trigundo . . . . .	mpm XXII
6	Brigantium . . . . .	mpm XXX
7	Caranico . . . . .	mpm XVIII
8	Luco Augusti . . . . .	mpm XVII
9	Timalino . . . . .	mpm XXII
10	Ponte Neviae . . . . .	mpm XII
11	Uttari . . . . .	mpm XX
12	Bergido . . . . .	mpm XVI
13	Asturica . . . . .	mpm L.
<hr/>		
14	Item de Esuri Pace Iulia . . . . .	mpm CCLXVII sic
15	Balsa . . . . .	mpm XXIII
16	Ossonoba . . . . .	mpm XVI

1 scelenis *J* | *Aquae Celenae, si eadem sunt quae memorantur antec. via eo loco ponendae erunt quo nunc legitur Ad Duos pontes, ita:*

Ad Duos pontes

Vico Spacorum

Aquis Celenis

| stadia] *sic codices plerique hic et in seqq., stadia mp Q, stadia mp̄m T, stad Wess.*

| CXLV *MOQRTUV*

2 sparcorum *FG* | stadia mp̄m CXCv *T, om. Q* | CXXV *R, CL UV*

3 spontes (*corr. pontes*) *C* | stadia] stadia mp̄m *TU, stadia mp Q* | pontes duos *U*

4 grandimuro *GMTUV, gradimuto O, grandimuto Q* | stadia] stadia mp̄m *TUV, stadia mp Q* | LXXX *GMOQTUV*

5 trigundo *JLN, erigondo Q, | XX U, XXIII R*

6 *om. Q*

7 carinico *Q, caronico R* | XVII *Q*

8 lugo *CMOQTUV, loco N, iugo R* | augustini *R* | XIII *F*

9 tunalino *UV* | XXIII *GT*

10 Neviae] *sic FLR, neuie BJN, nouie CMOT, nouiae GUV, nonio Q* | mpm XII *om. OQ*

11 utari *FGMOQTU, uitari R, ultari V*

12 borgido *GOQTUV* | XVII *Q, om. J*

13 LI *O*

14 esupi *G, estri F, exuri Q, suri J, suri (corr. sec. m. esuri) L* | CCLXVII] *recte; CLXIII*

*F, CLXVII G, CCLXXVII JLN, CCLXIII Wess.* | *sic om. JUV* |  $\text{R} \times \text{minus}$  *mg. L*

16 Ossonoba] *sic JLN, ossanoua B, ossana R, ossanoua reliqui* | XIII *F*

1	Aranni . . . . .	mpm LX
2	Salacia . . . . .	mpm XXXV
3	Eboram . . . . .	mpm XLIII
4	Serpa . . . . .	mpm XIII
5	Fines . . . . .	mpm XX
6	Arucci . . . . .	mpm XXV
7	Pace Iulia . . . . .	mpm XXX.
-----		
8	Item ab Esuri per compendium	
9	Pace Iulia . . . . .	mpm LXXVI sic
10	Myrtili . . . . .	mpm XL
11	Pace Iulia . . . . .	mpm XXXVI.

1 atani *Q*, atanni *O*

2 scalacia *D*, serapia (*et mox sarapia*) *J*, sarapia *LN*, rarapia *BCFR*, rapta *GMOQT UV*. | xxxii *F* | versus 1 et 2 repetit *J*, deinde inserit duo itinera a Bracara Asturicam (pag. 99-100). quod hic latet vitium Cortesius ita emendare tentavit (*M. Cortés y Lopez, Diccionario geogr. hist. de la Esp. ant. Madrid 1835 T. 1 p. 265*):

Iter ab Esuri Pace Iulia.

Balsa xxiv. *Tavira*.

Ossonoba xxvi. *Faro*.

Arani xl. *Monchique*.

Rarapia xxx. *Ourique*.

Pace Iulia xxxix. *Beja*.

Iter ab Esuri Ebora

Serpa lx. *Serpa*.

Fines xvi. *Moura*.

Arucci xxiv. *Mourão: Arucci nova*.

Ebora xxix. *Ebora*.

3 eburam *R*, Ebora *Wess*. | xliii *V*, xlviij *N*, lxiii *D*

4 xii *R*

5 fine *D*

6 aracci *D*, arrucci *FG*, aructi *J*, aruca *MOQTUV* | xxii *FG*

7 paci *D* | xxxvi *D*

8 *om. D* | ab] a *U* | esuria *R*, aesuri *T* | compendium *BL*

9 *om. D* | lxvi *R* | sic *om. JN*

10 *om. D* | mirtili *N*, murtilla *O*, murtili *Q* | l *Q*

11 *om. D* | xxiii *R*

-----

## APPENDICE C

---

### ESTATUAS GALLAICAS

Aos dois lados da porta d'entrada do jardim botânico da Ajuda ha duas estatuas singulares. Tem uma, a do lado direito, approximadamente 2 metros 50 d'altura: a outra 40 centímetros menos que a primeira. São ambas, pois, collossaes, e, com pequena differença, identicas; ambas de granito, representando dois guerreiros em pé. Foram achadas, conforme se lê na inscrição gravada no pedestal de cada uma, no anno de 1785, *no outeiro Lezenho, perto da villa de Montalegre, prov. de Traz-os-Montes*, que pertenceu á provincia romana de Gallaecia e Asturia. Não encontro menção d'ellas nos livros que consultei: ignoro, pois, quem as descobriu e as remetteu para Lisboa; mas supponho que para isso contribuiria fr. Vicente Salgado.

A descripção que vou dar convem a ambas as estatuas. Como em todas as obras d'arte rudimentar, está a figura em pé, direita, com os braços cingidos ao tronco, as pernas unidas; mas a cabeça bastante inclinada para a frente. É tão tosco o trabalho, e o granito resistiu tão pouco á acção do tempo, que me foi inteiramente impossivel averiguar se o operario (pois que se lhe não póde chamar artista) quiz na cabeça indicar cabelleira espessa, ou se uma cervilheira de couro cingida até meio da face, como os lanceiros que vêmos, ás vezes, nas moedas celtibericas da Hespanha, ainda que geralmente estes trazem elmo rematado em pennacho ou chapéo d'aba larga. Todavia, na nuca distingue-se claramente o cabelo. As orelhas largas estão descobertas; a barba é cheia e espessa; os olhos e o nariz executados o mais grosseiramente possivel. Em volta do pescoço está collocada a *torques* celtica em dobras grossas e tão salientes, que parece uma colleira. O tronco está coberto com um gibão liso e justo, com alguns enfeites grosseiros no peito e nos hombros. Á volta do antebraço vêem-se umas como ligas, que porventura indicam a bainha das mangas. Os braços nús, cingidos ao tronco, formam no cotovelo um angulo recto; a mão direita, apoiada na anca, aperta o punho de uma espada curta, semelhante á dos lacedemonios, com o fio curvo, as costas rectilneas, e a ponta aguda; ao passo que a mão

esquerda, na mesma altura da outra, segura um pequeno escudo redondo, no meio do qual, por unico adorno, se vê um botão saliente. O saio que lhe desce quasi até ao joelho, é cingido por um cinto largo, que passa por baixo do escudo, com alguns enfeites, que contrastam notavelmente com o trabalho tosco do resto. As pernas unidas são d'uma formação robusta, quasi comparavel á das estatuas assyrias, só mais grosseira e exagerada. Os joelhos são salientes. Era superior á capacidade do canteiro formar os pés, ou não eram necessarios, porque as barrigas das pernas assentam sobre cubos da mesma pedra singelamente lavrados. As costas são chatas, o peito não tem elevação, ao passo que o ventre e as coxas sobresaem consideravelmente. Na falta de photographias que me foram promettidas<sup>1</sup>, servirá a copia do modelo em barro d'uma outra inteiramente semelhante, o qual devo á bondade do sr. Herculano, para dar uma idéa approximada do original. Existe esta outra em Vianna do Castello, na casa da exc.<sup>ma</sup> D. Francisca Casado, na rua da Bandeira. Differe esta estatua das de Montalegre, em que a cara, com os olhos angulosos e guarnecidos d'uma grossa orla como os olheiros da viseira d'um elmo, parece antes uma mascara; e em que o cabello, comprido, fechando por baixo da barba e deixando as orelhas de fóra, se assemelha muito a uma cervilheira. A cabeça está separada do tronco, e ao collocarem-n'a de novo ficou mal distincta a *torques*. O saio é decotado em triangulo, o que prova, em relação ás outras estatuas, que a *torques* não deve confundir-se com a gola do gibão. Vêem-se no peito d'esta estatua enfeites muito singulares; mas a fórmula de cruz que predomina n'elles parece-me antes um additamento moderno, com que o povo pretendeu christianisar o mouro — que assim denominam geralmente em Portugal e na Hespanha qualquer estatua antiga. Não afiançarei, todavia, que esta coincidência não seja occasional. No meio do antebraço distingue-se perfeitamente o fim da manga: a mão esquerda, collocada por baixo do escudo, segura-o com fitas atravessadas no braço em fórmula de cruz, e a mão direita, cujo punho tem uma pulseira, sustêm um cutello exactamente conforme ao das estatuas de Montalegre. Tambem este guerreiro tem cinto largo á roda do corpo: do lado direito conhece-se claramente como está dobrado e seguro. O escudo, identico na fórmula aos das outras estatuas, é enfeitado diversamente e com mais cuidado. Estão n'elle seguras duas fitas cruzadas em forma de X, tendo no meio e nas extremidades uma elevação, que se me affigura a fórmula d'uma concha. A applicação das conchas para enfeite d'escudo n'estas costas banhadas pelo oceano não tem nada de sorprendente. Na murça dos peregrinos de S. Thiago, situado um pouco mais para o norte, repete-se o mesmo uso d'um outro modo. Tam-

<sup>1</sup> Esta falta é supprida pela reproducção em gravura da estatua de Vianna, que generosamente fez photographar o nosso amigo o exc. sr. Antonio Pereira da Cunha.



bem faltam os pés á estatua de Vianna. Sobre o cubo em que se acha firmada está na frente, em um pequeno relevo chato, uma figura de frente até aos hombros. Se homem ou mulher, sem enfeite ou vestido, não se pôde conhecer pela rudeza do trabalho. Mas o mais notavel na estatua é ter uma inscrição, e isso n'um logar muito pouco usual; isto é, sobre as coxas, mas não, como acontece nas figuras gregas, etruscas e latinas, sobre uma só das coxas de cima até abaixo; mas sim em direcção horisontal, em varias linhas sobre a aba do saio, começando da ilharga direita e cobrindo todo o corpo até á esquerda, continuando debaixo do saio e correndo sobre a coxa superior d'uma duas linhas e na outra uma linha. No fac-simile acham-se os logares, onde a inscrição é visivel, marcados com os algarismos arabes 1, 2, 3, 4, 5. Toda a superficie dianteira está muito mais gasta pelo tempo do que os lados. A primeira copia da inscrição fel-a o meu amigo A. Soromenho, de Lisboa, socio do Instituto de Roma. Ainda que não é um epigraphista, é perito na leitura de monumentos da idade media e summamente escrupuloso. O sr. Herculano deu-me uma copia em gesso da inscrição. Além d'isso, estudei exactamente o original e tirei um calco, o qual, porém, em consequencia do estado da pedra, só tem utilidade para verificar a disposição de toda a inscrição e determinar-lhe approximadamente a época. Com todos estes auxilios, e em despeito do intento de me não deixar illudir pela primeira copia, eu li quasi inteiramente como Soromenho<sup>1</sup>. O final podia bem ser lido CONTV(berna)LIS (et) frater... se esta leitura não involvesse uma designação demasiadamente positiva d'um estado militar romano. Sendo no principio muito claros os nomes L. SESTI (é licito lembrar as *arae sestianae*, Relatorio de 1861, p. 835), o total pôde ser tomado como commemoração feita ao defuncto por um irmão, e o monumento ser um tumulo em fôrma de estatua. Sendo exacta esta supposição, indicará a parte não inteiramente clara da inscrição, em primeiro logar, o nome de familia e o cognome, e talvez o seu estado ou naturalidade, ou qualquer outra designação. Como nome de pae podia-se suppôr ou admittir CLODAM(e)NIS F(i)L(ius).

Em Valença do Minho, praça de Portugal, em frente de Tuy, no Minho,

<sup>1</sup> A inscrição, como o auctor a publica no seu volume INSCRIPTIONES HISPANIAE LATINAE, num. 2462, é:

L	•	SESTI	•	CLODAME
NIS	•	FL	•	COROC/C/COROCAVCI
VDIVS	•	//F	•	SEMPRON
CONTV			NS	• ET
5		FRATER		

Titulum ita lego quamvis dubitanter: L(uci) Sesti Clodamenis f(i)l(ii) Coroc[o]corocauci. [Ti. Cla]udius [Ti.] f. Sempron[ianus] contu[bernalis eiu]s et frater. Vid. o fac-simile no fim.

acha-se na parede da arcada do mercado uma inscrição infelizmente coberta de tinta d'óleo e retocada, da qual devo a primeira noticia e copia ao meu amigo Soromenho. Com o auxilio d'um calco ainda que imperfeito leio-a do modo seguinte :

DIS • MANIBVS  
 ALLVQVI • ANDERGI • F  
 AETVRAE • ARQVI • F  
 MACRO • ALLVQVI • F • CL  
 VTIMONI • ALLVQVI • F • CIVI  
 EN • III • VIVICII F • FAC • C 1

O fim da linha 5.<sup>a</sup> e a maior parte da 6.<sup>a</sup> é illegivel; mas não faz nada ao caso, pois acha-se ali apenas o nome d'um terceiro filho. Claro é que a inscrição era d'um tumulo de conjuges com dois filhos. Os nomes ANDERGUS e AETURA, não me occorre tel-os visto n'outros monumentos. Uma AMÓ(e)NA. ALLVQVI F(*ilia*) conheço d'uma inscrição do logar d'Arroyo del Puerto, na Estremadura hespanhola. Os exemplos de ARQVIVS colligi-os no meu Relatorio de 1861, p. 787 e seguintes. Quasi cada uma inscrição d'estas regiões, onde os nomes romanos mais usuaes são raros, dá novos nomes de deuses e de pessoas indigenas. CLUTIMO, CLOTIMONIS, não differem mais de CLODAMO, CLODAMENIS da inscrição do guerreiro de Vianna, do que as duas fórmas de nomes ATAECINA e ADAECINA d'uma deusa Lusitana achada por mim em Merida e Medellin, e no sul de Portugal. Além d'isso acho o nome CLODAMUS, em duas inscrições ineditas e mal transcriptas de Lugo e de Coria na Extremadura. O cognome d'aquelle L. SESTIUS COROC? OROCAUSI? lembra o nome seguramente iberico de COROCOTA ou COROCUTA, em apoio do qual já tambem no mesmo Relatorio (p. 389) ajuntei aos exemplos citados por Haupt (no catalogo das variantes ao Testamento de Grunius Prosellus) um outro d'uma inscrição de Merida. L. SESTI póde ser nominativo e genitivo: provavelmente é este, e assim o nome do dedicante n'esse caso está avulso no nominativo. Póde occorrer a duvida de suppôr uma repeti-

<sup>1</sup> Transcrevendo esta inscrição no CORPUS INSCRIPTIONUM LATINARUM, II, n.º 2465, o dr. Hübner suspeitou que nas ultimas notas se fazia menção da Legião VI. VIC. P. F. Felizmente o dr. Gurlitt communicou-lhe, e inseriu o nosso auctor na *Addenda*, uma copia encontrada nos papeis de Viterbo em Viseu, na qual se lêem as duas ultimas linhas

VIIMONI • ALLVQVI • F • C • VA  
 ENS • VEI • LEG • VI • VIC • P • F • FAC • C •

isto é, c(*laudius*) VA(*l*)ENS. VE[*t*(*eranus*) LEG(*ionis*) VI. VIC(*tria*) P(*iae*) F(*idelis*) FAC(*ien-*  
*dum*) c(*uravit*). — (S.)

ção errônea das duas primeiras syllabas, sobretudo por se achar a segunda parte da 2.<sup>a</sup> linha bastante mais alta que a primeira. Segue o nome do irmão. Ao principio da linha parece CLAUDIUS inevitavel como preenchimento, ainda que o outro irmão se chamava SESTIUS. Explica-se isto, porém, facilmente por terem tido os dois irmãos o direito civico de dois differentes patronos; e assim *gentilicia* diversa, sendo d'este modo *fratres uterini*, como parece indical-o faltar aqui o nome do pae. Mas juntando *udicus* como final ao cognome do defuncto, podia-se ler depois outra vez SESTIUS e reconhecer nos seguintes o nome e cognome do irmão. Deve, porém, renunciar-se á reconstrucção d'esta parte da inscripção. Em todo o caso é certo que a estatua de Vianna não é idolo, mas um monumento tumular, e que o guerreiro que representa era um *galleco* dotado de direito civico romano. Ainda que é sabido que já Decius Brutus, consul do anno 616 U. C., depois do seu triumpho sobre os gallecos, usava o dictado de *gallecus* ou, em fôrma mais antiga, de *callaicus*, é claro que antes da subjugação dos cantabros e asturenses, por Augusto, tambem os gallecos formaram uma parte nominal da provincia citerior. Do meado do 7.<sup>o</sup> e do 8.<sup>o</sup> seculo se acham registados ainda uma serie de triumphos de *Lusitanis* e de *Hispanis* nos fastos triumphaes; parece, porém, que os romanos de futuro deixaram em paz os gallecos. Que estes, como os asturenses, depois da campanha de Augusto, continuamente se rebellaram, prova-se pela circumstancia de que Asturia e Gallecia desde o principio tinham, como parece, uma administração peculiar, e que no tempo de Caracalla, quando se começaram, por variadas razões, a partilhar em pequenos territorios os grandes corpos provinciaes, foi organisada n'uma separada *Provincia Hispania nova citerior*.

A inscripção, considerada paleographicamente, denota na fôrma já bastante esvelta dos caracteres antes o fim que o meado do primeiro seculo, podendo pertencer, quando muito, ao tempo de Nero, sendo assim mais moderna do que a já mencionada de Valença (onde já se emprega o -o- e o -q- minúsculo), a qual é evidentemente da época de Augusto. Assim se determina a época da propria estatua, e com isso recebe tambem a sua confirmação aquella antiga maxima de que os principios da arte em todos os tempos estão sujeitos a leis semelhantes, e que a rudeza de per si de modo algum é um indicio certo de muita antiguidade. Se por acaso se não tivesse achado em alguma das estatuas uma inscripção e muito mais uma inscripção latina, não faltaria quem attribuisse a estas estatuas uma data muito mais remota.

O costume de collocar como monumento sepulchral a estatua do defuncto, parece ter sido muito usual entre os gallecos, sendo todavia de crer que tal estatua não seria um retrato, no sentido rigoroso, mas sim (como as antigas estatuas dos vencedores olympicos) uma distincção generica. Ás trez estatuas que acabo de descrever e que são inteiramente semelhantes entre si, podemos ajun-

tar mais duas na Galliza. Não sei se ainda existirão, pois as conheço só pelas informações de Mauro Castella Ferrer (*Hist. del Apostol Santiago, 1610*). A primeira, encontrada na proximidade do mosteiro de Cellanova, em Castro de Rubias, junto de Araujo, descreve-a elle assim: «*figura de hombre de piedra, desnudos los brazos, con un sayo largo hasta mas arriba quatro dedos de las rodillas, ceñido con una cinta gravada, desnudas las piernas; en las manos tiene una rodela, ó escudo redondo con una punta en medio.*» Esta descripção, da qual se vê que a estatua é completamente semelhante ás outras tres, termina assim, sem interrupção, depois das palavras citadas: «*con el siguiente letrero.*» Huerta, que, nos *Anales de Galicia* (1, pag. 140) copia Ferrer sem ter visto a estatua, suppoz que a inscripção estava no escudo. Nada nos leva a crer que Ferrer quizesse dizer tal, pois apenas parece querer significar que existia a inscripção, sem todavia designar o logar que ella occupava. Mas não é de todo improvavel que tenha estado no escudo. Eis a inscripção, no seu classico lacinismo:

A D R O N O  
V E R O T I • F

De Ferrer a copiou o padre Martin de Roa na sua *Historia de Ecija*, e d'ahi a transcreveu Doni (6, pag. 239), mas ambos escreveram erradamente ADORNO. O nome ADRONVS apparece tambem n'uma inscripção de Braga. (Vid. pag. 77)

A quatro leguas de Orense, entre as parochias de Santa Maria de Boveda e S. Miguel de Padrada, no logar de Vilar del Barrio, existia a metade inferior d'uma estatua inteiramente semelhante ás quatro mencionadas, servindo como marco divisorio entre as duas citadas parochias, segundo o dizem o marquez de Almenara e D. José Verêa y Aguiar (auctor d'uma Historia de Galiza) n'um relatório dirigido á Academia Real de la Historia em 1837. A Academia apenas conserva d'esta estatua um desenho muito imperfeito; mas a falta dos pés, o escudo redondo com o botão no centro, o cinto, não deixam duvida alguma sobre pertencer esta estatua á mesma classe das outras. São, pois, cinco os monumentos d'este genero até hoje conhecidos. Quem percorrer as provincias da Galliza e a de Traz-os-Montes em Portugal, regiões ainda não devidamente exploradas pelos eruditos, achará, de certo, muitas mais<sup>1</sup>. As inscripções das duas

<sup>1</sup> Na carta de couto de Midões, passada por Affonso I em 13 de novembro de 1169, lê-se, na designação das confrontações do couto, o seguinte: «*Quorum unus (sc. terminus) lapis incompositus videtur, alter vero similitudinem hominis habere videtur in modum «idoli»* — o que indica evidentemente a existencia n'aquelle sitio d'um monumento semelhante aos descriptos pelo auctor, mas que debalde procurámos. — (S.)

estatuas bastam para a determinação da especie e época d'estes monumentos até ao presente unicos no seu genero, ao passo que os proprios monumentos nos dão uma idéa do traje e das armas dos gallecos sob o dominio romano.

Se nas duas inscrições attendermos só ao nome do defunto, e n'uma d'ellas ao do consagrador, não precisaremos suppor que estes guerreiros tivessem servido em cohortes romanas. Havia, pelo menos, duas cohortes auxiliares de Asturos e Gallecos, distinctas de outras cinco formadas só de Asturos, a primeira das quaes, no tempo de Nero, estava no Illyrio, sob o commando de L. Salvidiena Salviano Rufo<sup>1</sup>; e a segunda na Panonia, no imperio de Tito e Domitiano, ás ordens de T. Atilio Rufo<sup>2</sup>, depois legado na Syria. O acharem-se ahi conjunctamente Asturos e Gallecos parece indicar que o districto do recrutamento fora a parte mais oriental da Galliza, o actual Vierzo, limitrophe d'Asturias e Leon.

Além d'estas havia cinco cohortes GALLAICORVM (OU CALLAECORVM como se lê *in parte interna* do mesmo diploma militar)<sup>3</sup> LVCENSIVM OU LVCENSIVM ET GALLAECORVM, a quinta das quaes achamos no tempo de Nero servindo no Illyrio, e juntamente com a II ASTVRVM ET CALLAECORVM, na Panonia, sob o imperio de Domitiano. Chamaram-se Lucenses da sua capital Lucus (com o bosque sagrado), mais tarde consagrada a Augusto sob o nome de *Lucus Augusti*, hoje Lugo, para se distinguirem dos *Gallaeci Bracari* ou *Bracarenses*, cuja capital Bracara Augusta, hoje Braga, ficava mais para o sul, entre Minho e Douro.

De Bracaraugustanos havia cinco cohortes: a terceira, no tempo de Hadriano, teve quartel na Britania<sup>4</sup>; a quinta na Germania<sup>5</sup>. D'onde conjecturamos que os guerreiros representados nas cinco estatuas, attendendo ao logar onde se encontraram, eram *gallaeci bracaraugustani*.

É ponto duvidoso se duas cohortes *Lucensium*, das quaes a primeira, no tempo de Tito, estava na Panonia<sup>6</sup>, e a segunda, no de Trajano, na Moesia inferior<sup>7</sup>, pertencem ou não ás cinco de *Lucenses et Gallaeci*, visto o grande nu-

<sup>1</sup> Henzen, 5407.

<sup>2</sup> Ibid., 5428, 5430.

<sup>3</sup> Ibid., 5430.

<sup>4</sup> Ibid., 5455, e na Raetia, 6565.

<sup>5</sup> Ibid., 6852. A quarta cohorte estacionou na Judéa, talvez no tempo de Hadriano, sob o commando de Caio Aufidio Maximo, como consta da seguinte inscrição descoberta na Argelia em 1867: C. AVFIDIVS. C. FIL. Q. MAXIMVS || PRAEF. COHORT. III. BRACARVM || IN. IVDAEA. TRIB. MILIT. LEG. XII || FVLMINATAE. IN. KAPPADOCIA || PORTICVM. ET. ZOTHECAS. OB. HONO || REM. PONTIFICATVS. INLATIS. REI || PVBLICAE. LEGITIMIS. B-S. X. NVM || PRIMVS. DEDIT. IDEMQ. DEDICAVIT. — (S.)

<sup>6</sup> Henzen, 5428.

<sup>7</sup> Ibid., 6857.

mero de tropas recrutadas n'estes districtos, as quaes, de mais a mais, pela natureza montanhosa do paiz só constavam de infantaria: pelo menos, não se conhecem *alae Gallaecorum* ou *Lucensium*. De *Lucenses* havia, pelo menos, trez cohortes, a ultima das quaes é conhecida por uma inscripção de Lugo, proxivamente descoberta. Pelo contrario, de Asturos são conhecidas não só cinco cohortes de infantaria, mais tambem tres alas de cavallaria, devido, sem duvida, a que a parte meridional do territorio asturiano ou dos *Astures augustani* (assim denominados da sua capital Asturica Augusta, hoje Astorga) comprehende já uma parte da vasta planura de Leon e Castella.

Finalmente, embora os guerreiros representados nas cinco estatuas não pertençam a nenhuma das cinco cohortes de Bracaraugustanos, é, todavia, certo que, como já disse, nos fazem conhecer o trajo e o ornamento dos *Gallaeci Bracari*, que, sem duvida, era e permaneceu nacional.

As moedas celtibericas, vulgares no valle do Ebro e na costa oriental da Hespanha, nunca foram encontradas no extremo occidental da Peninsula e da Europa: circumstancia altamente notavel, mas não geralmente sabida, ou, pelo menos, não mencionada pelos numismaticos transpyrenaicos. Não escaceam monumentos celticos, ainda que de poucos tenha chegado noticia ao publico; mas não me consta que se hajam encontrado armas e utensilios indubitavelmente anteriores ao dominio romano.

Por isso estas estatuas devem apreciar-se como os unicos vestigios d'uma semi-cultura barbara muito caracteristica.

Berlin, outubro de 1861.

E. HÜBNER

## NOTAS

---

O escripto de Jeronimo Jordan a que o dr. Hübner se refere a pag. 20 tem o seguinte titulo: «*Schediasma in quo generaliter de Lusitaniis rebus fit sermo, speciatim vero Camalae urbis situs, creatio atque etymologia investigantur.*»

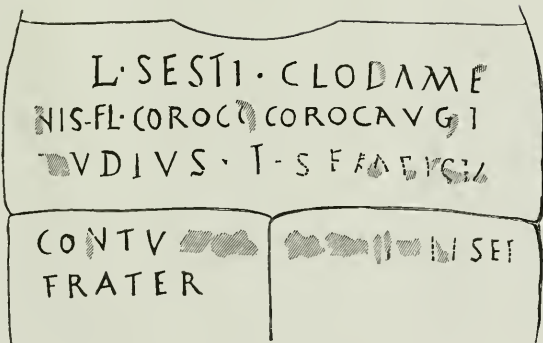
N'esse opusculo, extremamente raro, interpreta elle a inscripção citada do seguinte modo: IOVI. OPTVMO || MAXVMO || VICANI || CAMALOC(*ei*) IN[*pensis suis posuerunt*] ou CAMALOC*ei*. IN[*teranienses*], e pretende que Camala (cidade) ficava a xxiv milhas ao norte de Coimbra. —(S.)

---

N. B. A pag. 104 onde se lê: «D. Francisco Casado» lêa-se «Quesado.»









Ciudad

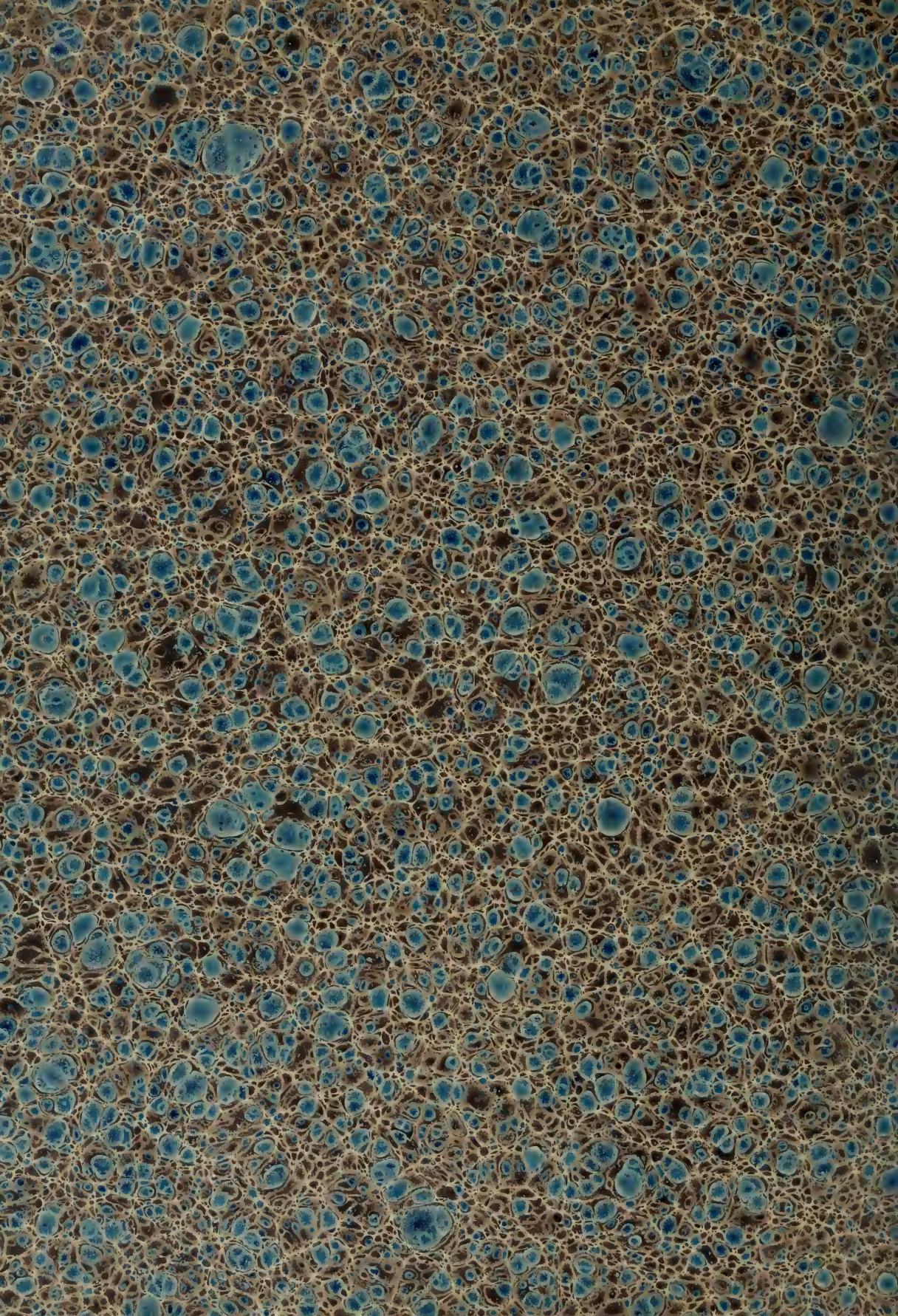
sup. obispa

villas

Asignados - p. 88

de la catedral de Santiago 6.5

de la catedral de Portugal - 6.8





GETTY CENTER LIBRARY



